



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras - IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP
Programa de Pós - Graduação em Linguística – PPGL

REDUPLICAÇÃO NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)

Fabiane Elias Pagy

Brasília
2012



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras - IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP
Programa de Pós – Graduação em Linguística – PPGL

REDUPLICAÇÃO NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)

Fabiane Elias Pagy

Dissertação apresentada ao
Departamento de Linguística,
Português e Línguas Clássicas da
Universidade de Brasília como parte
dos requisitos para a obtenção do título
de Mestre em Linguística.

Brasília
2012



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras - IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP
Programa de Pós – Graduação em Linguística – PPGL

REDUPLICAÇÃO NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)

Fabiane Elias Pagy

Orientador: Prof. Dr. Dioneu Moreira Gomes

BANCA EXAMINADORA:

Dioneu Moreira Gomes (Orientador - PPGL/UnB)

Audrei Gesser (membro externo - UFSC)

Marina M. S. Magalhães (membro interno - PPGL/UnB)

Kleber Aparecido da Silva (suplente - PPGL/UnB)

Dedico esta dissertação aos amigos e companheiros da Comunidade Surda, àqueles que influenciaram de alguma forma meu aprendizado acerca da Libras e que me apoiaram em todos os momentos. Dedico também aos meus amigos, familiares e meu esposo, sem os quais esta não seria possível. De igual modo dedico aos pesquisadores que têm se empenhado cada dia mais para que a Libras seja linguisticamente analisada, para a construção de uma gramática funcional e que possa ser muito bem aproveitada pelos futuros aprendizes.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, Pai Eterno e Mentor de todas as minhas ações, que me proporcionou sabedoria e clareza nos meus atos, orientou meus estudos e me deu forças para nunca desistir dos meus ideais;

Aos meus pais, Maurício e Laurimele, que sempre acreditaram em mim, me deram a vida e uma educação ímpar, me instruindo e me orientando como ser alguém na vida, sempre me incentivando a crescer e estudar cada dia mais, além de todo o carinho, das broncas, puxões de orelha, abraços e das vitórias conquistadas com o apoio deles;

Ao meu esposo, Israel Costa, homem batalhador, companheiro para todos os momentos, carinhoso, amoroso, brincalhão e divertido. Homem escolhido por Deus para ser o amor da minha vida, criar uma família e para compartilhar todos os momentos. Obrigada por todo o apoio que você me dá (NEOQEAV);

À Pucca, que mesmo sem entender, sempre esteve junto comigo para me alegrar e me distrair nos momentos de ansiedade, estresse e nervosismo;

Aos meus irmãos, Tathiana e Celso, e a todos os meus familiares, tios, tias, primos, primas, agregados, etc. que sempre estiveram ao meu lado nos momentos de que precisei, em especial àqueles que acompanharam essa vitória bem de pertinho: Victor Hugo, Marco Túlio, Paty, Aline e David, Tatá e Nicolas, Bruna, Kaká e Belinha, Pirulitinha e Pirulitinho, Carol e Bê, Pri, Neto e Gi, Dedé, Pedroca, Tia Lú e Titoco, Tia Liliane e Zé, Tia Laurilene, Tia Lauriane, Lalá, Pepeu, Lanny, Teté, D. Socorro, Tio Celso, Norma, Tio Márcio, Tia Wanda. Obrigada a todos vocês!

Ao Vovô Moysés (*in memoriam*) e à Vovó Vera, por todo o amor, apoio e sabedoria ensinadas a mim;

Ao meu orientador e grande amigo Dionei Moreira Gomes, homem de fibra, sábio e “pai” em todos os momentos de que precisei, sendo paciente, compreensivo e tendo sempre uma palavra de motivação para os momentos difíceis durante esses anos;

A todos os meus amigos, em especial Tuxi, Maurício, Pier, Falk, Luciana Marques, Luciana Martins, Marcos de Brito, Denise, Dú Felten, Priscila Gonçalves, Thatiane, Raphael Anjos, Aline Mendes, Ana Regina Melo Salviano e todos aqueles que aqui não citei, mas que estiveram sempre ao meu lado, que entenderam minha ausência em alguns momentos, minhas confusões, mas sem os quais eu não estaria aqui;

Às professoras Heloísa Salles e Enilde Faulstich por toda a sabedoria e todas as palavras de orientação para meu desenvolvimento como pesquisadora em Linguística;

Aos colegas do curso de Letras Libras, por estarem sempre presentes e abertos a discutir e colaborar com minhas “viagens” no mundo da Língua Brasileira de Sinais;

Aos amigos Surdos, sem os quais eu não teria descoberto este dom e aprendido a Libras para me dedicar a este trabalho tão gratificante que é o de Intérprete de Libras, me tornando hoje a pesquisadora que sou.

As mãos rompem o silêncio e fazem a comunicação
de quem não ouve, mas vê, sente e se emociona...

(Autor Desconhecido)

Lavo as minhas mãos na inocência; e assim andarei,
Senhor, ao redor do teu altar. (Salmos 26:6)

Levanta-te, resplandece, porque vem a tua luz, e a
glória do Senhor vai nascendo sobre ti. (Isaías 60:6)

RESUMO

Esta dissertação apresenta o fenômeno da reduplicação presente na Língua Brasileira de Sinais (Libras), mas ainda pouco aprofundado na literatura atual. A primeira etapa deste trabalho e que, de certa forma, esteve presente ao longo de toda esta pesquisa, consistiu em um levantamento de ampla bibliografia disponível acerca do tema reduplicação. Buscamos a literatura sobre línguas orais e línguas de sinais. Daí, chegamos à literatura a respeito da Língua Brasileira de Sinais e à presença desse fenômeno nela. Após análise de todo o arcabouço teórico e elaboração do referencial teórico, realizamos uma análise de vídeo-aulas do curso de graduação em Letras-Libras (Polo-UnB). No capítulo 1, apresentamos a Língua Brasileira de Sinais, mostrando seus conceitos, legislação, a comunidade e a cultura surda, além dos aspectos linguísticos básicos, como sua morfologia, fonologia e a formação do léxico. No capítulo 2, é apresentado o fenômeno da reduplicação de maneira mais geral, pontuando seus conceitos, tipos e suas funções nas línguas do mundo. No capítulo 3, começamos a direcionar um pouco o foco de nosso trabalho, apresentando a reduplicação nas línguas de sinais do mundo, como ela ocorre e sua tipologia. O capítulo 4 foi destinado à apresentação dos resultados encontrados na nossa pesquisa sobre a reduplicação na Libras. Analisamos empiricamente seu funcionamento, os tipos de reduplicação encontrados na Libras, que pode produzir um efeito flexional ou derivacional nos sinais em que ocorre; suas funções na construção do discurso sinalizado, agindo diretamente na formação do léxico da Libras, apresentando ao interlocutor conceitos de pluralidade, processo, duração, intensidade e mudanças de classes com a sua realização; também comentamos o caráter icônico desse fenômeno no discurso e a produtividade da reduplicação, sendo considerada como um dos processos de formação de palavras de

uma língua, seja ela oral ou de sinais. Além disso, apresentamos a teoria do *continuum* defendida por Bybee (1985) e Haspelmath (2002), que não categoriza um fenômeno taxativamente e tratamos da reduplicação como um fenômeno tanto flexional quanto derivacional.

Palavras-chave: morfologia, reduplicação, Libras.

ABSTRACT

This dissertation presents a reduplication phenomenon occurring in Brazilian Sign Language (Libras), which is little depth in the literature. The first stage of this work and that, somehow, was present throughout this research, consisted of an extensive survey of available literature on the subject reduplication. We search the literature on oral languages and sign languages. Hence, we come to the literature on Brazilian Sign Language and the presence of this phenomenon it. After analysis of the entire theoretical framework and development of the theoretical, we performed an analysis of video lessons undergraduate degree in Letras-Libras (Polo-UNB). In chapter 1, we present Brazilian Sign Language as a whole, with its concepts, legislation, the Community and Deaf Culture, and the linguistic aspects such as morphology, phonology and lexicon. In chapter 2, we describe the phenomenon of reduplication more broadly, scoring their concepts, types and their functions in the languages of the world. In chapter 3, we begin to drive a little focus of our work, showing the sign language reduplication in the world, as it occurs and its typology. Chapter 4, was intended for presentation of research results in reduplication in Libras, directing the eyes and empirically analyzing its operation, the types of reduplication found in Libras, which can produce an inflectional or derivational effect that occurs in the signals, their functions to the construction of signaled speech, acting directly in the formation of the lexicon of Libras. We present to the concepts of plurality, process, duration, intensity and class changes to its performance; we talk about the iconic character phenomenon in speech and productivity of reduplication, being considered as one of the processes of word formation of a language, oral or signal. In addition, it presents the continuum theory advocated by Bybee (1985) and Haspelmath (2002), for

who this is not a phenomenon that can be categorized absolutely, dealing with reduplication as a phenomenon inflectional and derivational.

Keywords: morphology, reduplication, Libras.

SUMÁRIO

RESUMO	viii
ABSTRACT	x
SIGLAS E ABREVIATURAS	xiv
SÍMBOLOS	xv
0. INTRODUÇÃO	1
0.1. Apresentação do Problema	1
0.2. Objetivos / Questão da Pesquisa	4
0.3 Justificativa	5
0.4 Metodologia/Constituição do <i>corpus</i>	20
CAPÍTULO 1 Língua Brasileira de Sinais (Libras)	23
1.1 O que é a Libras?	23
1.2 Legislação	43
1.3 Comunidade e cultura surda	44
1.4 Fonologia da Libras	48
1.5 Morfologia da Libras	59
1.6 Formação do léxico na Libras	81
1.7 Resumo do capítulo	85
CAPÍTULO 2: Reduplicação	87
2.1 O que é a reduplicação?	87
2.2 Tipos	93
2.3 Formas	104
2.4 Funções	104
2.5 Resumo do capítulo	109

CAPÍTULO 3: Reduplicação em línguas de sinais	111
3.1 Reduplicação em línguas de sinais	111
3.2 Tipologia da reduplicação em línguas de sinais	113
3.3 Resumo do capítulo	117
CAPÍTULO 4: Reduplicação em Libras	118
4.1 Reduplicação em Libras	118
4.2 Tipos de reduplicação em Libras	130
4.3 Funções da reduplicação em Libras	144
4.4 Formas da reduplicação em Libras	159
4.5 Caráter icônico da reduplicação em Libras	163
4.6 Produtividade da reduplicação em Libras	166
4.7 Das categorias estanques à teoria do <i>continuum</i>	170
4.8 Resumo do capítulo	177
CONSIDERAÇÕES FINAIS	178
REFERÊNCIAS	180

SIGLAS E ABREVIATURAS

LS	Língua de Sinais
Libras	Língua Brasileira de Sinais
GDR	Graz Database on Reduplication
Suj.	Sujeito
Verb.	Verbo
Obj.	Objeto
Adv.	Advérbio
RED.	Reduplicação
Verb.compl.	Verbo complementar
vrap.	Velocidade rápida
vdev.	Velocidade devagar
vnorm.	Velocidade normal
pron.	Pronome
adj.	Adjetivo
subst.	Substantivo
num.	Numeral
RED _{CM}	Configuração de Mão Reduplicada

SÍMBOLOS

Movimentos dos sinais¹.

 : Movimento em plano vertical, podendo ocorrer para cima, para baixo, para os lados ou em diagonal.

 : Movimento que sobe e desce em plano vertical, podendo ocorrer para cima, para baixo, para os lados ou em diagonal.

 : Movimento em plano horizontal, podendo ocorrer para frente (), para trás, puxando para o corpo() ou em diagonal horizontal(   ).

 : Movimento que vai e volta em plano horizontal.

 : Movimento circular único realizado em frente ao corpo quando a orientação de mão for para frente e encostado ao corpo quando a orientação de mão for para trás.

 : Movimento circular reduplicado realizado em frente ao corpo quando a orientação de mão for para frente e encostado ao corpo quando a orientação de mão for para trás.

 : Movimento circular único, aproximando e afastando do corpo.

¹ Símbolos retirados e adaptados do programa SW-Edit, sistema utilizado para a escrita das Línguas de Sinais.



: Movimento circular reduplicado, aproximando e afastando do corpo.



: Movimento em espiral



: Movimento curvo vertical.



: Movimento curvo horizontal.



: sinal que indica mais repetições do que a quantidade demonstrada

numericamente.

INTRODUÇÃO

1. Apresentação do problema

O presente trabalho tem o objetivo de documentar e analisar a reduplicação existente na Língua Brasileira de Sinais, conhecida oficialmente como Libras (Lei 10.436, de 24/04/2002), que é a língua utilizada pela comunidade surda brasileira para sua comunicação.

A língua de sinais (LS) é uma língua de modo viso-espacial, pois, ao contrário das línguas orais que utilizam os sistemas auditivo e oral para sua realização, a LS necessita da visão e de um espaço localizado à frente do corpo do sinalizante para sua realização. É reconhecida pela linguística por possuir um arcabouço de regras e seguir critérios linguísticos que a fazem parte do rol de línguas naturais, possuindo toda uma gama de características e propriedades presentes nas línguas humanas de maneira geral, tais como: (i) versatilidade e flexibilidade; (ii) arbitrariedade; (iii) descontinuidade; (iv) criatividade e produtividade; (v) dupla articulação; (vi) padrão; e (vii) dependência estrutural.

De acordo com Aronoff & Fudeman (2005) e Haspelmath (2002), de maneira geral, a morfologia, na Linguística, refere-se ao sistema mental envolvido na formação das palavras, ou é visto como um ramo da Linguística que estuda e analisa as palavras, sua estrutura interna e como elas são formadas.

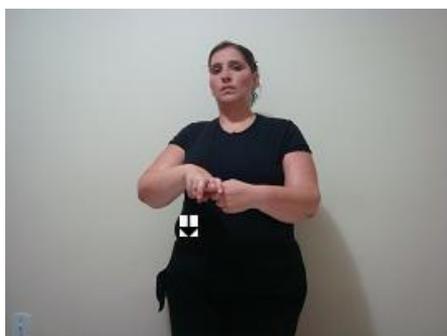
Nos estudos linguísticos sobre línguas de sinais, um campo bastante desafiante é o da morfologia. A Língua Brasileira de Sinais (doravante Libras) apresenta uma estrutura complexa, não sendo apenas uma representação manual do Português. A Libras possui uma organização própria, sendo seu léxico composto por sinais manuais

estabelecidos, como nas línguas naturais, através de convenções e uso por parte dos falantes, mas há também muita iconicidade na formação dos sinais.

No campo da Morfologia, um ponto interessante a ser estudado é a reduplicação, que, segundo o *Graz database on reduplication* (doravante GDR)¹, é um fenômeno morfológico que implica a repetição de uma palavra ou parte dela, visando à formação de outra palavra, seja por meio de flexão ou derivação.

Nas línguas de sinais, esse processo é explicado por Quadros & Karnopp (2004) como sendo um fenômeno que ocorre da mesma maneira que nas línguas orais, podendo diferenciar principalmente um nome de um verbo, sugerindo que o processo de reduplicação seria responsável pela mudança da classe gramatical a que pertence um determinado sinal. O exemplo dado é o verbo "sentar" apresentado em (1)², que, mediante a reduplicação, no caso do movimento, se tornaria o substantivo "cadeira".

(1)³



SENTAR⁴



CADEIRA

¹ Conferir www.reduplication.uni-graz.at.

² Os exemplos de Libras apresentados em todo o trabalho são disponibilizados em um DVD anexo ou no site <http://www.youtube.com/watch?v=Ky4ke-D6HrU> para melhor compreensão e visualização do sinal como um todo.

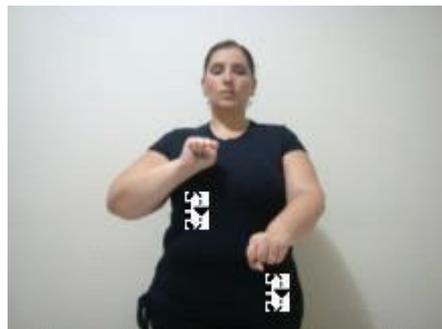
³ Para representar o sinal utilizado na Libras, realizamos a sua apresentação em forma de glosas, devido às especificidades da Língua de Sinais e resgatando a forma que a bibliografia existente utiliza para transcrição desses dados.

Na Libras, muitos sinais utilizados são icônicos, tendo uma íntima relação com o que representam; pode haver, portanto, uma semelhança visual entre o objeto concreto e o sinal relativo a ele, como observamos em (2).

(2)



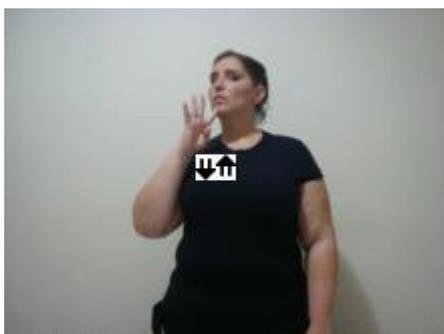
CARRO



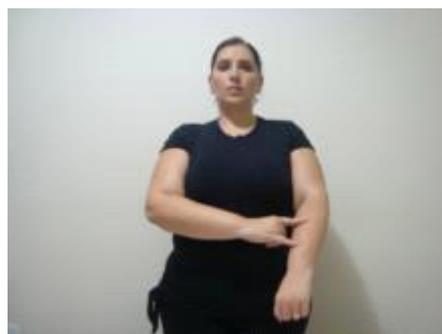
BICICLETA

Por outro lado, muitos sinais são arbitrários, estabelecidos mediante convenções de uso acordadas pelos falantes nativos da língua, como em (3).

(3)



CONHECER



BANHEIRO

⁴ A autora desta dissertação usa a própria imagem nos exemplos. Além disso, visando respeitar a maneira como a Libras é falada pelos surdos, foi escolhida a forma de glosas para a apresentação dos dados.

De acordo com Quadros & Karnopp (2004) e Ferreira-Brito (1995), a formação desses sinais se dá pela combinação de cinco componentes, denominados parâmetros pela literatura corrente: (i) configuração de mãos; (ii) movimento; (iii) expressão facial e corporal; (iv) localização ou locação; e (v) orientação de mão, que serão melhor explicados posteriormente.

Consideramos necessário e desafiador um estudo mais detalhado da reduplicação em Libras, associando-o com o caráter icônico desta língua.

2. Objetivos /Questão de pesquisa

2.1. Geral

O objetivo principal deste trabalho é analisar e descrever o fenômeno da reduplicação presente na Libras a partir da análise dos usos dessa língua por seus falantes nativos.

2.2. Específicos

- Aprofundar a distinção entre os níveis fonológico, morfológico e lexical da Libras;
- Identificar os tipos de reduplicação presentes nessa língua;

- Identificar as funções da reduplicação;
- Averiguar o caráter icônico da reduplicação;
- Identificar a produtividade da reduplicação;
- Pesquisar se há variação no uso da reduplicação;
- Comparar a reduplicação em Libras com a reduplicação em outras línguas de sinais;
- Refletir sobre a tipologia da reduplicação em línguas de sinais;
- Comparar a reduplicação em línguas de sinais com a reduplicação em línguas orais.

3. Justificativa

As línguas de sinais são, segundo Ferreira-Brito (1995), consideradas línguas naturais, pois surgiram de maneira espontânea a partir da interação entre os membros da comunidade surda⁵. Os surdos utilizam principalmente a Libras como forma de comunicação, possuindo uma cultura e uma identidade próprias. Essa língua permite aos usuários a expressão de qualquer mensagem ou conceito, de qualquer significado decorrente da necessidade de expressão e comunicação dos seres humanos.

⁵ Comunidade Surda, segundo Strobel (2008), é um grupo composto por indivíduos surdos, ouvintes (membros da família do surdo), intérpretes, professores, amigos e qualquer outra pessoa que participe e compartilhe interesses comuns a esse grupo denominado “povo surdo”, que possui uma identidade própria, chamada de “identidade surda”, que é construída a partir da transmissão de comportamentos realizada pelos surdos adultos, disseminando sua cultura surda e seus costumes.

A Libras foi regulamentada como segunda língua oficial no Brasil pela Lei 10.436, de 2002. Bem antes disso, Stokoe, em 1960, considerou as línguas de sinais como línguas naturais, comprovando que elas atendem a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, apresentando aspectos lexicais, morfológicos, fonológicos, sintáticos, semânticos, entre outros, além da capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças da mesma maneira que outras línguas naturais.

Por serem línguas naturais, Quadros & Karnopp (2004, p. 25) afirmam que “Hockett (1992, p. 11-22), Lyons (1981, p. 30-5) e Lobato (1986, p. 41-7) enumeram uma lista de traços atribuídos às línguas em geral, abordando a diferença entre língua e sistemas de comunicação animal”, ou seja, tais autores apresentam propriedades das línguas naturais, como⁶:

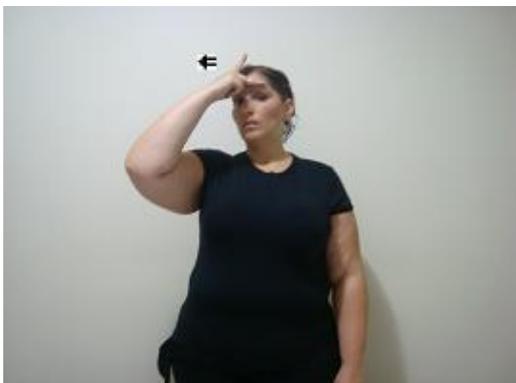
- (i) Flexibilidade: diversas possibilidades de uso em diferentes contextos; a língua pode ser usada para demonstrar emoções, sentimentos, fazer perguntas, afirmações, etc., podendo fazer referência a qualquer tempo (passado, presente ou futuro), situações remotas, até abstratas ou inexistentes, como contos de fadas e histórias, apresentando sempre um contexto e sendo compreendido pelo interlocutor de maneira clara;
- (ii) Arbitrariedade e iconicidade: os itens lexicais que compõem uma língua podem ser considerados arbitrários, quando são resultado de convenções de uso reconhecidas por seus falantes ou, como frequentemente ocorre com as línguas de sinais, podem ser icônicos, pois têm uma forma semelhante àquilo que representam;

⁶ Esses critérios serão retomados e exemplificados no capítulo 1.

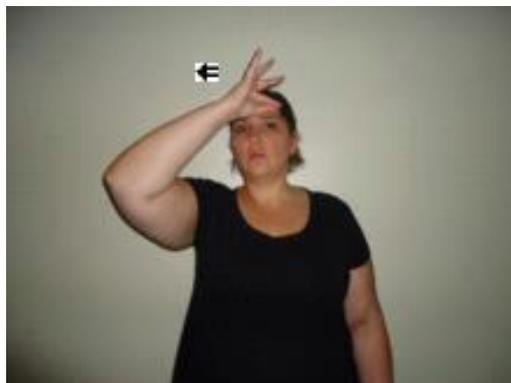
- (iii) Descontinuidade: as palavras que se diferem minimamente na forma apresentam uma diferença considerável em seu significado, como ocorrem em ‘bato’ e ‘pato’, no Português;
- (iv) Criatividade/produktividade: possibilidade de se transmitir qualquer tipo de mensagem de diversas formas, a partir de um conjunto finito de regras;
- (v) Dupla articulação: capacidade de as línguas humanas apresentarem-se nos níveis da forma e do significado, sendo, respectivamente, unidades menores sem significado e unidades combinadas com significado;
- (vi) Padrão: As línguas humanas apresentam um padrão de organização de seus elementos, sejam eles dentro da palavra ou da sentença, que são regras internalizadas por seus falantes;
- (vii) Dependência estrutural: relação estrutural entre os elementos da língua, não podendo estes ser combinados entre si aleatoriamente.

Quadros (2004), ao analisar os aspectos linguísticos das línguas de sinais, afirma que os sinais utilizados em Libras, diferentemente dos gestos que são apenas mímicas, pertencem a categorias lexicais bem distintas, como nomes, verbos, adjetivos, advérbios, etc. Identifica-se nela um léxico e um sistema de criação de novos sinais em que unidades mínimas com significado, comparadas aos morfemas, são combinadas. Para melhor entender esse processo de formação de palavras na Libras, necessita-se primeiramente compreender como é composto o sinal nas línguas de sinais. O sinal é formado a partir da combinação de cinco componentes, denominados na literatura corrente de parâmetros. São eles:

- (i) Configuração de mãos: é o formato que as mãos assumem durante a execução do sinal;

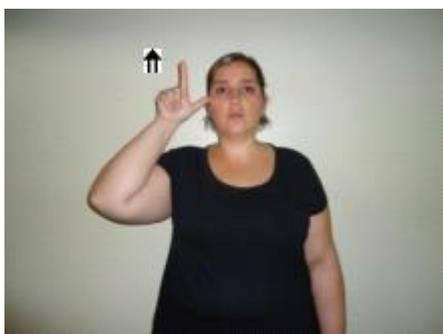


PESSOA

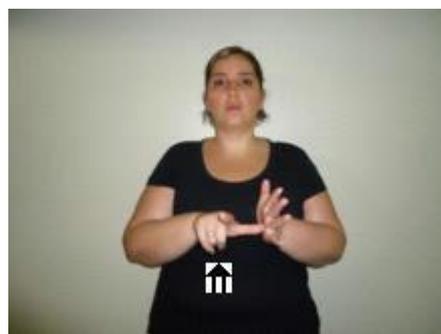


INOCENTE

- (ii) Ponto de articulação ou localização: é o lugar onde o sinal é executado, estando ele em contato com o corpo do falante ou sendo realizado em um espaço localizado à frente do corpo do falante, chamado de espaço neutro;



ONTEM



ANTES

- (iii) Movimento: é o deslocamento das mãos no espaço durante a execução dos sinais. Vale ressaltar que os sinais em Libras podem ou não apresentar movimento;

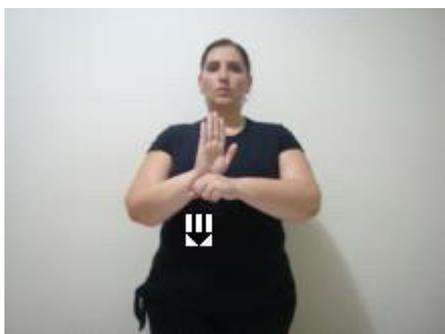


AMANHÃ

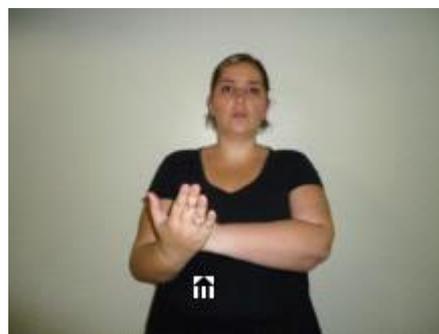


FÁCIL

- (iv) Orientação: é o lado para onde a palma das mãos aponta durante o sinal.
 Para Quadros e Karnopp (2004), este componente diz respeito à fonologia da Libras com base na existência de pares mínimos.

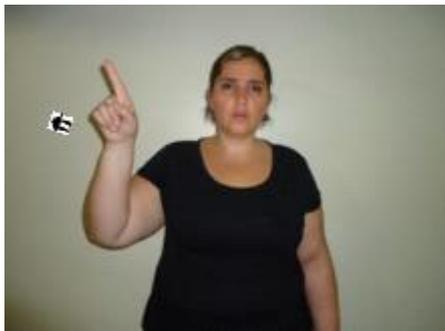


AJUDAR

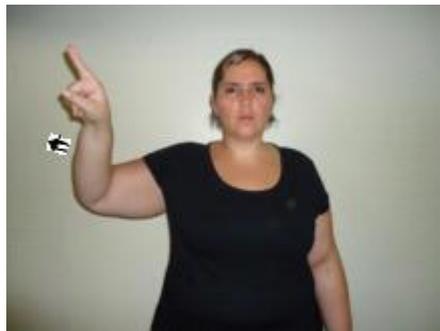


ME-AJUDAR

- (v) Expressão facial e corporal: muitos sinais, além dos parâmetros citados anteriormente, apresentam um quinto fator relevante para sua compreensão adequada. Esse compreende os movimentos da face, dos olhos, da cabeça e do tronco.



IR (pergunta)



IR (ordem)

A formação da palavra em Libras parece envolver processos morfológicos como adição, subtração, alternância e reduplicação. Aqui, daremos especial atenção à reduplicação.

O *Graz Database on Reduplication* define o processo de reduplicação como, pelo menos, a presença de duas formas linguísticas F e F' em uma relação paradigmática em que F' apresenta em sua estrutura a repetição integral da base de F ou de parte dela, formando um novo item lexical, acarretando modificação em seu significado, como reflexo de processos flexionais ou derivacionais.

Observa-se claramente esse processo na língua Tagalog, falada nas Filipinas⁷:

⁷ Exemplos extraídos de Petter, (2005).

(4)	raiz	sulat	“escrev-“
	Futuro	susulat	escreverei, escreverás, etc.

(5)	Raiz	basa	“l(er)”
	Infinitivo	mambasa	ler
	Nominalização	mambabasa	“leitura”

Nos exemplos acima, percebe-se que o fato de se repetir, ou melhor, reduplicar parte da palavra, ocasiona uma mudança em sua estrutura, podendo esta representar uma conjugação verbal ou ocasionar mudança de categoria ou classe gramatical.

Na língua portuguesa, também é possível encontrarmos ocorrência de reduplicação, como em (6).

(6)	Maria	“Mamá”
	Mãe	“mamãe”
	Pedro	“Pepê”

Nesse caso, observamos que a reduplicação ocorre com função de afeto na criação de apelidos; na linguagem infantil, faz parte do processo de aquisição da língua.

Em Libras, também é possível observarmos a ocorrência da reduplicação como um dos processos de formação de palavras, porém, é importante que fique clara a diferença entre a reduplicação e a repetição. Para o GDR, o processo de Repetição consiste na repetição simples de um movimento na execução do sinal ou na transição entre dois sinais, sem alteração gramatical ou lexical. Já a reduplicação consiste na repetição de um dos elementos do sinal, normalmente o movimento, mas com alteração importante nas funções gramaticais ou no sentido lexical.

Ferreira-Brito (2001) fala sobre o favorecimento do uso produtivo da repetição e da reduplicação devido à modalidade viso-espacial da Libras. Para ela,

Em Língua Brasileira de Sinais, uma forma linguística pode repetir-se no espaço (repetição) ou no tempo (reduplicação), podendo ou não coincidir com processo equivalente no nível do significado. No nível ‘fonológico’, a repetição e a reduplicação podem ser, muitas vezes, consideradas unidades mínimas distintivas, posto que distinguem sinais ou itens lexicais. Morfologicamente, esses dois recursos são utilizados para a obtenção de negação, de conceitos aspectuais, de pluralidade e para a mudança de categoria gramatical. O significado pode ser intensificado, através da reduplicação, e a pluralidade, geralmente, é obtida através da repetição.

Para tentar ilustrar, Ferreira-Brito (2001) aponta exemplos, separando-os pelos níveis linguísticos. No nível fonológico ela aponta como reduplicação o que ocorre com os sinais apresentados em (7)⁸, no qual ‘VERDE’ apresenta um movimento único, amplo e simples, enquanto ‘GELADO’ tem um movimento refreado e reduplicado.

⁸ Exemplo retirado de Ferreira-Brito (2001, p. 8).

(7)



VERDE



GELADO

Vale aqui ressaltar que os sinais apresentados pela autora são utilizados mais ao sul do país.

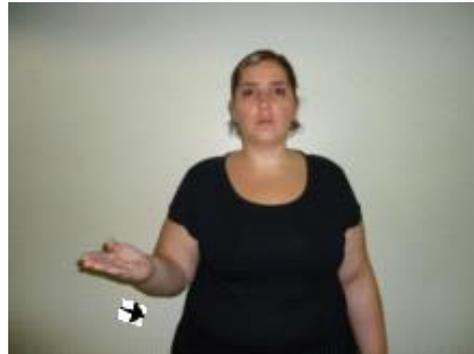
Outro exemplo utilizado por Ferreira-Brito (2001) relaciona-se à distinção apresentada em (8), entre ‘HOJE’ e ‘CORTAR-COM-OBJETO-CORTANTE’⁹, como um machado sendo utilizado para cortar uma árvore. De acordo com a autora, “o primeiro é realizado com um movimento com retenção final que se repete no espaço” (FERREIRA-BRITO, 2001, P. 8), sendo articulado com ambas as mãos, enquanto o segundo é realizado apenas com a mão direita, tendo como unidade distintiva a repetição.

⁹ Esta forma de representação como glosas separadas por hífen também é utilizada pela bibliografia corrente de Libras, e significa que toda essa estrutura refere-se um único sinal.

(8)



HOJE



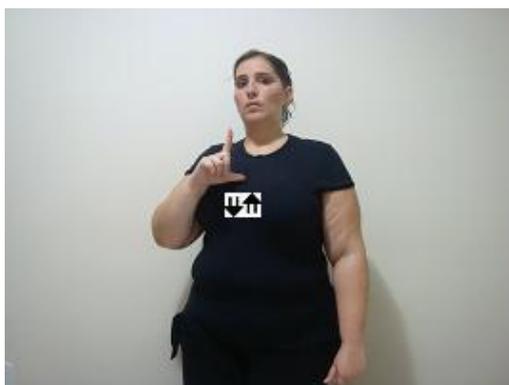
CORTAR-COM-OBJETO-CORTANTE

Aqui é relevante informar que a mão que articula o sinal não influencia em nada em seu significado. Além disso, o emprego dos conceitos de repetição e reduplicação em libras estão aqui apresentados de maneira muito confusa e muitas vezes equivocadas, como falaremos posteriormente, nos capítulos 2 e 4.

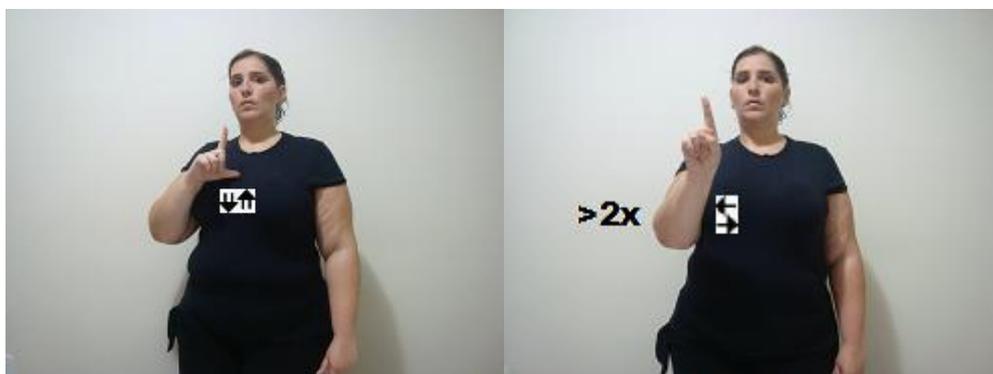
No nível morfológico, Ferreira-Brito (2001) aponta a repetição e a reduplicação como “recursos para a operação de processos gramaticais”. Ela aponta a repetição como uma das formas de se obter negação, como em (9)¹⁰.

¹⁰ Exemplo retirado de Ferreira-Brito (2001, p. 9)

(9)



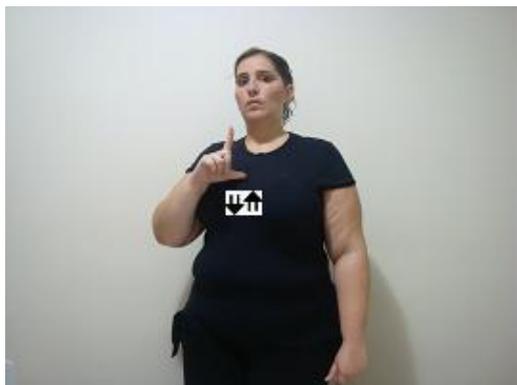
TER



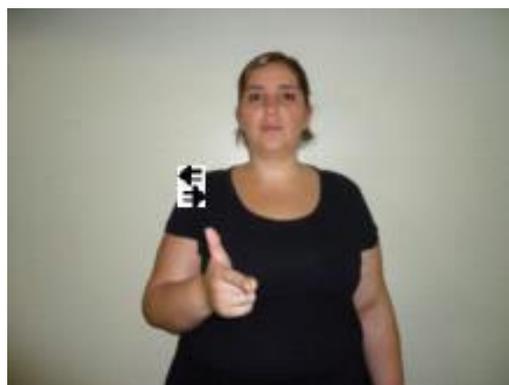
NÃO-TER

Nos exemplos acima, a autora apresenta o sinal TER com movimento simples e único, diferenciando-se do sinal 'NÃO-TER' através da repetição. Porém, o sinal 'TER' apresenta reduplicação intrínseca, como explicaremos no capítulo 4, sendo sua negação executada de maneira bem diferente, como em (10).

(10)



TER



NÃO-TER

Observamos aqui que os sinais ‘TER’ e ‘NÃO-TER’ são apresentados tanto com localização quanto com movimento diferentes. ‘TER’ é realizado com a configuração de mão em “L”, batendo levemente no tórax com movimentos intrinsecamente reduplicados para frente e para trás, enquanto ‘NÃO-TER’ é realizado no espaço neutro à frente do corpo do sinalizante, com o braço deitado, em movimentos também intrinsecamente reduplicados, mas com uma leve rotação do pulso.

Ainda no nível morfológico, Ferreira-Brito (2001) afirma que o aspecto do verbo pode ser marcado pela alteração do movimento. Como exemplo ela aponta o verbo ‘VIAJAR’, com aspecto pontual, como sendo constituído de um movimento refreado com retenção sinal, porém, quando esse verbo é reduplicado três vezes, gera a forma ‘VIAJAR-COM-FREQUÊNCIA’, conforme mostrado em (11)¹¹.

¹¹ Exemplo retirado de Ferreira-Brito (2001, p. 9).

(11)



VIAJAR



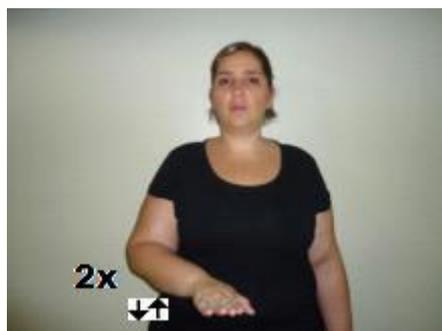
VIAJAR-COM-FREQUÊNCIA

Em (11), é visível que a reduplicação está presente, alterando realmente o aspecto do verbo. O único ponto que deve ser comentado é o fato de que a autora foi taxativa em dizer que a reduplicação do movimento ocorre apenas três vezes, quando sabemos que essa quantidade de reduplicações varia de acordo com o contexto e com a forma e a intensão de comunicação do sinalizante.

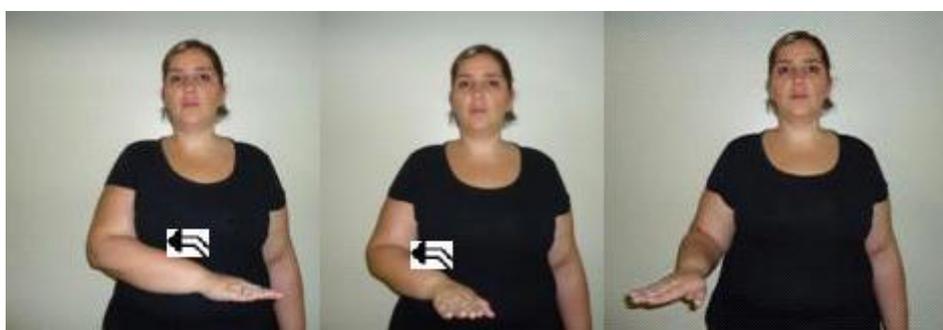
Além dos pontos acima mencionados, Ferreira-Brito (2001) também aponta outras funções para a reduplicação em nível morfológico, como a pluralidade, apresentada em (12)¹², e “alguns casos de derivação”, como apresentado em (13)¹³.

¹² Exemplo retirado de Ferreira-Brito (2001, p. 10).

(12)



CRIANÇA

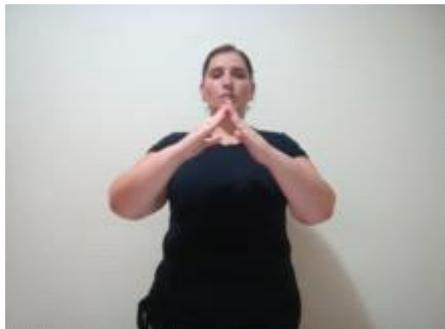


CRIANÇAS

O sinal de criança já é um sinal intrinsecamente reduplicado, porém, um maior número de reduplicações, acompanhados de um deslocamento no espaço a frente do sinalizante transmite ao interlocutor a noção de pluralidade.

¹³ Exemplo retirado de Ferreira-Brito (2001, p. 1).

(13)



CASA



VIZINHO

Com os sinais 'CASA' e 'VIZINHO', como falado anteriormente, ocorre um processo de derivação decorrente da reduplicação uma única vez do sinal, associada ao deslocamento para a lateral.

No nível semântico, Ferreira-Brito (2001, p.14) apresenta sua visão de maneira muito geral, ampla e não aprofundada, não utiliza exemplos, permanecendo esses conceitos confusos para o leitor. Ela afirma que prefere:

[...] pensar em repetição e em reduplicação como reaparecimento de uma mesma unidade linguística. A unidade linguística repetida ou reduplicada pode ser uma unidade mínima distintiva, um morfema, um argumento, um significado verbal ou nominal, um significado funcional ou uma referência.

Assim, os fenômenos acima apresentados são tidos como o reaparecimento de unidades linguísticas que, repetidas ou reduplicadas, podem ser vistas como unidades mínimas distintivas. Apesar de tentar explicar e diferenciar esses conceitos, Ferreira-Brito (2001) acaba mostrando os mesmos como sinônimos, ou estes se confundem muito, pois ora é dito que repetição desencadeia alteração no significado e reduplicação não, e vice-versa, ou ambas acabam desempenhando o mesmo papel.

Desta feita, de acordo com os dados encontrados sobre reduplicação, principalmente para o estudo da morfologia, tem-se a necessidade de melhor conhecer e descrever o processo, observando empiricamente a presença ou não deste fenômeno em Libras, e descrevê-lo de maneira mais clara, concisa e objetiva, visando uma melhor descrição linguística da Libras em meio à comunidade usuária ou não da língua.

4. Metodologia/Constituição do *corpus*

A primeira etapa deste trabalho e que, de certa forma, esteve presente ao longo de toda esta pesquisa, consistiu em um levantamento de ampla bibliografia disponível acerca do tema reduplicação. Buscamos a literatura sobre línguas orais e línguas de sinais. Daí, chegamos à literatura a respeito da Língua Brasileira de Sinais e à presença desse fenômeno nela.

Após análise de todo o arcabouço teórico e elaboração do referencial teórico, realizamos uma análise de vídeo-aulas do curso de graduação em Letras-Libras (Polo-UnB). Esse curso foi criado em 2006 pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), atendendo ao decreto 5.626/2005, que exige a formação de professores e profissionais intérpretes em Libras. O curso tem como públicos-alvo surdos e intérpretes de Libras que procuram uma formação superior, sendo divididos em duas diferentes turmas: Licenciatura, que tem como foco principal a formação de professores surdos de Libras, tendo uma minoria de ouvintes participantes; e Bacharelado, que visa à formação do profissional tradutor/intérprete de Libras. Os professores envolvidos no projeto são, predominantemente, linguistas mestres e doutores, que buscam auxiliar o aprendizado e aprofundar os conhecimentos linguísticos acerca da Língua Brasileira de

Sinais, cujos estudos ainda são muito escassos. Analisamos o DVD de uma vídeo-aula de Morfologia utilizado no decorrer do curso, apresentando os resultados no capítulo 4, e, após degravação, análise e síntese, houve um momento de interação com os alunos do referido curso, que são pesquisadores da área, para apresentação dos resultados da pesquisa.

A meta nessa fase foi colocar à prova os resultados atingidos pela pesquisadora e dar aos formandos a oportunidade de refletir/aprender sobre o processo morfológico em questão de um ponto de vista linguístico e educacional.

É importante ressaltar que todo o vídeo utilizado durante a pesquisa foi degravado e analisado, visando verificar a presença de reduplicação, em que momentos e condições ela aparece e que tipo de considerações devem ser feitas, conforme apresentado detalhadamente no capítulo 4.

Para representação e discussão dos dados desse trabalho, utilizamos a forma de glosas para a representação dos sinais em Libras, sendo escritos da mesma maneira que são sinalizados. Além disso, utilizamos nas imagens alguns símbolos retirados de um programa de computador chamado ‘*SW-Edit*’¹⁴, e adaptamos esses símbolos para serem utilizados nesta pesquisa a fim de facilitar a compreensão de como é executado o movimento de um determinado sinal da Libras.

Por fim, neste trabalho apresentamos pontos de extrema relevância para a análise linguística da Libras, contribuindo para sua descrição de modo mais completo e claro, organizados da seguinte maneira: No Capítulo 1, apresentamos a Língua Brasileira de Sinais, legislação, comunidade e cultura surda e todas as especificidades

¹⁴ Esse programa de computador é utilizado para a escrita de língua de Sinais, desenvolvido pela Universidade Católica de Pelotas, para possibilitar realização da escrita de sinais proposta por Valerie Sutton.

linguísticas, apontando as diferenças entre a Libras e as Línguas orais, como também das outras línguas de sinais; no capítulo 2, conceituamos e esclarecemos o conceito de reduplicação, diferenciando os tipos e as funções deste fenômeno morfológico sobre as línguas; no capítulo 3, o estudo sobre a reduplicação é direcionado para as línguas de sinais, apresentando sua tipologia e suas características específicas, visto que o modo de articulação se difere das línguas orais; e no capítulo 4, nós nos focamos na Língua Brasileira de Sinais em si, apresentando os dados coletados, analisados e discutidos sobre os tipos de reduplicação, suas funções, a forma como ocorre, o caráter icônico e a produtividade deste fenômeno, além da reflexão sobre a teoria do *continuum* utilizada para a categorização do efeito flexional ou derivacional da reduplicação sobre a Libras.

CAPÍTULO 1: Língua Brasileira de Sinais (Libras)

Neste capítulo, são apresentados os conceitos de Língua Brasileira de Sinais, sua organização gramatical, legislação existente e aspectos linguísticos relevantes, como sua morfologia, fonologia e formação do léxico, além de uma breve reflexão e apresentação sobre cultura e identidade surda.

1.1 O que é a Libras?

A Língua Brasileira de Sinais, doravante Libras, é a língua utilizada pelos surdos brasileiros, tida como sua língua materna. Possui modo viso-espacial, necessitando da visão e de um espaço à frente dos participantes para sua correta utilização, diferentemente das línguas orais, que precisam para tal do sistema auditivo e fonatório. Linguisticamente, é reconhecida como língua natural, respeitando critérios e regras impostas para tal, que serão posteriormente aprofundados.

Historicamente, a Libras, segundo Castro e Carvalho (2005), começou a ser criada e difundida a partir da fundação, em 1857, do antigo Instituto dos Surdos-Mudos, hoje conhecido como Instituto Nacional de Educação dos Surdos, o INES, localizado na cidade do Rio de Janeiro. Os estudiosos desse instituto afirmam que a criação da Libras se deu a partir da combinação de alguns sinais da Língua Francesa de Sinais e de outros já utilizados pelas comunidades e grupos de surdos de várias regiões do Brasil.

Em 1880, no Congresso de Milão, começou-se a mudar a filosofia de educação de surdos, sendo decidido aí que o oralismo era a melhor forma de educar, banindo e rejeitando as línguas de sinais no mundo. Com essa decisão, os professores

surdos foram afastados de suas funções, substituídos por professores ouvintes, e os alunos surdos foram desestimulados e até proibidos de usar a língua de sinais dentro ou fora dos ambientes escolares. Isso aconteceu não só nos países europeus, mas também em diversos outros países, inclusive no Brasil. Porém, é importante ressaltar que mesmo com essa imposição, a Libras não deixou de se desenvolver e evoluir, pois esta era utilizada e difundida ainda dentro das associações e dos locais frequentados pela comunidade surda.

Anos mais tarde, a sociedade percebeu que a imposição do oralismo puro não constituía um método eficaz e eficiente de ensino e educação dos surdos, adotando-se assim a Comunicação Total e o Bilinguismo como principais meios de ensino e educação dos surdos. Assim, há no Brasil escolas que, mesmo não seguindo ainda um padrão desejável de educação bilíngue, utilizam a língua materna dos surdos como meio de integração e inclusão dos mesmos, contribuindo cada dia mais para a difusão e evolução da Libras.

Linguisticamente, as línguas de sinais começaram a ser estudadas e descritas em torno dos anos de 1960, por Willian Stokoe, que apresentou uma análise no nível fonológico e morfológico da Língua Americana de Sinais (ASL). Tempos depois, os próprios surdos começaram a participar do meio científico, também como pesquisadores, sendo Ted Supalla e Carol Paden os primeiros linguistas surdos a realizar este estudo, na década de 80. Já no Brasil, uma das primeiras surdas a estudar, analisar e descrever linguisticamente a Libras foi a pesquisadora Ana Regina de Souza Campelo, em 2005.

Como falado anteriormente, as línguas de sinais são línguas naturais pois, segundo Ferreira-Brito (1995), surgiram de maneira espontânea, devido à interação

entre as pessoas, mas também pelo fato de sua estrutura permitir a expressão de qualquer conceito e de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano. Para assumir tal característica, é necessário então que a Libras apresente alguns traços citados por Quadros (2004), tais como:

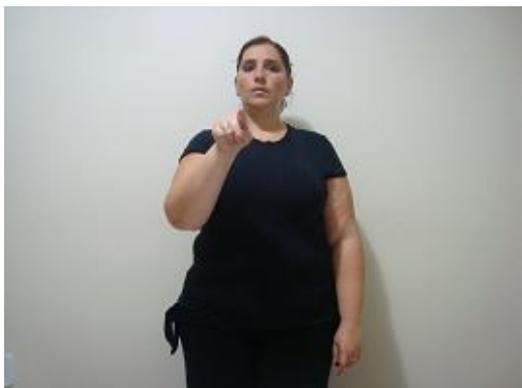
a) Flexibilidade e versatilidade

Para Lyons (1987), a língua tem como uma de suas funções a possibilidade de dar vazão às emoções e sentimentos, dar ordens, fazer perguntas, enfim, qualquer tipo de interação entre seres humanos, podendo expressar coisas concretas ou abstratas, em tempos diversos e até mesmo coisas que não existem. Em outras palavras, elas apresentam diversas possibilidades de uso em diferentes contextos.

As línguas de sinais são utilizadas para pensar, desempenhar diferentes funções, comunicar-se, enfim, todas as possibilidades oferecidas também pelas línguas orais. Por meio da Libras, é possível argumentar, fazer poesias, informar, persuadir, dar ordens, fazer perguntas e elaborar respostas e várias outras possibilidades de uso que a língua proporciona.

Como exemplo podemos citar (1) e (2):

(1)



VOCÊ



GOSTAR



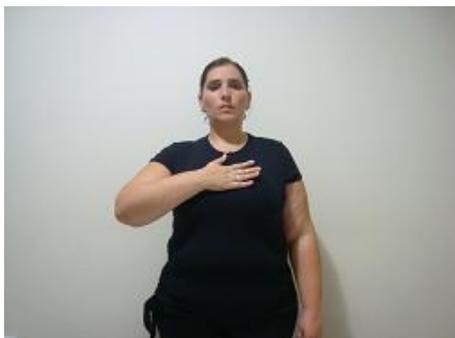
BANANA

Frase em Libras: VOCÊ GOSTAR BANANA

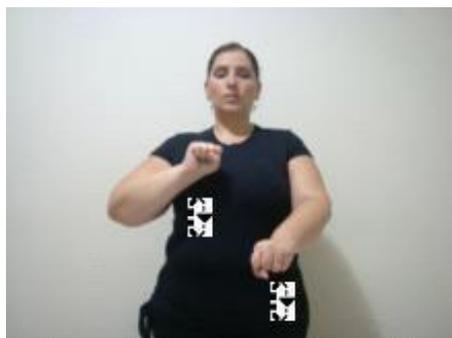
Frase em Português: Você gosta de banana.

Neste primeiro momento, é possível perceber que há diferença entre as estruturas do Português e da Libras. Com isso, a representação da transcrição de uma fala em Libras é feita com todas as palavras na língua portuguesa, em caixa alta e com os verbos no infinitivo. Este é um padrão de representação muito percebido nos trabalhos acadêmicos sobre Libras e que adotaremos aqui.

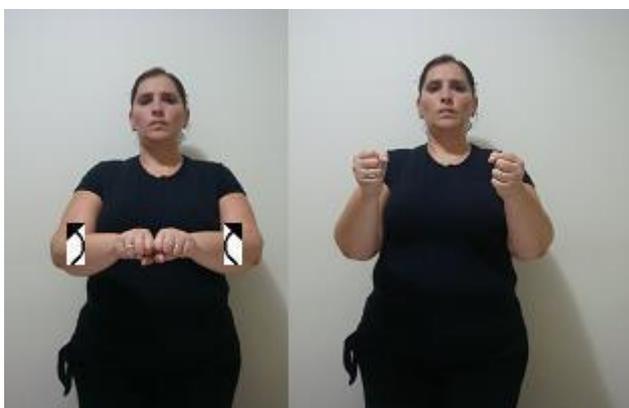
(2)



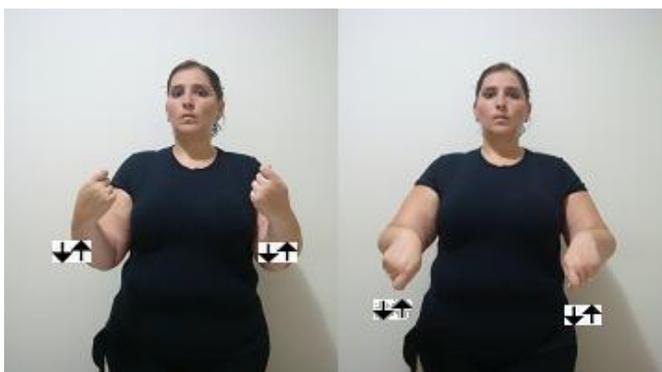
MINHA



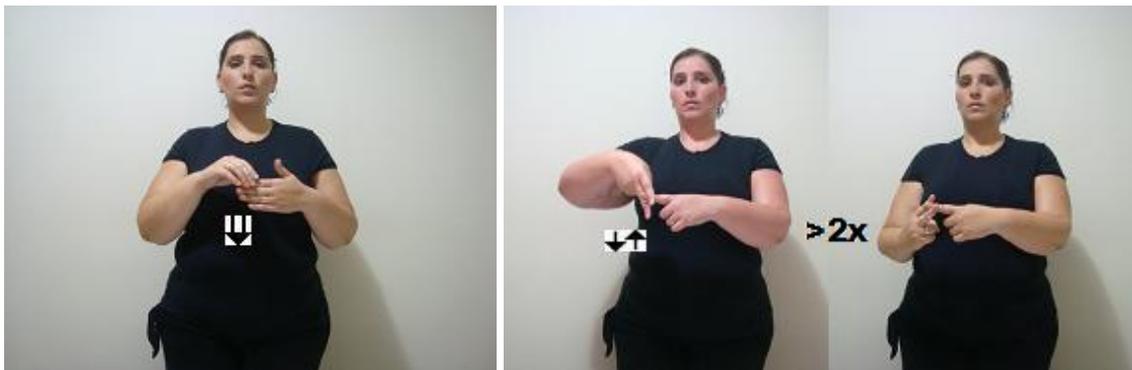
BICICLETA



QUEBRAR



PRECISAR



LEVAR

OFICINA

Frase em Libras: MINHA BICICLETA QUEBRAR. PRECISAR LEVAR OFICINA

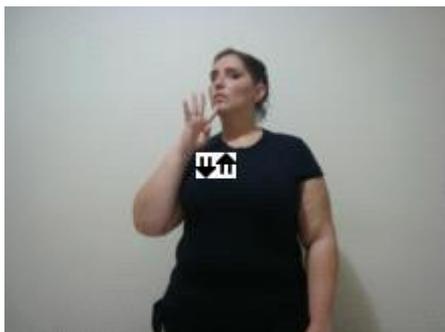
Frase em português: Minha bicicleta quebrou. Preciso levá-la para a oficina.

b) Arbitrariedade

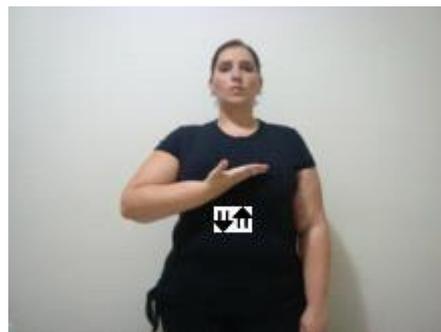
Quadros & Karnopp (2004) dizem que a arbitrariedade diz respeito à relação entre forma e significado. Tanto as palavras de uma língua oral quanto os sinais da Libras apresentam uma relação arbitrária entre a forma e o significado, ou seja, o signo linguístico é arbitrário, resultante de uma convenção entre os falantes de uma língua. Para Lyons (1987), essa arbitrariedade aplica-se também à grande parte da estrutura gramatical das línguas, na medida em que estas se apresentam de maneira diferente umas das outras. Se não fosse pela arbitrariedade, seria muito mais fácil para o indivíduo aprender outra língua que não a sua. Ou seja, a arbitrariedade está intimamente ligada à não-existência de uma relação direta entre som e conceito, o que torna difícil a dedução de um significado sem conhecimento mínimo sobre uma determinada língua.

No caso da Libras, há muitos sinais chamados de icônicos¹, em que a relação entre ele e o que ele representa, visualmente, é semelhante, porém muitos outros sinais não apresentam relação direta com a forma ou o seu significado, sendo considerados como arbitrários, como nos sinais apresentados em (3):

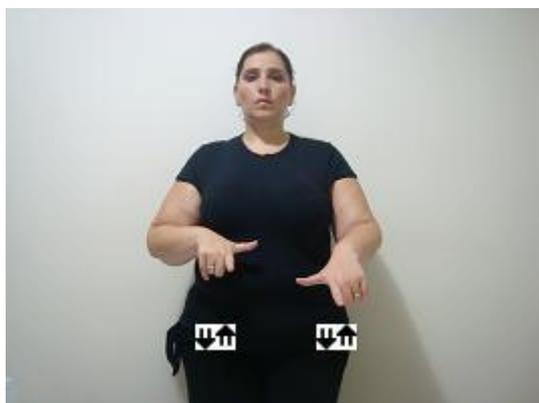
(3)



CONHECER



AMIGO



TRABALHAR

Vale ressaltar que os sinais apresentados em (3), assim como outros sinais da Libras somente podem ser considerados arbitrários em uma análise sincrônica, pois não há registros sobre a origem destes, o que não descarta, diacronicamente, um fundo icônico.

¹ No capítulo 4, voltaremos a falar de iconicidade.

c) Descontinuidade

Quadros et. al. (2009), apresenta descontinuidade como diferenças mínimas entre as palavras e seus significados por meio da distribuição dos elementos nos diferentes níveis linguísticos. Ela afirma que:

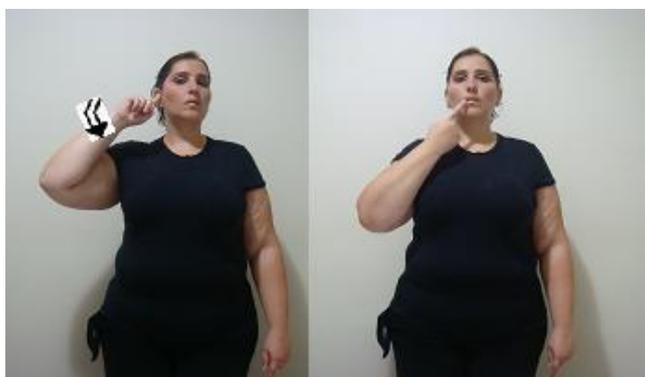
Na língua de sinais verificamos o caráter descontínuo da diferença formal entre a forma e o significado. Há vários exemplos que ilustram isso, por exemplo, o sinal de 'MORENO' e de 'SURDO' são realizados na mesma locação, com a mesma configuração de mão, mas com uma pequena mudança no movimento, mesmo assim nunca são confundidos ao serem produzidos em um enunciado. Tais sinais apresentam uma distribuição semântica que não permite a confusão entre os significados apresentados dentro de um determinado contexto. (Quadros, R. et. al, 2009)

Com esse conceito ela aponta que a descontinuidade é apresentada como uma diferença mínima no sinal, provocando uma diferença importante no significado, não havendo confusão na compreensão da mensagem pelos sinalizantes presentes, mesmo que eles sejam utilizados em um mesmo contexto, como nos exemplos dados, que apresentamos em (4).

(4)



MORENO



SURDO

Os sinais de ‘MORENO’ e ‘SURDO’ são, como falado anteriormente, realizados com a mesma configuração de mãos, mesma localização, mesma orientação de mão, porém com uma diferença no movimento do sinal, pois no primeiro o indicador arrasta na bochecha no sentido da orelha para o queixo, sempre em contato com a pele, enquanto o segundo sinal é feito com o indicador tocando a orelha, seguido de um movimento no semicircular pequeno no sentido da orelha para o queixo, sobre a bochecha, mas sem tocá-la, finalizando com um toque no queixo, próximo à boca. Esses sinais, mesmo se utilizados em um mesmo contexto, seguidos um do outro, não causam

confusão ao interlocutor nem ao sinalizante, pois essa diferença é perceptível, provocando clareza em sua compreensão.

d) Criatividade/Produtividade

Lyons (1987) e Quadros & Karnopp (2004) dizem que a criatividade ou produtividade diz respeito à possibilidade de construção e interpretação de novos enunciados de uma determinada língua, mesmo que seus falantes estejam vivenciando aquela sentença ou palavra/sinal pela primeira vez. Logo, é possível dizer o que se quer, de diversas maneiras diferentes, respeitando a um conjunto finito de regras. Vale ressaltar que, nesse quesito, as línguas de sinais agem da mesma maneira que as línguas orais, sendo tão produtivas quanto quaisquer outras línguas, como em (5) e (6), que expressam informações completas e compreensíveis.

(5)



EU



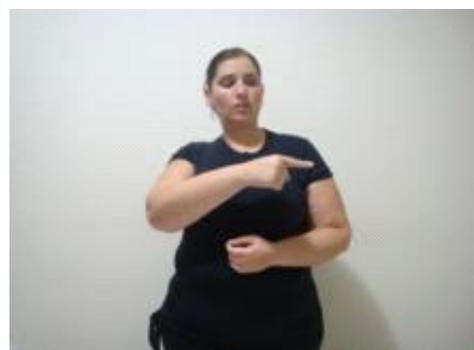
AMAR



PAULA



PORQUE



ELA

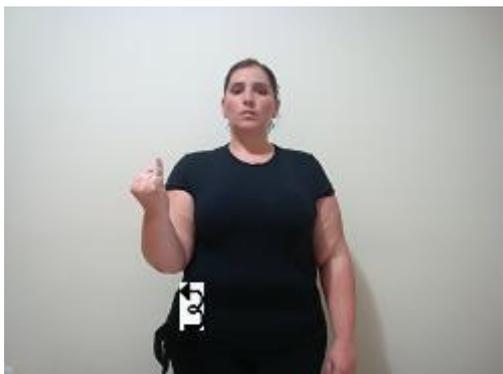


BONITA

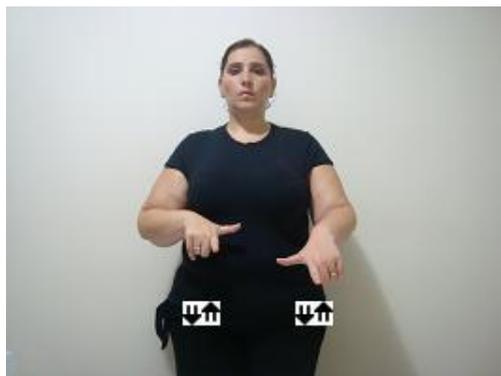
Frase em Libras: EU AMAR PAULA PORQUE ELA BONITA

Frase em português: Eu amo a Paula porque ela é bonita.

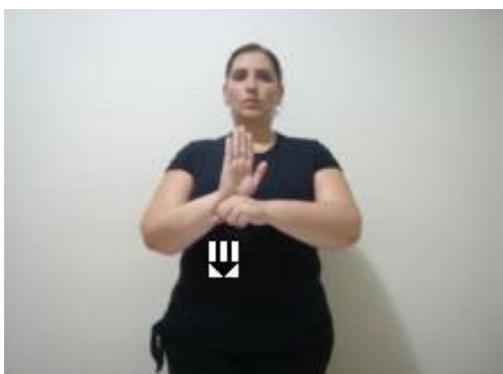
(6)



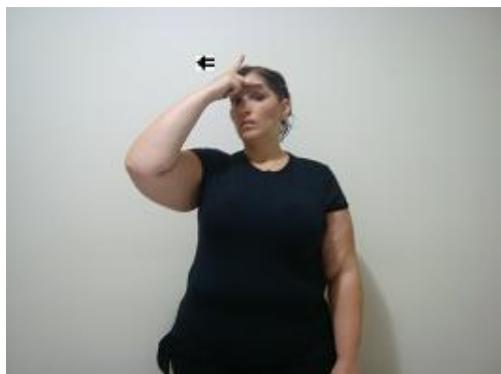
IMPORTANTE



TRABALHAR



AJUDAR



PESSOA

Frase em Libras: IMPORTANTE TRABALHAR AJUDAR PESSOA

Frase em português: 'É importante o trabalho de ajudar as pessoas' ou 'É importante trabalhar para ajudar as pessoas'

Em (5) e (6) apresentamos frases em Libras para demonstrar que é possível nas línguas de sinais, assim como nas línguas orais, criar sentenças compreensíveis, sendo possível fazer as mais diversas combinações visando um discurso completo.

e) Dupla articulação

Lyons (1981) refere-se a essa característica da língua como “a propriedade de (a língua) possuir dois níveis de estrutura, de tal forma que as unidades do primeiro são compostas de elementos do segundo e cada um dos dois níveis tem seus próprios princípios de organização” (LYONS, 1981, p. 32) ou seja, os sons isoladamente não possuem nenhum significado, sendo sua função combinar-se com outros sons para formarem unidades com algum significado específico. Exemplo disso percebemos em (7).

(7)

Configuração de mão: y

Movimento: de baixo para cima

Localização: espaço neutro

Expressão: animada

Orientação de mão: Palmas viradas para o corpo do sinalizante



FESTA

Percebemos que os elementos que compõem o sinal, sozinhos, não possuem nenhum significado, porém, quando todos eles se juntam podem dar corpo a um sinal completo, dar um significado. Os elementos isolados são considerados equivalentes a fonemas (2^a articulação), enquanto o sinal completo, que contém em sua estrutura todas as unidades do primeiro nível, gerando um ‘elemento’ correspondente ao sinal, equivalente aos morfemas (1^a articulação).

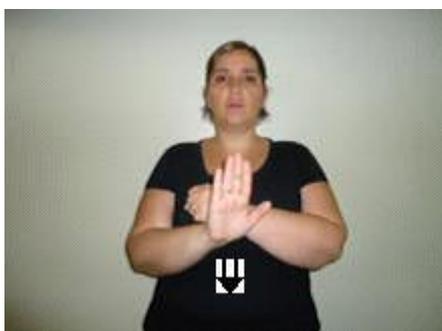
f) Padrão

Quadros & Karnopp (2004) dizem que “as línguas humanas possuem um padrão de organização de seus elementos”, que são regras internalizadas pelas pessoas de uma determinada comunidade que permitem determinadas combinações e não outras, existindo um padrão de combinação entre itens lexicais. Assim, a língua pode ser considerada como uma rede de elementos interligados, na qual cada item é mantido em uma determinada posição dependendo de sua relação com os outros itens, a fim de formar uma estrutura linguística aceitável para uma comunidade específica.

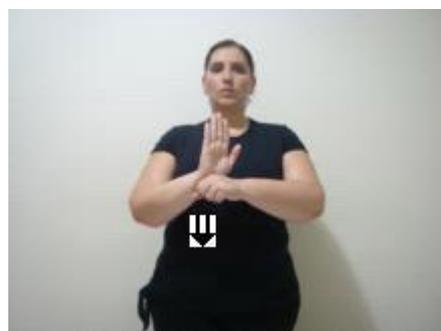
As línguas de sinais são também formadas por regras, o que significa dizer que os sinais não podem ser realizados de maneira livre e desconexa, e muito menos podem seguir a estrutura da língua portuguesa ou de qualquer outra língua oral, mas sim, respeitando a relação entre os sinais e sua forma de organização em Libras.

O padrão diz respeito à combinação entre os elementos que compõem o sinal e seu lugar em uma frase, ou seja, “às regras de formação de sinais e de sentenças” (QUADROS et. al., 2009), como no sinal ‘AJUDAR’, em (8).

(8)



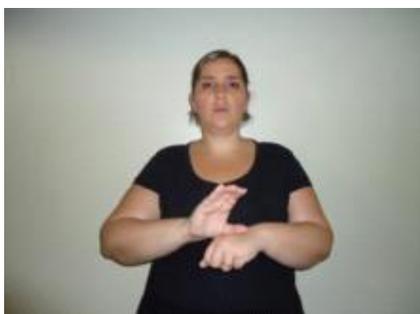
AJUDAR (errado)



AJUDAR (certo)

O sinal 'AJUDAR' deve ser realizado com uma mão em 's' e a outra mão aberta, com os dedos juntos e encostando em cima da primeira mão, realizando um movimento de ambas as mãos para frente. Esse é um padrão de realização desse sinal, não podendo ser alterado nenhum de seus componentes. Sobre as sentenças, este padrão deve ser também seguido para que a compreensão da mensagem seja correta, como em (9a-b).

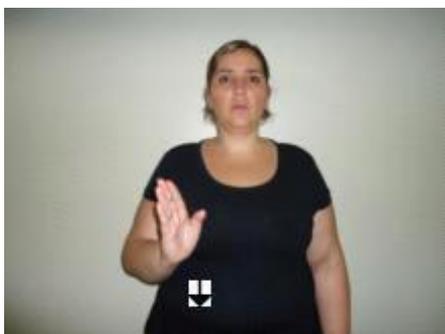
(9a)



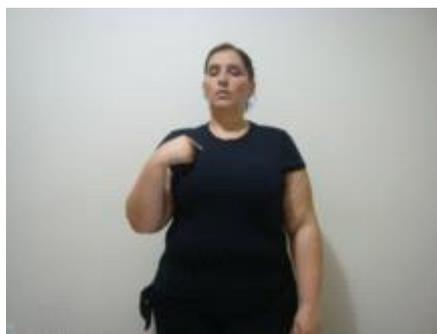
COPO



ENTREGAR-VOCÊ



JÁ



EU

Frase em Libras: COPO ENTREGAR-VOCÊ JÁ EU (errado)

(9b)



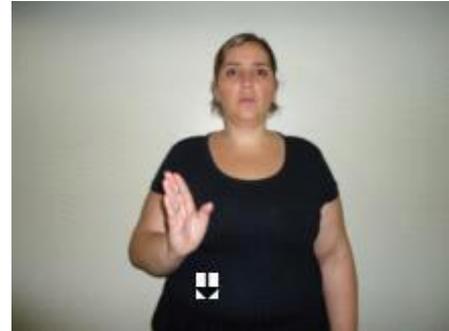
EU



COPO



ENTREGAR-VOCÊ



JÁ

Frase em Libras: EU COPO ENTREGAR-VOCE JÁ (certo)

Frase em português: Já te entreguei o copo.

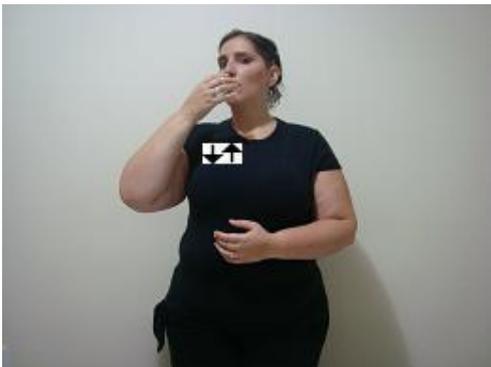
Na primeira frase em Libras, (9a), o movimento está sendo realizado para o lado oposto, gerando confusão ao interlocutor, pois foge ao padrão aceitável de realização desse sinal na sentença, sendo a segunda forma apresentada a correta.

g) Dependência estrutural

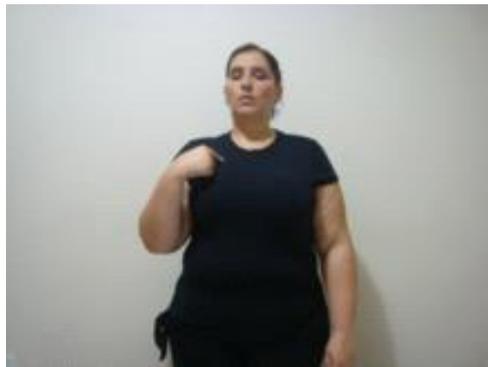
Quadros & Karnopp (2004) afirmam que “uma língua contém estruturas dependentes que possibilitam um entendimento da estrutura interna de uma sentença, independente do número de elementos envolvidos”, ou seja, há uma relação estrutural entre os elementos de uma dada língua, não podendo eles ser combinados de forma aleatória.

Na Libras esse critério também é observado, pois os sinais não podem ser usados aleatoriamente sob o risco de não serem compreendidos, como apresentado em (10).

(10)



MAÇÃ



EU



BANANA



GOSTAR

Frase em Libras (agramatical): *MAÇÃ EU BANANA GOSTAR



EU



GOSTAR



MAÇÃ



BANANA

Frase em Libras (gramatical): EU GOSTAR MAÇÃ BANANA

Frase em português: Eu gosto de maçã e banana.

Na Libras, como nas outras línguas de sinais, é necessário que os sinais sejam combinados corretamente, respeitando a regras e critérios gramaticais daquela língua, tornando compreensível a mensagem pelos participantes.

A dependência estrutural difere-se do padrão, pois está relacionada à organização sintática, da colocação correta dos elementos da língua em uma sentença, enquanto o padrão está ligado à combinação correta dos elementos que compõem o sinal e da combinação dos sinais entre si na sentença.

Um fator importante e que deve ser ressaltado neste ponto é que, mesmo estando no Brasil e utilizando alguns empréstimos da língua portuguesa, a Libras é uma língua completamente diferente, com organização gramatical, morfologia, fonologia, sintaxe e léxico próprios, como será apresentado mais adiante, embora haja claros empréstimos lexicais do Português em Libras, sobretudo aqueles que usam datilologia.

1.2 Legislação

Legalmente, a Libras é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão por meio da Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. Essa lei definiu a Libras como “a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil, não substituindo em momento algum a língua portuguesa escrita e garantindo também o seu uso e difusão por parte do poder público em geral e das empresas concessionárias de serviços públicos, dando outras providências” (BRASIL, 2002).

Além dessa lei, há também o Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei 10.436, especificando as atribuições e responsabilidades dos diversos órgãos em relação ao uso e difusão da Libras, formação profissional tanto do professor e instrutor de Libras quanto do intérprete/tradutor de Libras, da inclusão desta como disciplina curricular, da garantia do direito à educação da pessoa surda e diversos outros aspectos relevantes, considerando “pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais,

manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras” (BRASIL, 2005).

1.3 Comunidade e cultura surda

Para melhor compreender a comunidade e a cultura surda, é importante que se compreenda esses conceitos e suas diferenças. Para Strobel (2008), a comunidade surda não é composta apenas por surdos, mas também por ouvintes que convivem e compartilham os mesmos interesses deles, tendo em comum principalmente a língua de sinais como forma de comunicação. São parte da comunidade surda os familiares, intérpretes, professores, amigos e outras pessoas que participam e compartilham estes ideais.

Já a “Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando com suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das ‘almas’ das comunidades surdas” (STROBEL, 2008, p. 24). A cultura surda abrange a língua, ideias, crenças, costumes e hábitos do povo surdo. A aquisição e transmissão dessa cultura teve grande participação de organizações como associações de surdos, federações de surdos, igrejas e outros ambientes onde os surdos mais jovens podem ter contato com surdos mais velhos e experientes, que passavam suas tradições e seus valores históricos, tendo papel importante na transmissão cultural, esportiva, política, religiosa e fraternal pelos povos surdos.

Essa cultura surda é composta por artefatos culturais específicos, a saber:

a) A experiência visual

O sujeito surdo, devido à ausência de audição e de som, percebe o mundo à sua volta através de seus olhos. A experiência visual é a utilização da visão para a completa comunicação do surdo, por meio da qual ele perceberá desde expressões faciais até a língua de sinais.

b) Artefato linguístico

O segundo artefato, tido como aspecto fundamental da cultura surda, é a língua de sinais. Para o sujeito surdo, o acesso às informações e conhecimentos são pontos fundamentais para a construção de sua identidade, e a língua de sinais é a principal ferramenta para tal, pois é por meio dela que o surdo capta as informações, transmite seus conhecimentos e interage com os outros participantes dessa comunidade.

c) Artefato familiar

O nascimento de uma criança surda em uma família surda é muito bem quisto, diferentemente de uma família ouvinte, que vê esse acontecimento como um problema social.

Filhos surdos de pais surdos adquirem desde o nascimento uma identidade surda, tendo acesso desde pequenos à cultura surda e à língua de sinais, enquanto filhos surdos de pais ouvintes tendem a ser privados de tais informações desde cedo, pois, quando procurados os médicos e profissionais de saúde, estes tendem a informar aos

ouvintes, equivocadamente e sem conhecimento de causa, que a língua de sinais é algo que priva a criança das experiências linguísticas consideradas normais pela sociedade.

d) Literatura Surda

O quarto artefato cultural é a literatura surda, através da qual é traduzida a memória da vivência surda através das gerações dos povos surdos. Ela diferencia-se em diversos tipos textuais como: poesias, histórias de surdos, piadas, literatura infantil, clássicos, fábulas, contos, romances, lendas e outras manifestações culturais. Refere-se às experiências pessoais do povo surdo que, muitas vezes, expõem as dificuldades e vitórias das opressões ouvintes.

A maioria dessas narrativas é gravada em CD ROOM, DVD e vídeos em Libras, inclusive disponibilizados na internet, servindo atualmente como fonte de pesquisas realizadas tanto por surdos quanto por ouvintes em universidades.

e) Vida social e esportiva

São acontecimentos como casamentos entre surdos, festas, lazeres e atividades das associações de surdos, eventos esportivos, entre outros. Esses acontecimentos são considerados artefatos pertencentes à cultura surda, pois acabam se tornando pontos de encontros, onde ocorre a difusão de informações pertinentes à comunidade, trocas de experiências entre os membros e uma inter-relação com outros surdos de outras regiões e culturas diferentes.

f) Artes visuais

Povos surdos fazem muitas criações artísticas onde expressam seus sentimentos, emoções, histórias, subjetividades e sua cultura. O artista surdo utiliza-se de imagens, fotos, desenhos, pinturas, etc. para transmitir ao mundo seus pensamentos e ideias.

Além das imagens, os surdos expressam-se também através de teatro, dança e outras maneiras de arte existentes para transmitir seu conhecimento e sua cultura. Servem-se das expressões faciais e corporais para incorporar seus personagens e transmitir suas mensagens a todos, surdos ou ouvintes.

g) Política

Outro artefato muito presente e influente nas comunidades surdas é a política, consistindo em diversos movimentos e lutas do povo surdo por seus direitos como cidadãos que são. Atualmente, as organizações de surdos realizam assembleias e reuniões a fim de compartilharem seus interesses, lutarem por seus direitos judiciais e de cidadania e seus ideais perante a sociedade. Este artefato fortalece o conhecimento político e a luta dos surdos por uma educação diferenciada², acessibilidade em seu conceito mais amplo, defesa de seus interesses gerais, etc.

² Para os surdos, uma educação diferenciada seria aquela que respeita a Libras como sua primeira língua, ou seja, uma educação de fato bilíngue.

h) Materiais

Estes artefatos são resultantes das transformações da natureza pelo trabalho humano, visando auxiliar na acessibilidade da pessoa surda em seu cotidiano. Compreende todas as tecnologias e equipamentos, como exemplo, temos o TS (telefone surdo), que é um aparelho telefônico que possui teclas para que seja digitada a mensagem e um visor para receber e intermediar essa comunicação.

1.4 Fonologia da Libras

De acordo com Dubois (1973), “Fonologia é a ciência que estuda os sons da língua do ponto de vista de sua função no sistema de comunicação linguística. Ela estuda os elementos fônicos que distinguem, numa mesma língua, duas mensagens de sentido diferente”. Em outras palavras, ela envolve o estudo das unidades menores desprovidas de significado que irão fazer diferença na formação de uma palavra.

Para Quadros e Karnopp (2004), a Fonologia das línguas de sinais é o ramo da linguística que visa identificar a estrutura e a organização dos níveis fonológicos, determinando quais são as unidades mínimas que formam um sinal, estabelecendo os possíveis padrões de combinação entre essas unidades e as prováveis variações permitidas.

Apesar de ser uma língua viso-espacial, que utiliza os olhos para sua percepção e as mãos e o corpo para a transmissão de sua mensagem e não havendo a presença de sons, o termo ‘fonologia’ tem sido usado para o estudo das unidades mínimas que compõem um sinal.

Quadros e Karnopp (2004) e Ferreira-Brito (1995) apresentam essas chamadas unidades mínimas que compõem o sinal, conhecidas e apresentadas pela literatura como *parâmetros*, mas que para esta pesquisa serão denominados de componentes, sendo eles: configuração de mão, movimento, locação, orientação de mão e expressões não-manuais. O termo “parâmetro” pode ser confundido com o termo homônimo usado pela teoria gerativa.

1.4.1 Configuração de mão

Configuração de mão é a forma dada às mãos no momento em que o sinal será realizado, podendo ser do alfabeto manual ou não. Foram apresentadas inicialmente por Stokoe (1960), e desde então apresentada por todos os estudiosos das línguas de sinais. Ferreira-Brito (1990) afirma que na Libras há 46 configurações de mão diferentes, enquanto Strobel & Fernandes (1998) relatam 43 e na Figura 1 apresentamos 63 configurações de mão, ou seja, ainda não foi contabilizado ao certo a quantidade exata de configurações de mão na Libras. Em nossa opinião, isso se dá pelo fato da Libras ser uma língua viva, aumentando diariamente seu vocabulário, podendo, com isso, surgir novas configurações. É importante ressaltar que os articuladores na língua de sinais são as mãos, que se movimentam em um espaço à frente do corpo. Um sinal pode ser articulado com uma ou ambas as mãos, tanto com a mão direita quanto com a esquerda, sem mudar seu sentido. Na figura 1³, podemos observar as configurações de mão da Libras.

³ Retirada do site <http://aprendolibras.blogspot.com/2009/03/qual-diferenca-entre-alfabeto-manual-e.html> em 31/01/2011, às 14h30min.



Figura 1: Configurações de mãos da Libras

Essas configurações são utilizadas em todos os momentos durante a sinalização, cada uma em seus sinais, com objetivos particulares. Algumas delas, além de componentes de algum sinal, podem ser utilizadas também no alfabeto manual, como as apresentadas em (11).

(11)



F



A

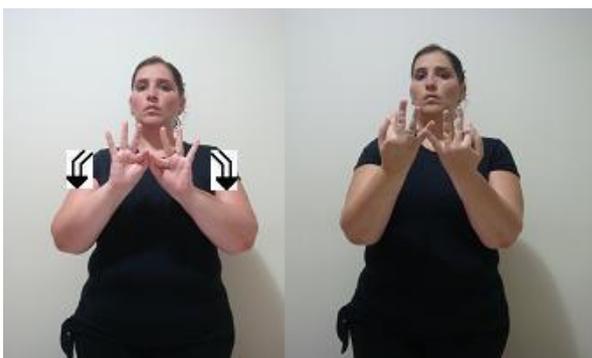


C

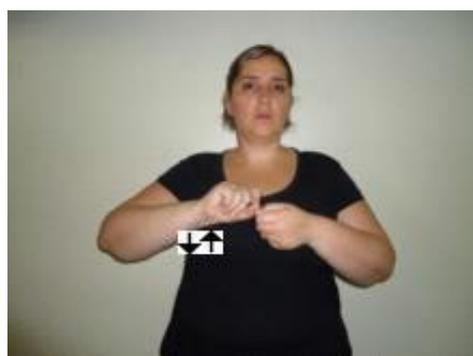


Y

(12)



FAMÍLIA



FAZER



CONGRESSO



VACA

As configurações de mão de (11) são aqui apresentadas como partes do alfabeto manual, ou seja, representam as letras do alfabeto utilizado no Português. Já em outro contexto, elas podem ser utilizadas com funções diferentes, como parte do sinal,

como em (12), podendo esse sinal ter ou não alguma relação letras usadas na palavra escrita.

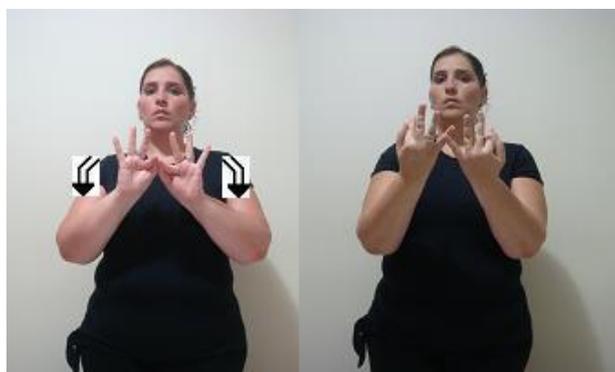
1.4.2 Movimento

O movimento é um elemento complexo, que pode constituir uma gama diversa de formas e direções, desde movimentos internos das mãos, movimentos do pulso e movimentos direcionais no espaço, ou seja, é o deslocamento da mão no espaço durante a realização de um sinal. É importante ressaltar que os sinais da Libras podem ou não ter movimento, como em (13) e (14), respectivamente.

(13)



TELEVISÃO

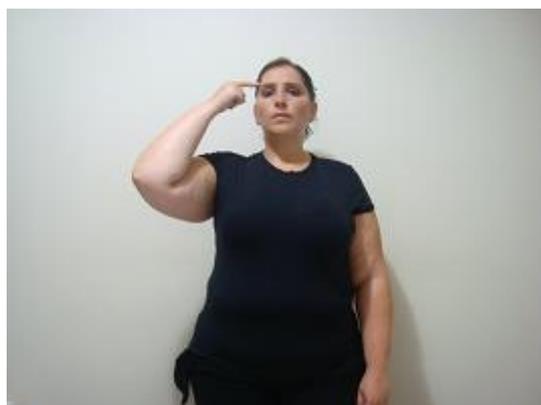


FAMÍLIA



INTERNET

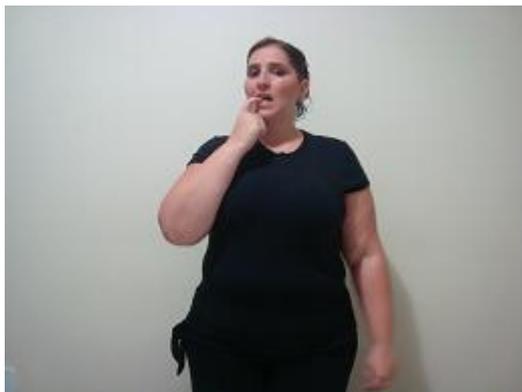
(14)



PENSAR



EM PÉ



INVEJAR

Os exemplos em (13) são de sinais da Libras que possuem movimento. Em ‘TELEVISÃO’, os braços se movimentam para cima e para baixo alternadamente; em ‘FAMÍLIA’, o movimento das mãos é realizado com ambas as mãos simultaneamente, começando próximo ao corpo e fazendo um movimento semicircular para a frente; por fim, em ‘INTERNET’ o movimento é circular, realizado verticalmente, aproximando e afastando as mãos do corpo alternadamente. Qualquer modificação no movimento desses sinais, ou a realização deles sem nenhum movimento torna-os incompreensível ou muda completamente o seu significado. Já em (14) os sinais são estáticos, afetando sua compreensão caso sejam feitos com movimento.

De acordo com Ferreira-Brito (1990), o movimento possui papel importante na estrutura da Libras. Esse componente refere-se ao tipo, direcionalidade, maneira e frequência do movimento, podendo este estar nas mãos, pulsos e antebraços. Movimentos direcionais podem apontar uma, duas ou várias direções; maneira diz respeito à qualidade, tensão e velocidade do movimento; e frequência está ligada à repetição ou não do movimento. Qualquer alteração no movimento pode gerar mudanças consideráveis como veremos posteriormente, no capítulo 4.

1.4.3 Locação

Locação, ou localização, ou ponto de articulação, é o lugar onde será executado o sinal, ou seja, é a área do corpo, ou no espaço de articulação definido pelo corpo, em que, ou perto do qual o sinal é realizado.

Na Libras, como em outras línguas de sinais, este espaço de enunciação é uma área que contém todos os pontos dentro do raio de alcance das mãos, em que os sinais são articulados, como na Figura 2.

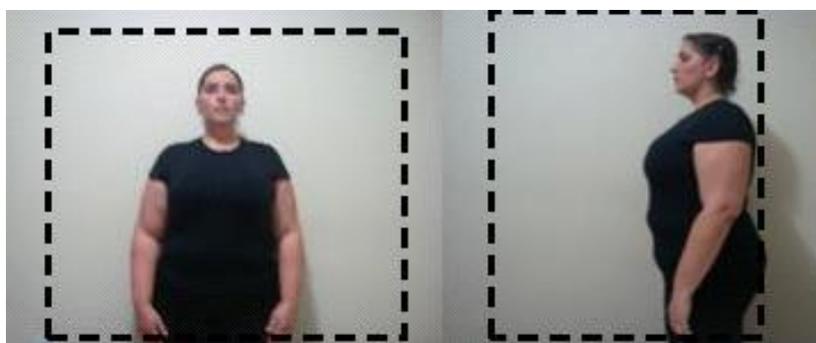


Figura 2: Espaço de articulação dos sinais

1.4.4 Orientação de mão

Orientação é a direção para a qual a palma da mão estará apontada no momento de realização do sinal. Cada sinal tem sua orientação de mão específica e sua inversão, em alguns casos, pode passar a ideia de oposição, contrário ou concordância. Quadros & Karnopp (2004) enumeram seis diferentes orientações de mão na Libras, a saber: para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a esquerda e para a direita, como na figura 3.



Figura 3: Orientações de mão

1.4.5 Expressões não-manuais

Expressões não-manuais, também conhecidas como expressões faciais e corporais, têm função sintática e de diferenciação de itens lexicais. Elas marcam sentenças interrogativas, topicalizações, concordâncias, foco, entre outros aspectos. Segundo Quadros & Karnopp (2004), elas constituem componentes lexicais que marcam referência específica, referência pronominal, partícula negativa, advérbio, grau ou aspecto. São encontradas no rosto, cabeça e tronco, podendo inclusive ocorrer duas expressões ao mesmo tempo, como as marcas de interrogação e negação.

Através das expressões é possível se obter uma interlocução mais concisa e coerente. Exemplo claro de expressão ocorre como em (15a-b), em que apenas a expressão facial muda o item lexical. Em ‘LARANJA’ (15b), percebemos que há mudança na expressão, pois há um movimento de sucção das bochechas, inflando-as e murchando-as, enquanto em ‘SÁBADO’ (15a), não há mudanças na expressão e as bochechas permanecem estáticas.

(15a)



SÁBADO

(15b)



LARANJA

Quadros & Karnopp (2004) ressaltam que ainda não há estudos mais aprofundados que identifiquem os fonemas nas línguas de sinais, mas é observada a presença de alterações mínimas em um dos elementos acima citados, que proporcionam alterações no significado, dando lugar ao conceito de pares mínimos, como em (16), no qual são observadas alterações de locação, movimento ou configuração de mão.

(16)



SÁBADO

X

APRENDER

(Localização diferente)

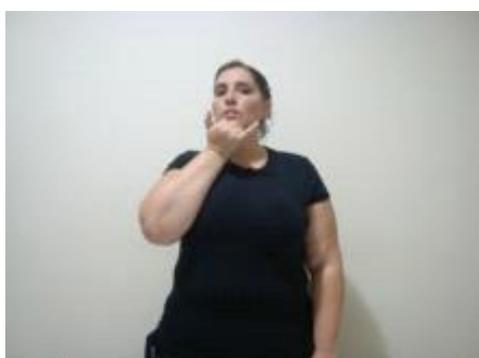


SURDO

X

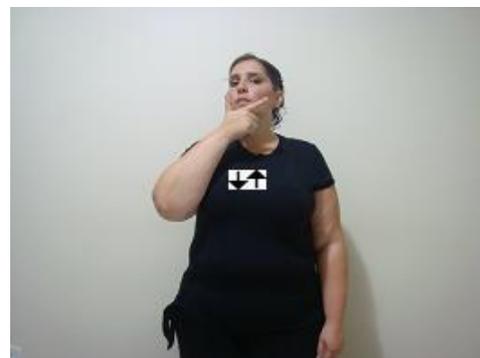
MORENO

(Movimento diferente)



DESCULPAR

X



QUEIJO

(Configuração de mão diferente)

Em resumo, Quadros & Karnopp (2004) afirmam que a fonologia das línguas de sinais é um ramo da linguística que visa identificar a estrutura e a organização dos constituintes fonológicos, estudando as diferenças percebidas e produzidas relacionadas às diferenças de significado.

1.5 Morfologia da Libras

De acordo com Crystal, a morfologia é área da gramática que estuda a estrutura interna ou a forma das palavras da língua. Diferencia-se da sintaxe, pois esta estuda a forma como os elementos, ou as palavras, se organizarão dentro da sentença. É dividida em duas linhas de estudo, da flexão e a da derivação, de acordo com o processo e o resultado da formação das palavras.

A morfologia tradicional apresenta duas principais áreas: a derivacional, que estuda a formação de palavras que possuem uma mesma base lexical, como ocorre com as palavras ‘sonho’ e ‘sonhador’ do português; e a flexional, que se refere ao estudo dos processos que adicionam informação gramatical em uma palavra já existente, como em ‘menino’ e ‘meninos’, sem criar uma nova palavra.

Haspelmath (2002) define a morfologia como sendo o estudo da estrutura interna das palavras, considerada ao mesmo tempo o mais antigo e um dos mais novos ramos da gramática. O mais antigo, pois os primeiros linguistas eram originalmente morfologistas, porém a morfologia teve mais destaque para os escritores de gramáticas contemporâneas, tanto que o termo morfologia foi inventado apenas na segunda metade do século XX.

Aronoff & Fudeman (2005) já define de uma maneira um pouco diferenciada, referindo-se à morfologia como sendo um sistema mental que envolve a formação das palavras ou como um ramo da linguística que trata das palavras, sua estrutura interna e como elas são formadas.

Na Libras, esse conceito ainda não é apresentado de maneira clara. Leite (2008) diz que o nível morfológico na Libras demonstra-se limitado quando comparado ao de outras línguas, como o português, por exemplo. Afirma que a maioria dos sinais da Libras são monomorfêmicos, porém há também sinais complexos, divididos em sinais compostos; sinais com incorporação de numerais; e sinais modificados aspectualmente.

Sinais compostos são aqueles que apresentam, em sua formação, a junção de dois ou mais sinais já existentes, como apresentado em (17).

(17)



CASA

+

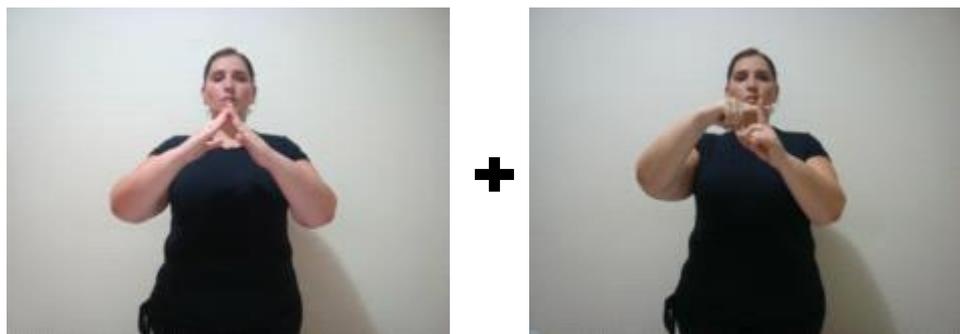


ESTUDAR

=



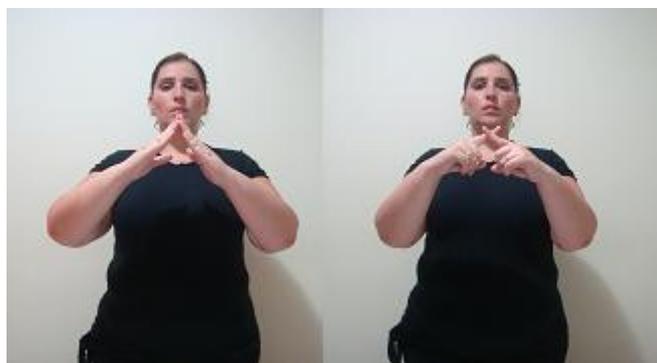
ESCOLA



CASA

CRUZ

=

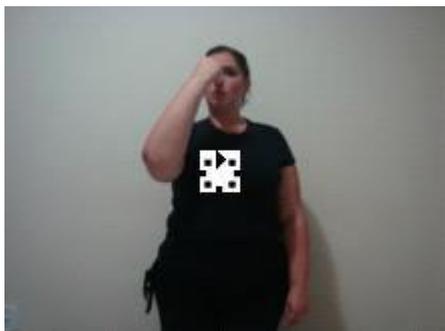


IGREJA

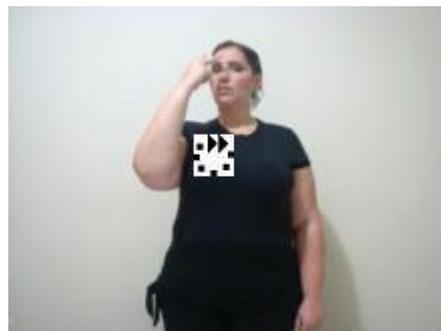
Sinais com incorporação⁴ de numerais são aqueles que demonstram quantidade junto com o sinal básico a ser realizado, utilizado normalmente para demonstrar duração em horas, quantidade de pessoas, valores monetários, calendários e diversos outros temas, inclusive pronomes como apresentado em (18 a-e).

⁴ Essa é a nomenclatura usada pela literatura existente sobre Libras, mas não é nosso objetivo analisar ou não sua adequação aqui.

(18a) Duração em horas:



UMA-HORA

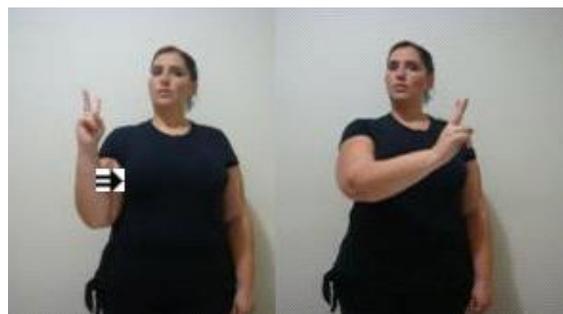


DUAS-HORAS

(18b) Quantidade de pessoas

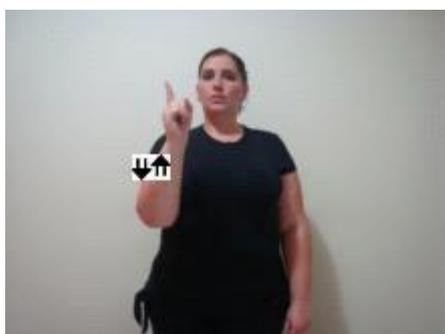


UMA-PESSOA-ANDAR



DUAS-PESSOAS-ANDAR

(18c) Valores monetários

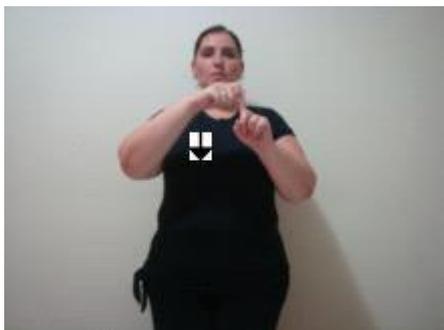


UM-REAL

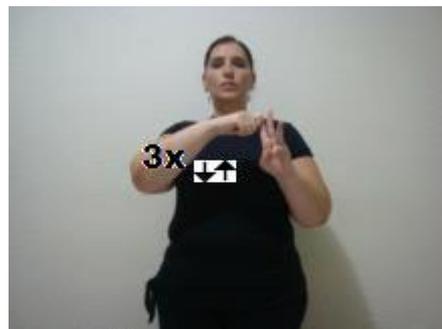


CINCO-REAIS

(18d) Calendários



UM-MÊS



TRÊS-MESES



DOIS-DIAS

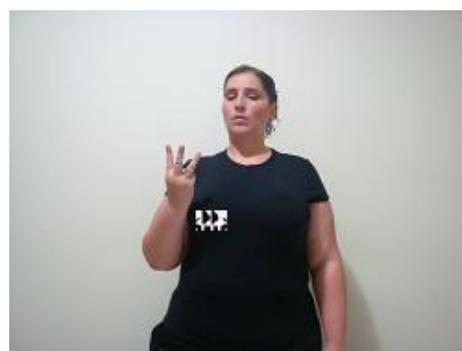


QUATRO-DIAS

(18e) Pronomes



ELES-DOIS



NÓS-TRÊS

De acordo com Leite (2008), o sinal modificado aspectualmente é o último tipo de sinal complexo⁵ na Libras, como ocorre com a reduplicação, que será explicada mais a fundo posteriormente, na qual a reduplicação de movimentos, acompanhada de expressões não manuais, pode expressar a mudança de aspecto, como em (19).

(19)



FALAR



X

FALAR-MUITO



ESTUDAR

X



ESTUDAR-MUITO

Os exemplos acima mostram sinais que já são intrinsecamente reduplicados, como 'FALAR' e 'ESTUDAR', ou seja, são sinais que já possuem em sua composição um movimento reduplicado, porém, caso ele sofra novamente uma reduplicação, como em 'FALAR-MUITO' ou 'ESTUDAR-MUITO', é demonstrada a noção de intensificação da ação, uma mudança de aspecto.

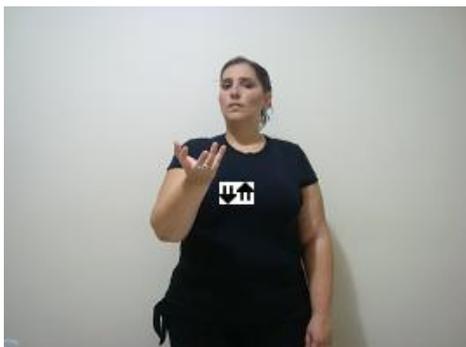
⁵ Sinal complexo é o nome dado por Leite(2008) àqueles sinais que não são monomorfêmicos, ou seja, refere-se aos sinais que podem ser, basicamente de três tipos: compostos, com incorporação de números ou modificados aspectualmente.

Quadros & Karnopp (2004) e Ferreira-Brito (1995) também apontam regras e explicam o processo de formação de palavras em Libras. Ferreira-Brito (1995) informa que, na Libras, os processos de formação de palavras, ou dos sinais, podem ocorrer através de:

a) Modificações por adição à raiz

Ferreira-Brito (1995) diz que a raiz do sinal pode ser modificada através da adição de afixos, como a incorporação⁶ de negação, conforme apresentado em (20)⁷.

(20)



QUERER

X



QUERER-NÃO

⁶ Incorporação é o termo usado por Ferreira-Brito (1995).

⁷ Exemplos retirados de Ferreira-Brito (1995).



TER

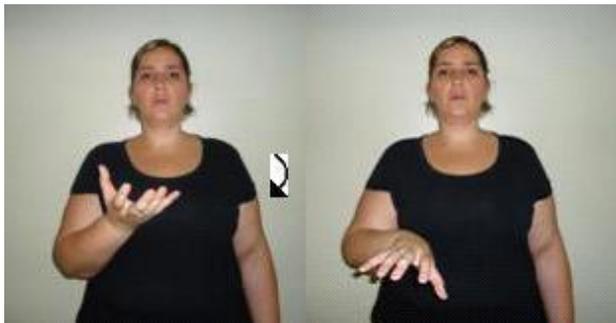
X



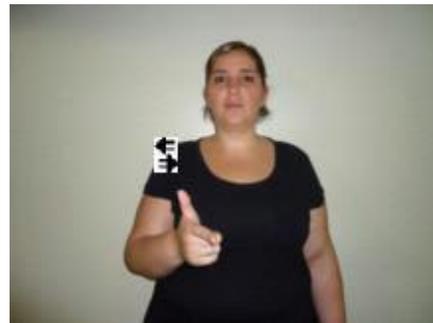
TER-NÃO

Sabemos hoje que a incorporação de negação nem sempre se dá por intermédio da adição de algum afixo, como defendido por Ferreira-Brito. Nos casos apresentados acima, a negação não apresenta adição de um afixo, mas sim a mudança do movimento, como apresentado em (21).

(21)



NÃO-QUERER



NÃO-TER

Além disso, cabe aqui discutir se essa modificação por adição à raiz falada com Ferreira-Brito (1995) ocorre de fato pelo acréscimo de um afixo, como dito por ela, pois pelo exemplo apresentado o que parece ocorrer é a adição ou combinação de um morfema livre, visto que o sinal de ‘NÃO’ utilizado possui um significado e tem função determinada se utilizado isoladamente.

b) Modificação interna da raiz

Ferreira-Brito (1995) aponta que na Libras a raiz pode ser modificada por três diferentes tipos de acréscimos: o da flexão, que marca a pessoa do discurso através da direcionalidade; o acréscimo do aspecto verbal, que marca o aspecto durativo, contínuo, através da mudança de frequência do movimento; e o acréscimo de um marcador de concordância de gênero, que especifica a coisa, como objetos planos, redondos, vertical, horizontal etc. por intermédio de configurações de mãos.

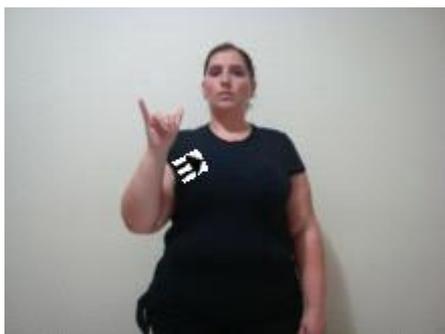
Nessa classificação, a autora deixa muito vaga a questão da modificação interna da raiz, não especificando que tipo de mudança ocorre. Não fica claro ao leitor

se esse processo ocorre pela adição de algum afixo ou pela substituição de alguma parte do sinal.

c) Processos de derivação zero

O último processo apontado por Ferreira-Brito (1995) é o de derivação zero, em que ela afirma que, na Libras, há sinais que possuem a mesma configuração e conseguem ser diferenciados apenas por intermédio do contexto em que estão sendo utilizados, como apresentado em (22).

(22)



AVIÃO = IR-DE-AVIÃO



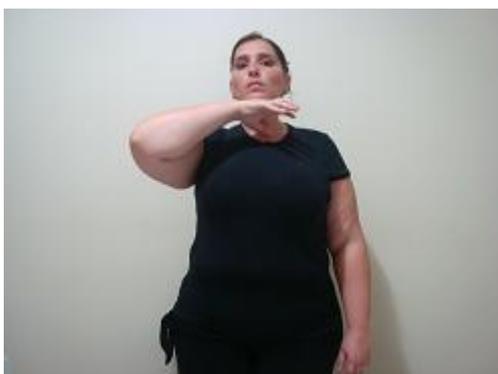
FERRO = PASSAR-COM-FERRO

Observamos em (22) que o mesmo sinal é usado para representar ‘AVIÃO’ e ‘IR-DE-AVIÃO’, assim como ‘FERRO’ e ‘PASSAR A FERRO’ são sinalizados da mesma maneira. Nesses sinais, o que diferenciara o entendimento do interlocutor será o contexto em que os sinais são utilizados, além da velocidade do movimento ou o alongamento do sinal, determinado exclusivamente pela situação em que ele é realizado.

d) Processos de composição

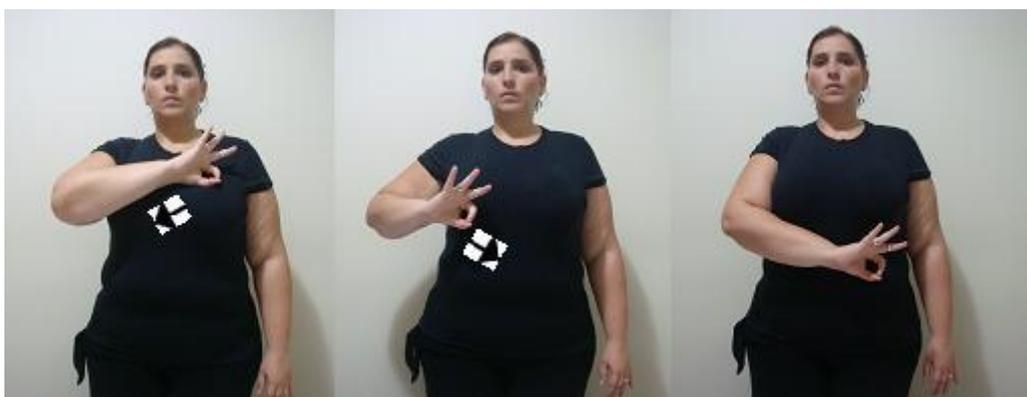
Ocorre quando duas ou mais raízes se unem, dando origem a um novo sinal, como apresentado em (23).

(23)



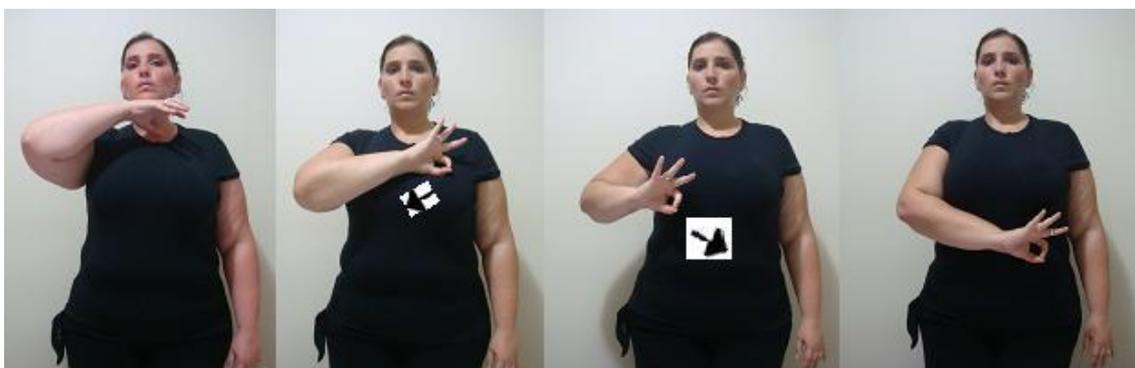
LEÃO

+



MANCHAS

=



ONÇA

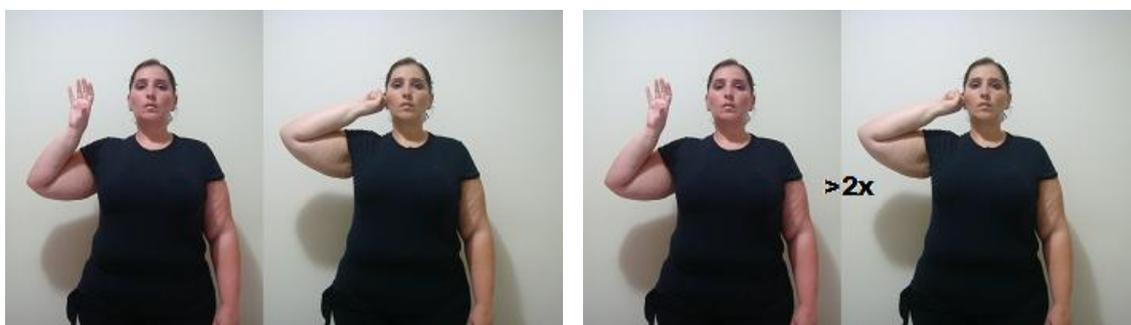
Quadros & Karnopp (2004) buscam apresentar uma visão mais detalhada do processo de formação de sinais na Libras, comparando com as línguas orais, mostrando tanto processos concatenativos (combinação de vários elementos) como também de incorporação de diferentes elementos dentro de um mesmo sinal, como demonstrado a seguir.

Para elas, “há línguas que apresentam o primeiro, isto é, os processos de aglutinação, para formar palavras. São as chamadas línguas concatenativas. [...]em função disso, há sinais que apresentam formas análogas” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 94-5). Além disso, quanto à incorporação, elas afirmam:

[...] a formação de sinais envolve também uma espécie de incorporação de vários elementos que são expressos através da combinação de elementos, por exemplo as informações parecem estar dentro do verbo através do movimento das mãos. (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 95)

As autoras também dizem que uma das principais funções da morfologia é o estudo da derivação, utilizando a ideia de um sinal já existente e outra classe gramatical, podendo provocar diversas mudanças de classe, como apresentado em (24).

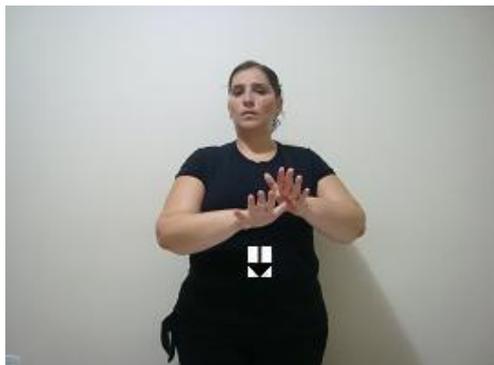
(24)



OUVIR

X

OUVINTE



ROUBAR

X



LADRÃO

Nos exemplos apresentados em (24) já podemos perceber a presença da reduplicação do sinal da Libras, gerando um novo item lexical, tema esse que será abordado com mais detalhes no capítulo 4.

Cabe aqui ressaltar que a Morfologia estuda a estrutura gramatical interna das palavras, incluindo a análise de todos os processos envolvidos, e que a derivação é apenas um desses processos estudados, o que não a coloca como um dos principais.

Através da derivação em Libras também é possível, de acordo com Quadros & Karnopp (2004), observar a formação de compostos, ou composição, em que dois sinais já existentes, quando utilizados juntos, formam um novo sinal, como em (25).

(25)



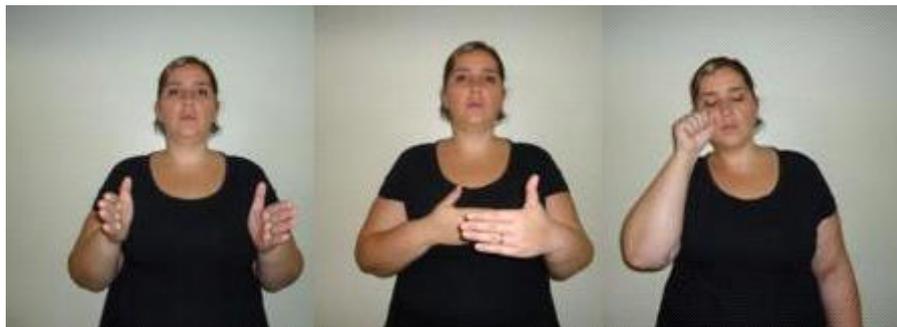
SALA

+



DORMIR

=



QUARTO

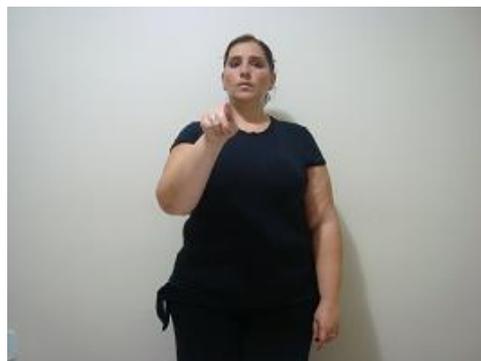
Outro tipo morfológico apresentado por Quadros & Karnopp (2004) é o de flexão:

a) Pessoa (ou dêixis): As autoras afirmam que é flexão, pois são mudadas as referências pessoais do verbo. Os referentes são incluídos no espaço à frente do sinalizador, apontando um local específico para cada participante, sendo atribuído a ele sempre aquele mesmo local, como em (26).

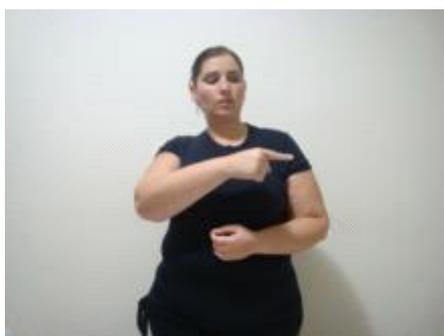
(26)



EU



VOCÊ

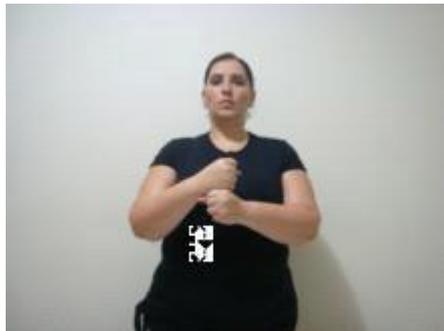


ELA/ELE

Nós, porém, acreditamos que aqui estamos tratando de itens lexicais diferentes, relacionados aos pronomes, não devendo ser considerados processos flexionais ou derivacionais.

b) Número: na Libras, a categoria “número” apresenta-se de diversas formas, como a distinção entre singular e plural (27a), e flexão do verbo para dois ou mais referentes, como em (27b).

(27a)



ANO



X

ANOS

(27b)



ENTREGAR

X



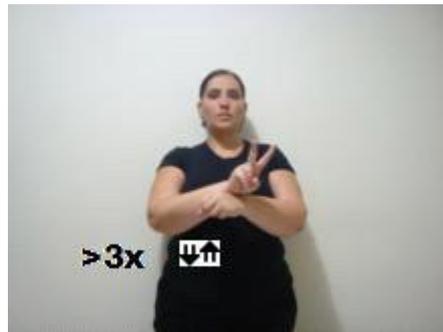
ENTREGAR-A-B-C (algo)

Novamente aqui é importante chamar a atenção para a reduplicação, pois o sinal reduplicado altera o conceito apresentado, gerando um novo sinal.

c) Aspecto: seria uma flexão relacionada às formas e à duração dos movimentos, passando ao falante a ideia de ação incessante, ininterrupta, habitual, contínua ou duracional, como ocorre com o verbo cuidar apresentado em (28 a-e)⁸

⁸ Exemplos retirados de QUADROS, R. M. & KARNOPP (2004, p. 123-4)

(28a)

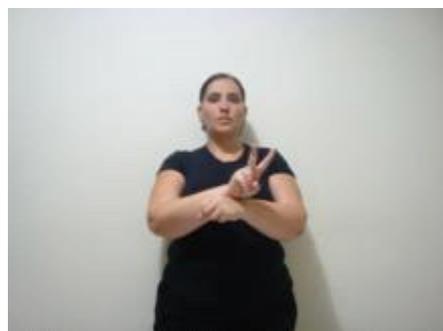


CUIDAR

CUIDAR (incessante): cuidar + cuidar + cuidar rapidinho

A reduplicação do movimento do sinal 'CUIDAR' mais curto e mais rápido indica uma ação incessante, contínua.

(28b)

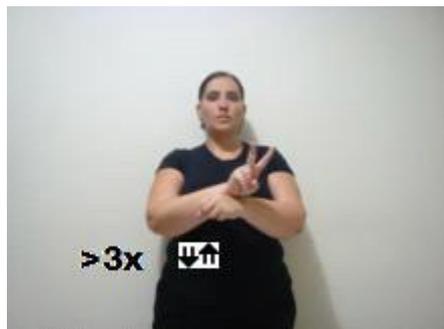


CUIDAR

CUIDAR (ininterrupto): cuidar parado

A ausência de movimento no sinal 'CUIDAR' transmite a noção de algo que começa e tem uma duração muito longa e de forma ininterrupta.

(28c)

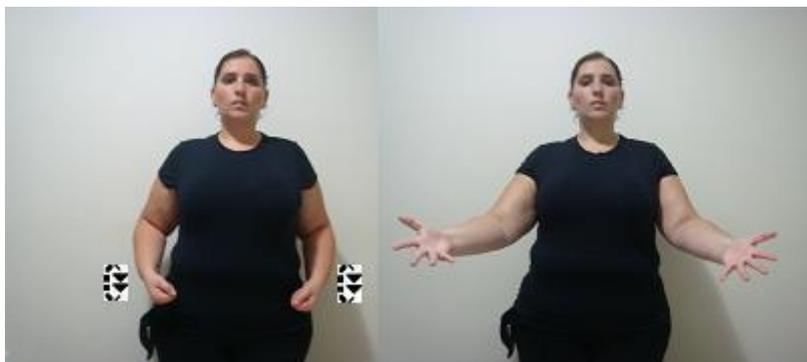


CUIDAR

CUIDAR (habitual): cuidar + cuidar + cuidar mais devagar

A reduplicação do sinal 'CUIDAR' com movimentos mais amplos e com velocidade mais baixa significa algo habitual, que apresenta recorrência.

(28d)

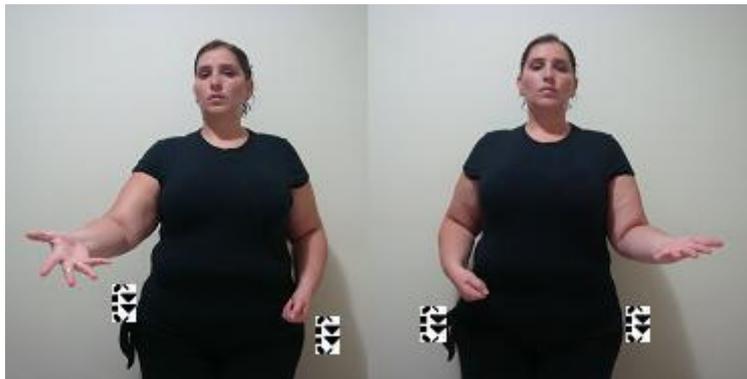


GASTAR

GASTAR (contínuo): movimento circular maior

O movimento circular realizado com ambas as mãos simultaneamente transmite a noção de continuidade, de recorrência sistemática.

(28e)



GASTAR

GASTAR (duracional): movimento circular com as mãos circulando alternadamente.

No movimento com as mãos alternadas, a noção passada é a de ação com caráter durativo, mais permanente.

Quadros & Karnopp (2004) demonstram ainda muitos pontos pouco aprofundados no estudo da morfologia na Libras e nas línguas de sinais do mundo, pois elas demonstram todas a mesma complexidade de separação entre os níveis linguísticos apresentados anteriormente por Leite (2008). Elas afirmam que, na Libras, os limites entre os níveis linguísticos ainda necessitam de estudos mais aprofundados, pois os trabalhos existentes ainda estão muito generalizados e incipientes. Além disso, há outros pontos importantes a serem considerados nesses estudos, como a tradição decorrente do estudo das línguas orais, pesquisa e nomenclatura linguística utilizada nos textos existentes.

Inicialmente percebemos um impasse ao se tentar descrever e explicar a morfologia da Libras, pois para as autoras, o peso da tradição dificulta a revisão e a adoção de novas posições, apresentando dúvidas quanto à linha de pesquisa e análise

que deverão seguir, se um estudo da morfologia a partir da análise da morfologia das línguas orais ou se devem “reduzir-se”⁹ ao estudo da morfologia das línguas de sinais. Quanto à pesquisa linguística, esta não pode ser limitada por questões relacionadas apenas com o ensino e difusão da língua de sinais. As autoras mostram como necessária a preocupação com a descrição e a explicação de fatos linguísticos acerca da morfologia da Libras, apresentando uma visão mais linguística do que pedagógica. Em relação à nomenclatura, as autoras citadas usam os termos já utilizados pelas gramáticas das línguas orais, buscando universais linguísticos compartilhados entre línguas de sinais e línguas orais. Essa estratégia pode também mascarar as especificidades das línguas de sinais.

Assim como os usuários das línguas orais, aqueles que utilizam as línguas de sinais conhecem milhares de sinais associados aos seus devidos significados, reconhecendo que uma dada cadeia de configuração de mão, movimento e localização, principalmente, pode corresponder a um sinal de sua língua. Os sinais, como as palavras das línguas orais, em geral são classificados em categorias lexicais, tais como nome, verbo, adjetivo, advérbio etc., que serão apresentadas mais adiante, em que discutiremos sobre a formação do léxico em Libras. Por ora não faremos uma reflexão no sentido de contestar a distribuição dos sinais em categorias lexicais frente a uma possível distribuição em categorias sintáticas, como argumento e predicado.

⁹ Apresentamos o termo “reduzir-se” entre aspas, pois são palavras usadas por Quadros & Karnopp (2004). Em nossa opinião, “reduzir-se” mostra o estudo da morfologia das línguas de sinais como se estivesse em um nível abaixo ao das demais línguas naturais.

1.6 Formação do léxico na Libras

Para Crystal (2008), o termo léxico é usado pela linguística como referência ao vocabulário de uma dada língua, ou seja, as palavras. Lyons (1987) afirma que “toda língua dispõe de um vocabulário, ou léxico, complementar à sua gramática na medida em que o vocabulário não só lista os lexemas da língua, como também associa a cada lexema todas as informações necessárias às regras da gramática”. Assim sendo, falar de léxico corresponde a falar do vocabulário, das palavras de uma determinada língua.

Quadros & Karnopp (2004, p.88) afirmam que “a estrutura dos sinais da língua de sinais brasileira é complexa, apresentando algumas propriedades presentes nas línguas de sinais que não são encontradas nas línguas orais”. Uma maneira visual de demonstrar isso é através da figura 4 (retirada de Quadro & Karnopp, 2004, p. 88).

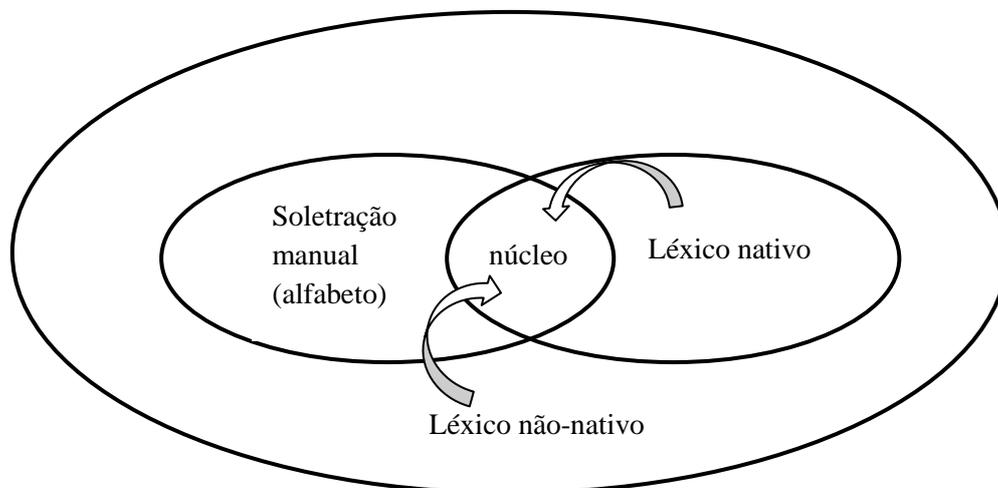


Figura 4: O léxico na língua de sinais brasileira¹⁰

¹⁰ A figura apresentada por Quadros & Karnopp (2004) apresenta uma interpretação confusa quanto à formação do léxico na Libras, dando a entender, visualmente, que o léxico não-nativo abrange todos os outros aspectos, como o léxico nativo, a soletração manual e o núcleo. Sabemos que esse tipo de interpretação não é o correto e entendemos que o léxico não-nativo deveria ser algo a parte, que se juntaria com os outros elementos no núcleo.

Quadros & Karnopp (2004) explicam a imagem acima da seguinte maneira: o léxico não-nativo contém palavras do português, que são soletradas manualmente e consideradas empréstimos, sendo utilizadas com menor frequência no léxico da Libras. O alfabeto manual são configurações de mão utilizadas para representar o alfabeto do português, ou seja, as configurações utilizadas para a representação do alfabeto manual, visto na imagem como “soletração manual”¹¹. O léxico nativo diz respeito aos sinais que foram criados e já internalizados pelos falantes, ou sinalizantes, da Libras. A soletração manual é utilizada pelos usuários de Libras em diversas situações, como nomes próprios, palavras que não têm sinal ou que o interlocutor não conheça, a fim de facilitar e melhorar a comunicação. Como exemplos dos eventos explicados, podemos citar a palavra ‘DIAFRAGMA’, que não possui um sinal e na Libras é realizada através da soletração, como em (29).

(29)



D-I-A-F-R-A-G-M-A¹²

Vale ressaltar que Quadros & Karnopp (2004) deixam bem claro que “soletração manual não é uma representação direta do português, é uma representação manual da ortografia do português”.

¹¹ A “soletração manual” apresentada por Quadros & Karnopp (2004) diz respeito a um conjunto de sinais que, juntos e em um contexto determinado, formam as palavras que não possuem sinais próprios.

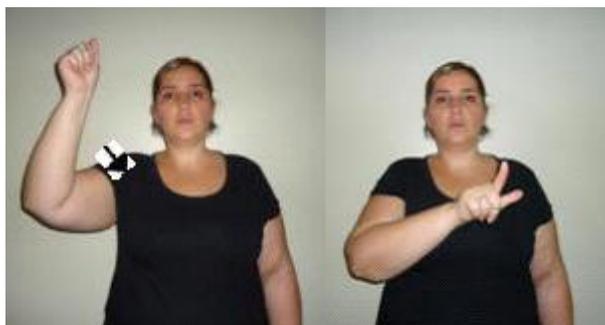
¹² Quando as palavras na Libras não possuem um sinal específico, estas são soletradas, sendo representadas aqui com as letras maiúsculas, separadas por hífen.

O léxico nativo citado na figura 4 diz respeito aos sinais usados na libras que podem até parecer ser utilizados por causa do alfabeto, mas que não são empréstimos do português, mas sim citados por Quadros & Karnopp (2004) como sendo os classificadores, como ocorre em (30)¹³.

(30)



LUA



SOL

A configuração de mão em ‘LUA’ e ‘SOL’ pode até ser parecida ou igual à letra utilizada do alfabeto manual para a sua soletração, mas durante a realização do sinal percebemos que ela está mais relacionada a um classificador, ou seja, de acordo com os pesquisadores da área, tem mais um fundo icônico, por representar uma característica marcante do objeto que está sendo representado.

¹³ Exemplo retirado de Quadros & Karnopp (2004).

O léxico não-nativo refere-se àqueles sinais como ‘NUNCA’, que inicialmente eram realizados apenas como uma soletração, mas que com o tempo foram se reduzindo e sendo modificados em Libras, como visto em (31a-c)¹⁴.

(31a)



N-U-N-C-A

(31b)



NUNCA (NCA)

¹⁴ Exemplo retirado de Quadros & Karnopp (2004).

(31c)



NUNCA (NUN)

Aqui percebemos como ocorreu a mudança do sinal desde o início até a forma como ele é realizado nos dias de hoje (31c).

1.7 Resumo do capítulo

Os estudos sobre morfologia, fonologia e léxico de Libras ainda carecem de uma vasta e complexa diferenciação. Os conceitos linguísticos aplicados à Libras ainda parecem bastante confusos e interligados, sendo difícil a diferenciação entre esses níveis.

Os autores consultados como Quadros & Karnopp (2004), Ferreira-Brito (1995), e vários outros citados no decorrer do capítulo tentam de alguma forma diferenciar os conceitos apresentados para morfologia e fonologia, com a intenção de que estas áreas não sejam confundidas, porém, no decorrer da leitura, verifica-se que mesmo assim estes se mostram interligados, confusos. Vimos em diversas produções

que os elementos formadores do sinal, os chamados parâmetros, são apresentados ora como parte da fonologia, ora da morfologia, como apresentado abaixo:

O que é denominado de palavra um item lexical das línguas orais-auditivas, são denominados sinais nas línguas de sinais. O sinal é formado a partir da combinação do movimento das mãos com um determinado formato em um determinado lugar, podendo este ser uma parte do corpo ou um espaço em frente ao corpo. Estas articulações das mãos, que podem ser comparadas as fonemas e às vezes aos morfemas. (FERREIRA-BRITO, 1995)

CAPÍTULO 2: Reduplicação

Neste capítulo, trataremos especificamente sobre a reduplicação, trabalhando seus conceitos, suas funções, seus tipos e contextos em que se apresenta, visando demonstrar de maneira clara e objetiva a ocorrência deste fenômeno linguístico nas línguas, sejam elas orais ou de sinais.

A seção 2.1 apresenta o que é a reduplicação, seus conceitos gerais nas línguas orais e/ou de sinais. A 2.2 discute sobre os tipos existentes de reduplicação, se ela é um fenômeno mais flexional ou mais derivacional. Por fim, em 3.3 discutimos sobre as funções da reduplicação e qual a sua intensão ao ser utilizada em uma determinada língua.

2.1. O que é a reduplicação?

A formação de palavras, em quase todas as línguas no mundo, decorre de alguns processos como citado por Petter (2005), que os define como processos morfológicos, podendo ser manifestados e demonstrados através dos processos de: adição (um ou mais morfemas é adicionado à raiz/radical como forma de afixo), alternância (quando sons da base se alteram foneticamente de maneira regular, com modificação morfológica – apofonia/ablaut), subtração (quando elementos são retirados da base, expressando um valor gramatical ou lexical) e a reduplicação, que explicaremos com maiores detalhes no decorrer deste capítulo.

A reduplicação é, para Petter (2005), um tipo de afixação por repetição que se utiliza de morfemas da mesma base, com ou sem modificações. A autora ainda afirma que esse morfema reduplicado pode aparecer antes, no meio ou depois da raiz, podendo ser reduplicada toda a raiz ou apenas parte dela. Como exemplo podemos citar a língua Fa d’Ambu, crioulo de base portuguesa da ilha de Ano Bom, como ocorre em (1)¹:

(1)

Intensidade	Kitsyi	“pequeno”	Kitsyikitsyi	“muito pequeno”
	Gavu	“bom”	gagavu	“muito bom”
Iteração	nda	“andar”	ndanda	“perambular”
	Fa(la)	“fala”	fafal	“tagarelar”
Distribuição	dosy	“dois”	dodosy	“ambos”
	Bodo	“borda”	bodobodo	“costa”

Autores como Haspelmath (2002), Aronoff & Fudemann (2005) e outros definem a Reduplicação como sendo a repetição de parte ou de toda uma palavra com a intenção de formar um novo vocábulo, um novo item lexical. O *Graz Database on Reduplication* define a reduplicação como:

A reduplicative construction is a set of at least two linguistic forms F and F’ in a paradigmatic i. e. non-suppletive morphological relation in which F’ contains a segment or a sequence of segments, which is derived from a non-recursive repetition of (a part of) F.²

¹ Exemplos extraídos de Petter (2005).

² Uma construção reduplicativa é um conjunto de, no mínimo, duas formas linguísticas, F e F’, em uma relação morfológica paradigmática (não-supletiva), em que F’ contém um segmento ou uma sequência de segmentos, o(s) qual(is) é(são) derivado(s) de uma repetição não-recursive de (uma parte de) F. (tradução nossa)

Ou seja, a reduplicação ocorre quando uma forma F' contém a forma F mais uma repetição de uma de suas partes, com a finalidade de provocar uma mudança em seu significado, criando um novo elemento linguístico, seja ele por meio de flexão ou de derivação. Ainda segundo o GDR, a reduplicação é um fenômeno presente em diversas línguas, inclusive nas línguas de sinais.

Um ponto importante a ser ressaltado é a diferença entre repetição e reduplicação, pois a primeira, ao contrário da segunda, não provoca uma alteração no significado da palavra que está sendo repetida por inteiro ou em parte. Outro fator relevante é o de que a reduplicação, de acordo com o GDR, é considerada um processo morfológico, enquanto a repetição decorre de um processo sintático. A repetição consiste na apresentação de duas palavras idênticas, porém separadas, enquanto a reduplicação é apresentada como um único item lexical.

A reduplicação está presente em diversos contextos, além da morfologia. Dentre esses contextos, o GDR aponta como relevantes a Semântica, Fonologia, Línguas de Sinais, Aquisição da Linguagem, jogos, sintaxe, entre outros. Para ele, a reduplicação pode ser vista como uma “ferramenta linguística formal” que pode ser utilizada em todos os níveis da estrutura linguística. Além disso, aponta que muitos consideram a Reduplicação um processo flexional, porém, em uma visão mais ampla, talvez a flexão seja uma das formas mais raras de Reduplicação, que discutiremos posteriormente.

Como já foi falado, o GDR apresenta em sua base diversas áreas na qual podemos observar a ocorrência do fenômeno estudado, conforme apresentamos a seguir.

2.1.1 Reduplicação na Fonologia

No caso da reduplicação fonológica, o GDR diz o seguinte:

A relação diacrônica entre reduplicação fonológica e morfológica deve ser brevemente discutida. Uma mudança diacrônica de “morfologização” de processos fonológicos tem sido descrita em muitos casos. Reconhece-se que muitas regras morfofonêmicas remetem a processos fonológicos produtivos. Mas devemos, pelo menos, encarar o desafio de pensar se reduplicação morfológica, com a mesma regularidade, pode ter sua origem na duplicação fonológica. Nós não temos qualquer evidência diacrônica, nem teórica e nem empírica, que possa sustentar tal tipo de mudança histórica. Por outro lado, temos uma série de argumentos que podem servir de prova contra ela, como preferências de direcionalidade, frequência, condições e de distribuição.³

O motivo para se aplicar esses processos é o de criar estruturas que, por uma razão ou outra, devem produzir padrões sonoros mais adequados. Importante lembrar que nem todas as formações resultantes desse processo que duplica uma unidade fonológica são consideradas reduplicação.

A Reduplicação Fonológica é um fenômeno que existe, provavelmente, em todos os níveis dos elementos fonológicos, podendo ser categorizados da seguinte maneira:

³ Texto original: The diachronic relationship between phonological and morphological reduplication should also be briefly discussed in this context. A diachronic change of morphologization of phonological processes has been described in many instances. It is recognized, that many morphophonemic rules go back to productive phonological processes. But we must at least challenge the question as to whether morphological reduplication with the same regularity might have its origin in phonological doubling. We do not have any diachronic evidence, which might sustain such a historical type of change, neither on theoretical nor on empirical grounds. On the contrary, a series of arguments can be actively adduced against it as preferences of directionality, frequency, conditions and distribution.

a) Duplicação segmentada: possui origem rítmica, como ocorre em (2)⁴.

(2) Latim tardio: Duplicação

Laburu > labbro

Em (2) ocorre um alongamento da consoante inicial das sílabas finais que é provocada pela retirada da penúltima vogal nas palavras proparoxítonas do Latim tardio.

b) Duplicação de partes de sílabas: muito conhecido como rima, baseado na identidade e repetição da parte da sílaba que contém seu núcleo.

c) Duplicação de sílabas: ocorre como na língua Tarahumara, na qual qualquer sílaba final pode ser ecoada acrescentando-se o k mais a vogal final sempre que a última sílaba é acentuada, como visto em (3)⁵.

(3) Tarahumara (Uto-Aztecan, México)

txopé > txopeke ‘lenha de pinho’

pači > pačiki ‘sabugo de milho’

sonó > sonoko ‘restolho’

d) Duplicação dos padrões rítmicos: utilizado em poesias, muito comum na palavra ‘metro’: uma sequência é pré-estabelecida com uma estrutura fixa interna em toda a sua extensão e é repetida em uma ordem para dar coesão ao texto.

⁴ Exemplo retirado de Graz Database on Reduplication. Disponível em < <http://reduplication.uni-graz.at/>>

⁵ Exemplo retirado de Graz Database on Reduplication. Disponível em < <http://reduplication.uni-graz.at/>>

Assim, o GDR aponta que esses processos fonológicos chamados de Duplicação⁶ podem ser vistos como notáveis na percepção humana. As possibilidades e regularidades dessa duplicação devem respeitar regras para que ocorram de maneira mais agradável, mais eufônica, como um estilístico meio de arte verbal.

2.1.2 Reduplicação na Aquisição da Linguagem

O GDR afirma que, no início da aquisição da linguagem pela criança, a Reduplicação de sílabas é a mais comumente encontrada, em um nível mais fonológico, sendo muito utilizada para tal as formas dissílabas em substituição às formas polissílabas empregadas pelos adultos, como utilizando ‘mamá’, por exemplo, referindo-se à mamadeira. É comum em crianças de idade menor, principalmente na fase do balbucio, em que a reduplicação auxilia na aquisição e desenvolvimento da língua. A criança experimenta formas diferentes e divertidas de descoberta da linguagem e do uso da língua, como uma tentativa de produzir palavras.

Um fator relevante e que deve ser levado em consideração é que esse tipo de Reduplicação não está presente na fala de todas as crianças da mesma maneira, como uma regra. Este fenômeno pode se apresentar com maior ou menor frequência na fala da criança, não interferindo no desenvolvimento de sua linguagem.

Em sua base de dados, o GDR aponta também a Reduplicação nas Línguas de Sinais, mas este ponto será detalhado no capítulo 3.

⁶ O processo de duplicação citado pelo GDR diz respeito à reduplicação no nível fonológico, que ele ainda ressalta como sendo um fenômeno que não ocorre em todos os níveis de elementos fonológicos.

2.2. Tipos

A Reduplicação tem a função de formar uma nova palavra, um novo item lexical, podendo ocorrer em diversas classes de palavras, como substantivos, verbos ou adjetivos, dependendo das normas das línguas que têm esse processo também como formadores de seu léxico. Mas qual é o processo de formação de palavras mais presente nessa situação? Seria a Reduplicação um processo Flexional ou Derivacional?

Para melhor esclarecer tal ponto, tem-se a necessidade de abordar esses processos, deixando claros seus conceitos para que possamos caracterizar uma nova formação lexical frente a uma mudança apenas gramatical.

2.2.1 Flexão

Aronoff & Fudemann (2005, p.45) definem a flexão como “a criação de diferentes formas gramaticais para um mesmo lexema”, sendo apontado como a realização de um traço morfossintático em um significado morfológico, ou seja, é um fenômeno que ocorre através de uma modificação morfológica devido ao acréscimo de um afixo, que está intimamente e obrigatoriamente ligado a um fator sintático, pois o produto deste processo, via de regra, deve concordar com toda a estrutura frasal em que se encontra.

Para Dubois (1973), a flexão é vista como um processo que ocorre mediante a afixação de morfemas às raízes, visando exprimir as funções sintáticas, categorias gramaticais ou categorias semânticas, afirmando que o conjunto de formas flexionadas de uma palavra varia conforme o caso, o gênero, o número, a pessoa, etc.

Para Silva (2009), os morfemas flexionais apresentam duas características importantes. Em primeiro lugar, destaca que eles têm sua organização em paradigmas. Para ela, há um “conjunto coeso de formas, com pouca variação, que se aplica sistematicamente a toda classe ou subclasse de palavras veiculando certas noções específicas” (SILVA, 2009, p. 27). Em segundo lugar, ela aponta o fenômeno da concordância, que determina que toda a estrutura sintática deve ser alterada para concordar com o afixo acrescentado a uma determinada palavra na sentença, mas não é regra obrigatória, haja vista, por exemplo, o aspecto e o tempo verbal do português.

Por sua vez, Lyons (1987) define a flexão como uma mudança na forma da palavra para exprimir sua relação com outras palavras na frase. Ele aponta a flexão como sendo complementar à sintaxe, constituindo parte da gramática, especificando qual das formas de um dado lexema deve constituir uma determinada sentença.

Haspelmath (2002) apresenta dois tipos de flexão: a flexão contextual e a flexão inerente. Para ele, a flexão contextual compreende as categorias puramente sintáticas na qual a palavra deve assumir uma determinada forma a fim de concordar com os outros elementos da sentença em que ela está inserida. Um exemplo disso é a flexão de adjetivos em português padrão. Já a flexão inerente trata das categorias que, como a derivação, transmitem uma determinada quantidade de informações independentes e que não são forçadas a se modificar pela estrutura sintática, como os substantivos.

2.2.2 Derivação

A derivação, diferentemente da flexão, é apontada por Aronoff & Fudemann (2005, p. 45) como “a criação de um novo lexema a partir de um ou mais outros lexemas através de um processo morfológico, como a afixação ou a composição”.

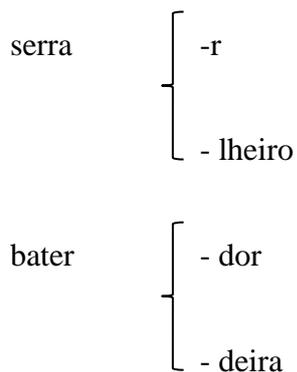
Silva (2009) defende que “a tradição gramatical diz que a derivação cria palavras novas”, citando como exemplo o Português, apresenta a derivação como um processo de afixação, podendo ser por sufixo ou prefixo.

Já para Lyons (1987), a parte que trata da derivação trata dos processos de formação de palavras, sendo inclusive as novas palavras geradas apresentadas em dicionários como palavras distintas, tendo cada uma sua entrada diferenciada.

Basílio (1989) apresenta a derivação como um dos processos de formação de palavras. Ocorre especificamente, como já citado por outros autores, através da afixação, afixo este que “é um elemento estável, com função sintática ou semântica predeterminada” (BASÍLIO, 1989, p. 29), ou seja, ocorre pela junção de uma base a um ou mais afixos, os quais não têm significado se apresentados isoladamente.

Diferentemente da flexão, que ocorre predominantemente com substantivo ou verbo, a derivação ocorre com diversas classes gramaticais. Aronoff & Fudemann (2005) citam a derivação nominal, verbal e dos adjetivos como sendo as mais comuns, sendo sem dúvidas a nominal o tipo mais frequente e usual, conforme apresentado em (4).

(4)



2.2.3 Flexão *versus* Derivação

Aronoff & Fudemann(2005) afirmam que a diferença entre a flexão e a derivação está intimamente ligada ao fato de que a derivação gera uma nova palavra, um novo lexema, um novo significado, enquanto a flexão mostra diferentes formas de se representar um mesmo lexema, um mesmo conceito, alterando-o apenas com intenção sintática, para que haja concordância em uma determinada sentença. Via de regra, há também outros fatores relevantes na diferenciação, como demonstraremos a seguir.

O primeiro ponto a ser considerado está relacionado à base das palavras que serão utilizadas. A flexão não altera o significado lexical da base ou a categoria gramatical à qual uma palavra pertence, enquanto a derivação pode ou não interferir na classe gramatical, provocando sempre uma mudança no significado, como visto em (5).

(5)

Flexão: corda – cordas

ponte – pontes

derivação: carregar – carregador

pedir – pedinte

Percebemos que nos exemplos dados para flexão, o acréscimo do {-s} ao final da palavra apenas transmite a noção de plural, mantidos os significados das palavras apresentadas, porém, na derivação com os verbos apresentados inicialmente, quando juntados a um afixo diferente, há mudança tanto no significado quanto na classe gramatical a que pertencem as palavras.

O segundo ponto é o fato de que a flexão influencia fortemente na organização sintática de uma estrutura. Não é possível, por exemplo, em uma sentença do português padrão⁷, pluralizar um substantivo sem que se modifique toda a estrutura da frase. Para que haja concordância, é necessária a adaptação e alteração de todos os termos ali presentes, como visto em (6).

(6) João comprou uma maçã madura.

*João comprou cinco maçã madura.

João comprou cinco maçãs maduras.

⁷ O Português Brasileiro, por ser estruturalmente distinto do português padrão, não apresenta essa regra, mas sim outra.

O terceiro ponto é o de que a flexão tende a ser mais produtiva do que a derivação, pois a flexão pode ser utilizada em quase todas as palavras de uma determinada categoria, sem provocar prejuízos à compreensão da mensagem que se quer passar. Já a derivação, caso fosse aplicada, alteraria todo o sentido da frase, como em (7).

(7)

Comprei um banco de madeira.

Comprei três bancos de madeira.

Comprei três bancos de madeireira.

A palavra ‘banco’, quando acrescida do sufixo {-s}, gera o plural ‘bancos’, mantendo todo o sentido da frase inicial, porém, em ‘madeira’, quando acrescentamos o sufixo {-eira}, o significado de toda a sentença é alterado, tendo o interlocutor uma interpretação diferente da original.

O quarto ponto, também relevante e que cabe discussão, é o fato de que os afixos derivacionais ocorrem mais próximos à raiz ou ao radical do que os afixos flexionais. Estes, por sua vez, normalmente são colocados ao final da palavra, mais distante da raiz ou do radical, como em (8).

(8) cant-ar

cant- ata

cant- ata-s

Aqui podemos perceber, em primeiro lugar, o verbo, em segundo, a forma derivada, e em terceiro lugar a forma derivada e flexionada. O afixo que produz a flexão para o plural, em ‘cantatas’, está mais distante da raiz, enquanto o afixo {-ata} está imediatamente após a raiz cant-.

Por fim, o quinto e último ponto citado por Aronoff & Fudemann (2005) refere-se às organizações de dicionários. Palavras derivadas são mais prováveis de aparecer em um dicionário, em uma entrada própria, do que as formas flexionais, exatamente pelo fato, já várias vezes mencionados, da mudança de significado.

Haspelmath (2002), por sua vez, traz alguns aspectos parecidos aos apresentados por Aronoff & Fudemann (2005), porém citam também outras diferenças entre os processos aqui trabalhados, denominando de propriedades da flexão e da derivação. As diferenças são:

1. A flexão tem grande relevância sintática, provocando uma alteração em toda a sentença a que pertence, enquanto a derivação não, conforme apresentado em (9);

(9)

Sentença: A roupa foi pendurada no cabide.

Flexão: As roupas foram penduradas nos cabides.

Derivação: A roupa foi pendurada no cabideiro.

2. A flexão é obrigatória e a derivação é opcional, ou seja, ainda pensando no aspecto da sintaxe, a flexão torna-se obrigatória em decorrência da estrutura sintática em que a palavra está inserida, enquanto a derivação não sofre essa obrigatoriedade, encaixando-se na sentença de forma mais livre e independente, como em (10a-c);

(10a) Ele foi fazer um lanche.

(10b) Ele foi sozinho à lanchonete.

(10c) Eles foram sozinhos à lanchonete.

Observem que, em (10b) e (10c) a sentença foi alterada de acordo com o número de participantes (flexão). Já a mudança de “lanche” para “lanchonete” não altera a estrutura da frase (derivação).

3. Formas flexionadas não podem ser substituídas por palavras simples, enquanto as formas derivadas podem. Isto quer dizer que a palavra ‘blusas’ será sempre representada da mesma maneira quando se referir ao plural de ‘blusa’, por se tratar de uma flexão. Porém, a palavra ‘cadeirinha’ pode

facilmente ser substituída por ‘cadeira pequena’, sem prejuízo à sua compreensão, por se tratar de uma palavra derivada, como em (11);

- (11) Cadeira - cadeiras
 Cadeirinha - pequena cadeira
 Cadeiras - pequenas cadeiras

4. Formas flexionadas mostram sempre o mesmo conceito de sua base, enquanto formas derivadas expressam um novo conceito, como em (12);

- (12) Palavra: café
 Forma flexionada: cafés
 Forma derivada: cafeteira

A forma original ‘café’ e a forma derivada ‘cafés’ apresentam o mesmo conceito de uma bebida quente comum ao brasileiro, enquanto a sua forma derivada ‘cafeteira’ remete a uma máquina que prepara o café, criando um novo conceito.

5. Categorias flexionais expressam mais conceitos abstratos enquanto as categorias derivacionais apresentam mais conceitos concretos. Isto não significa que formas derivadas não possam expressar conceitos abstratos, ou vice-versa, apenas mostra o que ocorre mais comumente;

6. Palavras flexionadas são mais regulares semanticamente enquanto as palavras derivadas são mais irregulares. Isso está relacionado ao fato citado anteriormente, de que a flexão não provoca alterações no significado e que a derivação gera um novo conceito, como em (13);

(13)	Radical	Flexão	Derivação
	Ped-	$\left[\begin{array}{l} -ir \\ -imos \\ -irão \end{array} \right.$	$\left[\begin{array}{l} -ir \\ -inte \\ -ido \end{array} \right.$

7. A flexão pode ser utilizada em sua base, ou sua raiz, mais livremente, sem limitações, enquanto as formações derivacionais podem estar limitadas, principalmente do ponto de vista semântico, pois a palavra gerada com a derivação de uma base pode não se encaixar no contexto em que ela se encontra, provocando uma divergência ou confusão na informação;
8. A flexão ocorre mais afastada da raiz, enquanto a derivação ocorre mais próxima à raiz;
9. A flexão produz menos alomorfias de raiz do que a derivação, como ocorre no Inglês, apresentado em (14)⁸;

(14)	Raiz	Flexão	Derivação
	<i>destroy</i> (destruir)	<i>destroy-ed</i> (destruído)	<i>destruc-tion</i> (destruição)
	<i>broad</i> (amplo)	<i>broad-er</i> (mais amplo)	<i>bread-th</i> (largura)

⁸ Exemplo retirado de Haspelmath(2002).

10. Categorias flexionais podem ser expressas cumulativamente (fusão). Já a derivação não é cumulativa;

(15) verbo: sair → sair-mos

{-mos}

Pessoa: 1^a pessoa

Número: plural

11. Os afixos flexionais não podem ser repetidos em uma mesma palavra, diferentemente dos afixos derivacionais. Como exemplo podemos citar a pluralização de um termo em português, que ocorre com o acréscimo do morfema {-s}. Se uma determinada palavra já está apresentada no plural, não pode ser feito um “duplo plural”, como percebemos em casas - *casases.

Então, de acordo com todos os aspectos e conceitos aqui apresentados, podemos pensar na reduplicação como um processo fortemente derivacional, pois nos conceitos deste fenômeno é bastante frisada a questão da mudança semântica acarretada, porém, nos dados apresentados das diversas línguas que apresentam este fenômeno percebemos que não ocorre apenas assim e que não podemos ser tão categóricos. Porém, esta questão será mais detalhada no capítulo 4, no qual será abordada a reduplicação na Libras, mostrando os resultados encontrados durante a nossa pesquisa.

2.3 Formas

Quanto à forma da reduplicação, temos que levar em consideração a importância desse dado para a compreensão e correta utilização e análise desse fenômeno. Haspelmath (2002), Aronoff & Fudemann (2005), o *Graz Database on Reduplication* (GDR), e outros diversos pesquisadores apontam que essa reduplicação pode ser de parte ou de toda a palavra. Gomes (2006) apresenta as formas da Reduplicação verbal em Mundurukú, afirmando que ela pode ser monossilábica, dissilábica ou trissilábica. Relata que a reduplicação de uma sílaba ocorre com mais frequência, mesmo nos casos de palavras que tenham mais de uma sílaba, como apresentado em (16)⁹.

(16)	<i>'at</i>	-	<i>'at.'at</i>	'cair'
	<i>dakat</i>	-	<i>dakat.kat</i>	'cortar'
	<i>nomuwã</i>	-	<i>nomuwã.wã</i>	'chamar'
	<i>jeorok</i>	-	<i>jeorok.orok</i>	'caçar'
	<i>jepidowat</i>	-	<i>jepidowat.pidowat</i>	'respirar, ofegar'

No exemplo acima observamos com mais clareza o que foi explicado por Gomes (2006), pois nas diversas palavras apresentadas ocorreram as diferentes formas de reduplicação citadas.

2.4 Funções

O fenômeno da reduplicação, segundo Gomes (2006) e Vialli (2008), é percebido em diversas línguas do mundo, podendo abranger diferentes funções, como

⁹ Exemplo retirado de Gomes (2006), em que a forma reduplicada pode significar maior duração em uma ação, pluralidade ou intensificação / atenuação.

citado acima, dependendo da forma como ela é aplicada em cada uma delas. Em Mundurukú, por exemplo, as funções da reduplicação verbal são intensidade, duração e pluralidade.

2.4.1 Intensidade

Gomes (2006, p.56) fala sobre intensificação ou atenuação do significado do verbo. Afirma que a reduplicação está ligada à intensidade da noção passada pelo verbo apresentado, como em (17)¹⁰. Quanto à atenuação, esta é expressa com a mudança da vogal da sílaba reduplicada para /ə/, quando em um verbo estativo, como em (18)¹¹.

(17) **axima i-ku**

peixe R2¹²-ser.gostoso

'Peixe é gostoso.'

axima i-ku.ku

peixe R2-ser.gostoso.INTS¹³

'Peixe é muito gostoso.'

¹⁰ Exemplo retirado de GOMES (2006).

¹¹ Exemplo retirado de GOMES (2006).

¹² Indicador de determinante não-contíguo.

¹³ Intensificação.

(18) **w=Ø-aypa. pûn ma**

1S¹⁴=R1¹⁵- ser.crescido.ATEN¹⁶ mesmo

'Eu era um rapazinho.'

Essas noções de intensidade e atenuação são apresentadas também por Vialli(2008) da mesma maneira que Gomes (2006), tendo ela citado outras línguas, como o Thai, idioma oficial e nacional da Tailândia.

2.4.2 Duração

A função mais comum e mais importante da reduplicação verbal em Mundurukú é, segundo Gomes (2006), a duração, agrupando as noções de progressão e iteração, citadas também por Vialli (2008). Ambos apontam que a reduplicação mostra o processo de um evento que se estende por um determinado período de tempo, continuamente, não sendo uma ação pontual, como visto em (19)¹⁷. Além disso, ela pode trazer também uma noção de repetição, não obrigatoriamente no mesmo momento, mas em momentos diferentes, passando a noção de iteratividade, como em (20)¹⁸, que pode envolver um ou mais participantes.

¹⁴ Primeira pessoa, 'eu, me'.

¹⁵ Indicador de determinado contíguo.

¹⁶ Atenuativo.

¹⁷ Exemplo retirado de GOMES (2006).

¹⁸ Exemplo retirado de VIALLI (2008).

- (19) **ajok.joḡ** **tu** **ẽn**
banhar-se.DUR¹⁹.IPRF²⁰ INT²¹ você
'Você está se banhando?'

- (20) -pik 'toque' → -pipik 'toque repetidamente'
bu 'quebrar' → bubu 'quebrar várias coisas'

2.4.3 Pluralidade

A reduplicação como forma de representar a pluralidade está presente tanto na classe dos verbos quanto na classe dos nomes.

Gomes (2006, p. 57-8) afirma que no Mundurukú “os verbos intransitivos e transitivos se reduplicam para indicar a pluralidade do participante absoluto”, como em (21)²², ou “indicando a pluralidade dos participantes em predicados verbais de reciprocidade”, como em (22)²³.

¹⁹ Duração

²⁰ Aspecto Imperfectivo

²¹ Partícula interrogativa

²² Exemplo retirado de GOMES (2006).

²³ Exemplo retirado de GOMES (2006).

(21) **aḡokatkat** **o'=ajēm**

homem 3S²⁴=chegar.PRF²⁵

'Um homem chegou.'

aḡokatkat **o'=ajēm.jēm**

homem 3S=chegar.PLUR²⁶.PRF

'Os homens chegaram.'

(22) **ayacā-yũ** **o'=je-w-akobut.but**

mulher-PL²⁷ 3S=MED²⁸-REC²⁹-abraçar.PLUR

'As mulheres se abraçaram.'

Viali (2008) fala da pluralidade na classe dos substantivos, como o plural em nomes em Papago, que ocorre pela reduplicação da primeira sílaba do nome, alongando a vogal, como em (23)³⁰.

²⁴ Terceira pessoa, 'ele(a) eles(as)'.
²⁵ Aspecto perfectivo.

²⁶ Pluralidade.

²⁷ Plural.

²⁸ Voz média.

²⁹ Recíproco.

³⁰ Retirado de KATAMBA (1990).

(23) singular		plural
bana	‘coiote’	baabana
tini	‘boca’	tiitini
kuna	‘marido’	kuukuna

As funções aqui são relatadas em diversos estudos realizados sobre a reduplicação. Mas cabe agora nos questionarmos: será que há somente estas funções para a reduplicação? Nas línguas orais e nas línguas de sinais esse fenômeno funciona da mesma maneira? As funções são as mesmas ou há alguma função nas línguas de sinais que não está presente nas línguas orais, e vice-versa? Isto é o que veremos mais adiante, no capítulo sobre a reduplicação nas Línguas de Sinais.

2.5 Resumo do Capítulo

Neste capítulo foi apresentado o fenômeno da reduplicação de maneira geral, apresentando em 2.1 o que é a reduplicação e como os teóricos como Haspelmath (2002), Lyons (1987), Aronoff & Fudemann (2005) e diversos outros autores abordam essa questão, além dos diversos contextos em que ela ocorre. Em 2.2 foram apresentados os tipos de reduplicação, podendo ser flexional ou derivacional, de acordo com sua ação sobre a raiz. Em 2.3 falamos das formas da reduplicação, apresentando a visão principalmente de Gomes (2006), que aponta as formas da reduplicação verbal no

Mundurukú. Por fim, em 2.5 abordamos as funções da reduplicação, também apontadas por Gomes (2006) e por Vialli (2008), sendo elas intensidade, duração e pluralidade. No capítulo 4, serão apresentadas outras funções da reduplicação, baseadas nos dados coletados e analisados em Libras.

CAPÍTULO 3: Reduplicação em línguas de sinais

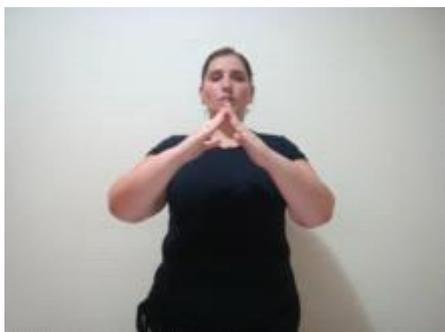
Neste capítulo, abordaremos o fenômeno da reduplicação nas línguas de sinais de forma geral. A seção 3.1 destaca a reduplicação e sua presença nas línguas de sinais, citando em quais ela está presente e o que foi encontrado de registro desse fenômeno. E em 3.2 é abordada a tipologia da reduplicação das línguas de sinais, como ela ocorre e que tipo de processos acarreta.

3.1 Reduplicação em línguas de sinais

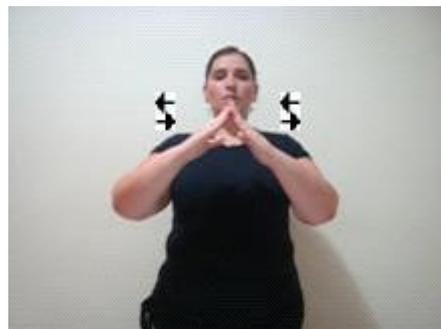
Assim como nas línguas orais, a reduplicação está presente também nas línguas viso-espaciais, sendo apontada pelo GDR que “a reduplicação é um fenômeno morfossintático altamente produtivo em línguas de sinais”¹. Porém, antes de nos aprofundarmos nesse estudo, é importante que a diferença entre repetição e reduplicação também em línguas de sinais esteja bem clara.

Nas línguas de sinais, a repetição é apontada pelo GDR, de maneira muito superficial, como parte do movimento do sinal, que muitas vezes ocorre na transição entre um sinal e outro, como uma repetição simples, sendo inerente ao sinal; é lexical e prosodicamente determinada, como visto em (1).

¹ Texto original: Reduplication is highly productive morpho-syntactic practise in sign language

(1) Repetição *versus* reduplicação na Língua Brasileira de Sinais (Libras)

CASA



CASA

No sinal ‘CASA’, a realização no sinal com movimento repetitivo ou sem movimento não interfere no seu significado, sendo considerado um caso de repetição, e não de reduplicação.

Já a reduplicação é de ordem morfológica, consiste em pelo menos duas repetições influenciando nas funções gramaticais e na formação do léxico de uma língua. Ou seja, para se diferenciar uma simples repetição de movimento do fenômeno da reduplicação, é necessário que se faça uma análise da função e da forma desse movimento. Caso ocorram alterações no significado, ou alguma mudança gramaticalmente relevante, estamos diante de uma reduplicação. Caso não haja nenhuma alteração e essa repetição do movimento seja muito rápida e quase imperceptível trata-se de uma simples repetição.

De acordo com o GDR, a reduplicação nas línguas de sinais vem sendo pesquisada por diversos autores, analisando as diversas línguas de sinais do mundo. Assim, podemos citar diversas delas que apresentam esse fenômeno como parte importante do processo de formação de palavras da língua. O GDR cita como exemplos de línguas de sinais que apresentam a reduplicação a Língua Alemã de Sinais, ou

Deutsche Gebärdensprache (DGS), com pesquisadores como Pfau & Steinbach (2006); a Língua Britânica de Sinais, ou *British Sign Language* (BSL), com autores como Sutton-Spence & Woll (1999); a Língua de Sinais Sueca, ou *Swedish Sign Language/Tecknad Svenska* (SSL/TS), com Bergman & Dahl (1994). Além desses autores apontados, há também reduplicação na Língua Brasileira de Sinais (Libras), em estudo apresentado de maneira incipiente por Ferreira-Brito (2001).

Em todas essas línguas, os estudiosos têm definido esse fenômeno observando, analisando e documentando todas as propriedades fonológicas, semânticas e lexicais. Quanto aos aspectos morfológicos, o GDR cita os estudos de Bergman e Dahl (1994), que investigam a reduplicação verbal na Língua de Sinais Sueca, voltando seus estudos para a diferenciação de processo, resultando em flexão ou derivação.

Cabe ressaltar aqui que a reduplicação é um processo presente, como falado anteriormente, não em todas, mas na maioria das línguas de sinais documentadas e pode ser aplicada ou utilizada de diversas formas diferentes. Com isso, é importante que se tenha muito cuidado ao categorizar ou ao afirmar as funções e formas de uso deste fenômeno.

3.2 Tipologia da Reduplicação em outras línguas de sinais

A reduplicação nas línguas de sinais pode gerar como produto processos flexionais ou derivacionais. Tudo depende das formas e funções observadas e dos significados atribuídos à reduplicação durante a execução de um determinado sinal e do contexto em que está ocorrendo.

O GDR aponta que os significados expressos e encontrados nos trabalhos sobre esse tema são os mesmos encontrados nas línguas orais, quais sejam frequência e continuidade, pluralidade, reciprocidade, mudanças de classes, entre outros. Porém, alguns aspectos encontrados na reduplicação nas línguas de sinais, como a sua apresentação visual, a ausência de sons, a reduplicação do sinal como um todo ou de seus componentes², são bem diferentes daqueles observados nas línguas orais, isso por causa de seu modo viso-espacial, utilizando um espaço tridimensional para sua expressão.

São citados dois tipos comuns de reduplicação encontrados nas línguas de sinais relacionados à direção do movimento e apontados de maneira resumida no GDR, porém bem detalhado por Pfau e Steinbach (2006), sendo elas a reduplicação Simples, que também abrange a chamada reduplicação com deslocamento, e a reduplicação para trás.

O GDR aponta que a reduplicação simples, ou *simple reduplication*, é utilizada na DGS para a formação do plural de nomes, o movimento do sinal é reduplicado, conforme visualizado em (2)³.

(2) Reduplicação simples (*simple reduplication*)



² Esses componentes são os chamados parâmetros, apresentados no capítulo 1.

³ Exemplo retirado do GDR, acessado em < <http://reduplication.uni-graz.at/> >, 14/12/11, às 10:30.

A reduplicação com deslocamento, ou *sideward reduplication*, é também utilizada para representar o plural de nomes, como a reduplicação simples, porém utiliza o espaço neutro de sinalização e é realizada com sinais que não têm como ponto de articulação, ou localização, parte do corpo. Assim, o sinal é realizado a primeira vez e sua reduplicação ocorre com o deslocamento para a direita do sinalizante, como apresentado em (3)⁴.

(3) reduplicação com deslocamento (*sideward reduplication*)

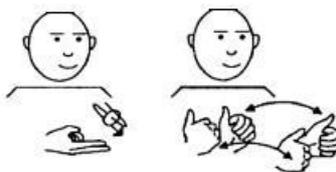


Vale ressaltar que, na Língua Britânica de Sinais (BSL), a reduplicação com deslocamento nos verbos representa distribuição, multiplicidade, como ocorre, por exemplo, com o verbo ensinar (*TEACH*) que, quando reduplicado com deslocamento, passa a significar ‘ensinar cada um deles’ (*TEACH-EACH-OF-THEM*).

A reduplicação para trás, ou *backward reduplication*, é aquela que apresenta uma mudança na direção do sinal reduplicado, que ocorre, por exemplo, na Língua Alemã de Sinais (DGS), sendo utilizada para demonstrar a noção de reciprocidade de um verbo, como apresentado em (4)⁵, com o verbo “ajudar”.

⁴ Exemplo retirado do GDR, acessado em < <http://reduplication.uni-graz.at/> >, 14/12/11, às 10:30.

⁵ Exemplo retirado do GDR, acessado em < <http://reduplication.uni-graz.at/> >, 14/12/11, às 10:30.

(4) Reduplicação para trás (*backward reduplication*)

‘estamos ajudando um ao outro’

Além da direção do movimento, há outros quesitos importantes e que devem ser analisados e apresentados. Bergman e Dahl (1994) apresentam a duração e a velocidade como fatores relevantes a serem considerados sobre a reduplicação nas línguas de sinais. Na Língua de Sinais Sueca, por exemplo, a reduplicação com movimento mais rápido ou mais devagar dos verbos representa uma mudança no aspecto. Como exemplo, o GDR aponta o verbo “esperar”, que apresenta duas diferentes formas reduplicadas, com diferentes significados, do ponto de vista aspectual. Quando a reduplicação do sinal de ‘esperar’ é realizada rapidamente, a interpretação dada àquele sinal é de ‘ficar esperando, esperar por um momento’. Por outro lado, se é reduplicado vagarosamente, o significado atribuído é de ‘esperando por um longo tempo’, como em (5)⁶.

(5)

WAIT: ‘esperar’

WAIT +++ ‘ficar esperando, esperar por um momento’

WAIT ### ‘esperar por um longo tempo’

⁶ Exemplo retirado do GDR, acessado em < <http://reduplication.uni-graz.at/> >, 03/04/12, às 16:20.

Enfim, quando se refere às regras e aos padrões da reduplicação nas línguas de sinais, o GDR afirma que é importante sempre nos lembrarmos de que a língua de sinais é uma língua visual capaz de expor qualquer assunto ou tema, de diferentes maneiras, em um espaço apontado como tridimensional, a partir da combinação entre os fenômenos linguísticos e os elementos que compõem o sinal, principalmente a configuração de mãos, a expressão facial e o movimento.

3.3 Resumo do Capítulo

Neste capítulo, começamos a focar no fenômeno da reduplicação nas línguas de sinais, que são línguas com modo viso-espacial. Em 3.1, apresentamos os conceitos mais gerais da reduplicação e de que maneira elas ocorrem nas línguas de sinais de modo geral. Em 3.2, apresentamos a tipologia da reduplicação em outras línguas de sinais que não a Libras, mostrando a visão de alguns estudiosos como Pfau & Steinbach (2006), Bergman & Dahl (1994) e Sutton-Spence & Woll (1999).

Pensemos, então, na nossa realidade. Como esse fenômeno ocorre na Língua Brasileira de Sinais? Será que segue os mesmos padrões apresentados nas línguas de Sinais de forma geral? Ou segue as mesmas características da reduplicação nas línguas orais? Isto é o que apresentaremos e aprofundaremos a partir de agora.

CAPÍTULO 4: Reduplicação em Libras

Neste capítulo, apresentaremos a maneira como a reduplicação ocorre na Libras, quais os tipos de reduplicação presentes e quais as funções por ela exercida na construção de um discurso coeso e coerente, dentro das regras e normas da língua e outros aspectos relevantes no estudo da reduplicação e da Libras.

Em 4.1, fazemos uma discussão sobre o que é a reduplicação na Língua Brasileira de Sinais baseados em informações empíricas, especificamos como ocorreu a coleta e a análise dos dados, iniciamos os questionamentos acerca dos tipos de reduplicação em Libras. Em 4.2, apresentamos os tipos de reduplicação, dividindo-a em flexional, derivacional ou intrínseca. Em 4.3, explicamos as funções da reduplicação em Libras. Em 4.4, apresentamos as formas da reduplicação em Libras, explicando principalmente quais componentes do sinal podem ser reduplicados. Em 4.5, fazemos uma reflexão sobre o caráter icônico da reduplicação em Libras, baseados principalmente nos princípios de Givón (1990). Em 4.6, refletimos sobre a produtividade da reduplicação em Libras e sua influência na formação do léxico da língua. Por fim, em 4.7, aprofundamos um pouco mais a discussão sobre os tipos de reduplicação, não categorizando como derivacional ou flexional, mas sim a enquadrando na teoria do *continuum* defendida por Haspelmath(2002) e Bybee (1985).

4.1 Reduplicação em Libras

Como falado anteriormente, a reduplicação é apresentada como um dos processos de formação das palavras de uma língua. Na Libras, esse fenômeno não foge

à regra e também está presente, da mesma maneira que nas línguas orais e nas outras línguas de sinais.

Ferreira-Brito (2001, p.6) afirma que, em Libras, “uma forma linguística pode repetir-se no espaço (repetição) ou no tempo (reduplicação)”, afirmando que, em um nível fonológico, ambas são consideradas unidades distintivas, por diferenciarem os sinais, e em âmbito morfológico são utilizadas para obtenção de negação, conceitos aspectuais, pluralidade e mudança de categoria gramatical. Como resumo, ela categoriza a repetição como um processo que gera pluralidade, e a reduplicação como um intensificador do significado de um sinal. Em seu texto, ela fala em repetição e reduplicação como o reaparecimento de uma mesma unidade linguística, podendo ser “um morfema, uma unidade mínima distintiva, um argumento, um significado verbal ou nominal, um significado funcional ou uma referência” (FERREIRA-BRITO, 2001, p. 14). Percebemos que na fala da autora não há uma diferenciação clara entre os processos linguísticos, uma vez que afirma que tanto a repetição quanto a reduplicação contribuem para a geração de novos significados. Porém, ressaltamos que há diferença entre os esses fenômenos, pois, na repetição, o reaparecimento de uma parte ou de toda a estrutura não gera um novo item lexical e nem altera em nada o significado da palavra, enquanto na reduplicação a geração de palavras e a mudança, mesmo que mínima, no significado são condições *sine qua non* para sua ocorrência.

Desta forma, estaremos aqui expondo os resultados da análise dos dados por nós coletados, comparando com a visão dos estudiosos da área de Libras, apresentando e representando com exemplos os casos em que ocorre esse fenômeno.

4.1.1 Coleta de dados

Para uma análise mais aprofundada da reduplicação na Libras, analisamos um vídeo no qual surdos com um nível de instrução mais elevado utilizam a Libras para explicar a matéria dada na disciplina de Morfologia no curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras Libras, curso este realizado pela Universidade Federal de Santa Catarina.

O vídeo em questão tem uma duração de 45'25'' (quarenta e cinco minutos e vinte e cinco segundos) e apresenta a disciplina de Morfologia, sendo os sinalizantes surdos que utilizam a Libras de maneira mais formal, em uma linguagem mais rebuscada e voltada para o nível acadêmico em que estão inseridos.

Para a análise deste vídeo, seguimos os seguintes passos: primeiramente degravamos integralmente o vídeo, em forma de glosas, para mostrar como é a estrutura da Libras; no segundo passo fizemos uma marcação do tempo, de todas as ocorrências da reduplicação e dos seus significados no discurso; em terceiro lugar tabulamos todas as ocorrências, detalhando o sinal, a quantidade de ocorrências desse sinal em todo o vídeo, o tempo de vídeo em que ocorria, sua transcrição, a tradução, a forma da reduplicação, o elemento do sinal reduplicado (ou o mais visivelmente reduplicado), a quantidade de reduplicações, se a reduplicação é ou não intrínseca, o sinal de origem, se há ou não deslocamento espacial associado à reduplicação e a função desse fenômeno sobre o sinal. Para melhor ilustrar, apresentamos os seguintes dados e informações quantitativas do vídeo analisado:

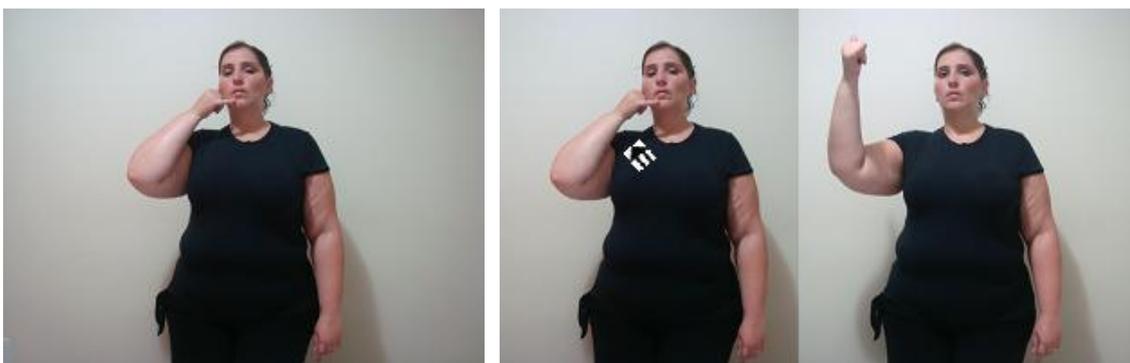
- Tempo total de vídeo: 45 minutos e 25 segundos;
- Total de sinais reduplicados: 842;
- Sinais diferentes reduplicados (sem contar as repetições): 203;

Por fim, esses dados foram consolidados e analisados, conforme apresentaremos no decorrer deste capítulo.

4.1.2 A reduplicação na literatura sobre Libras

Quadros & Karnopp (2004) apresentam o fenômeno da reduplicação na Libras como um processo que pode ser flexional ou derivacional, apresentando suas diferenças e características. Segundo ela, a reduplicação como fator de formação de um processo derivacional na Libras segue a proposta de Supalla e Newport (1978), cuja mudança no tipo de movimento do sinal pode derivar nomes de verbos, pois o movimento dos nomes repete e encurta o movimento dos verbos, como apresentado em (1 a-c)¹.

(1a)



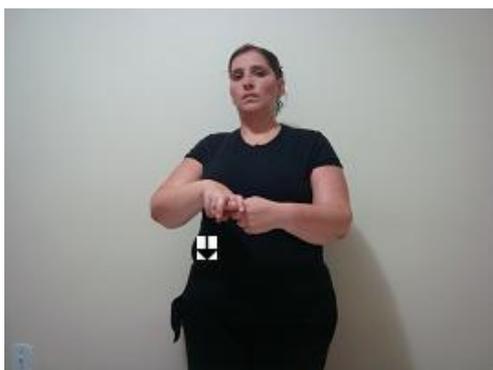
TELEFONE

TELEFONAR

¹ Exemplos adaptado de QUADROS, R. M. & KARNOPP (2004, p. 97).

Em (1a) o verbo ‘TELEFONAR’ é apresentado por Quadros & Karnopp (2004) de maneira estática, enquanto o acréscimo de um movimento reduplicado altera a classe do sinal para o substantivo ‘TELEFONE’. Mas houve uma troca, por parte das autoras, dos sinais apresentados e um equívoco na exposição do exemplo, pois o sinal de ‘TELEFONE’ é estático e apenas o acréscimo de um movimento único no sentido da orelha para o lado ou para a frente provoca a alteração no significado e na classe verbal do substantivo, tornando-se ‘TELEFONAR’. A reduplicação do movimento no verbo ‘TELEFONAR’ transmite ao interlocutor a noção de ‘TELEFONAR-VÁRIAS-VEZES’.

(1b)

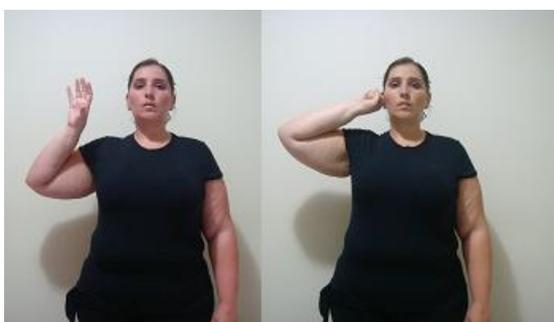


SENTAR



CADEIRA

(1c)



OUVIR



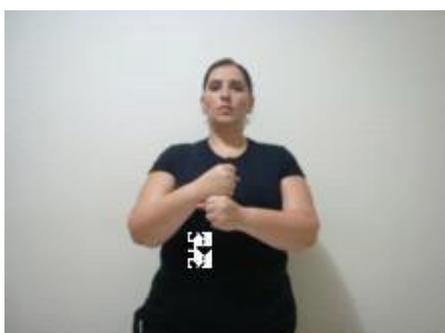
OUVINTE

Em (1b) e (1c) os dados já são apresentados corretamente, pois os verbos ‘SENTAR’ e ‘OUVIR’ possuem um movimento único que, quando reduplicado, altera a classe gramatical e o significado do sinal, passando este a ser ‘CADEIRA’ e ‘OUVINTE’ respectivamente.

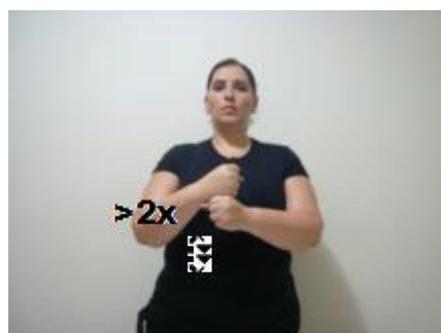
Quanto à flexão, Quadros e Karnopp (2004) apresentam alguns tipos de flexão específicos que são provocadas pela reduplicação, presente na flexão de número, na marcação de aspecto distributivo, na marcação de reciprocidade e flexão de aspecto.

A distinção mais básica na flexão de número na Libras se refere à diferenciação entre singular e plural, como em (2)².

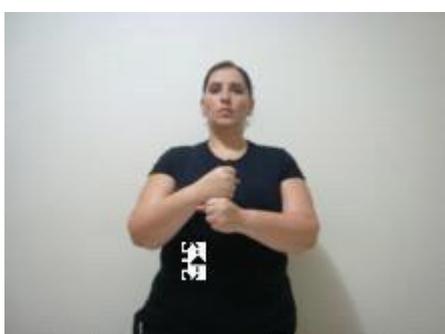
(2)



ANO



ANOS



ANO PASSADO



ANOS PASSADOS

² Exemplos adaptado de Quadros & Karnopp (2004, p. 119)

Na marcação do aspecto distributivo, a reduplicação também está relacionada à flexão de número, estando presente nos verbos que apresentam concordância³. Na Libras, observamos que existem várias formas de representar esse aspecto, ressaltando que, além da reduplicação do movimento, é observado também um deslocamento, visto que a repetição não se dá sempre no mesmo ponto. As formas apresentadas por Quadros & Karnopp (2004) são⁴:

a) Exhaustiva: ação repetida exaustivamente.

(3)



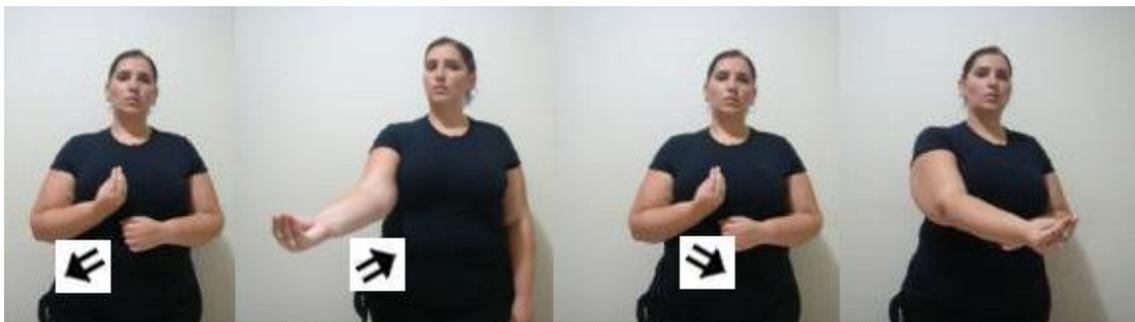
ENTREGAR-PARA-ELES

b) Distributiva específica: distribuição de algo para referentes específicos.

³ Verbos com concordância, de acordo com Quadros & Karnopp (2004), “são aqueles que se flexionam em pessoa, número e aspecto”. São exemplos os verbos ‘DAR’, RESPONDER’, ‘PROVOCAR’, além dos verbos com locativos, como ‘VIAJAR’ e ‘IR’.

⁴ Exemplos adaptado de Quadros & Karnopp (2004, p. 121).

(4)



ENTREGAR-PARA-ELES

c) Distributiva não específica: cuja ação trata da distribuição para referentes indeterminados.

(5)

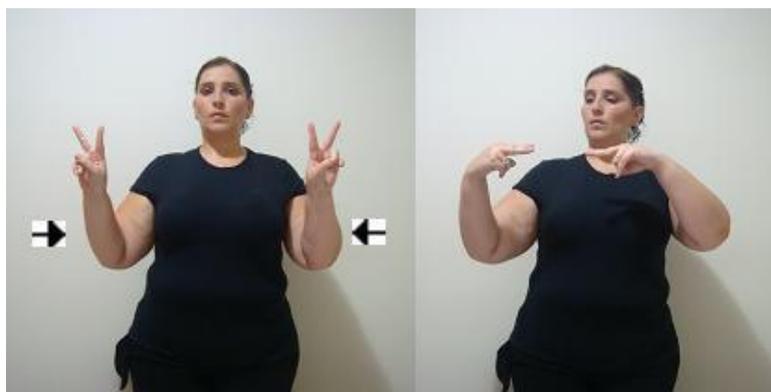


ENTREGAR-PARA-ELES

Outro tipo de flexão em que está presente a reduplicação é na marcação de reciprocidade, cuja duplicação é feita simultaneamente, conforme apresentado em (6)⁵.

⁵ Exemplos adaptado de Quadros & Karnopp (2004, p. 122).

(6)



OLHAR (recíproco)



ENTREGAR (recíproco)

Um último ponto que Quadros & Karnopp (2004) apontam que a flexão de aspecto diz respeito à presença da reduplicação relacionada com as formas e a duração dos movimentos, sendo as flexões de foco⁶ e aspecto temporal⁷ diferentes das

⁶ A flexão de foco temporal “indica aspectos temporais, tais como ‘início’, ‘aumento’, ‘graduação’, ‘progresso’, ‘consequência’, etc” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 112).

⁷ Flexão de aspecto temporal “indica distinções de tempo, tais como ‘há muito tempo’, ‘por muito tempo’, ‘regularmente’, ‘continuamente’, ‘incessantemente’, ‘repetidamente’, ‘caracteristicamente’, etc” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 112).

flexões de aspecto distributivo, pois se refere apenas à distribuição temporal, sem incluir a flexão de número, sendo elas⁸:

a) Incessante: ação realizada incessantemente;

(7)



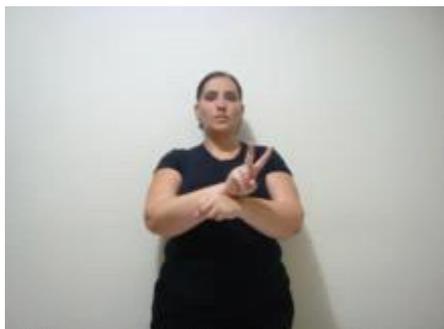
CUIDAR

(cuidar + cuidar + cuidar – movimentos rápidos)

b) Ininterrupta: ação se inicia e continua de maneira ininterrupta, ou seja, não há nenhum movimento;

⁸ Informações retiradas de Quadros & Karnopp (2004, p. 123-4), seguindo a mesma ordem proposta pelas autoras.

(8)

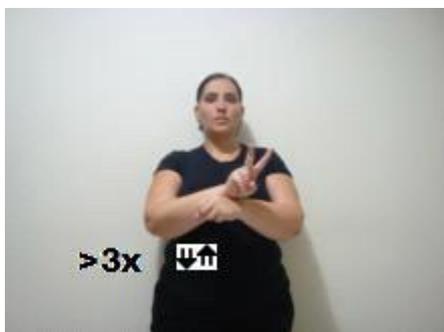


CUIDAR

(cuidar parado, sem movimento)

c) Habitual: ação demonstra recorrência;

(9)

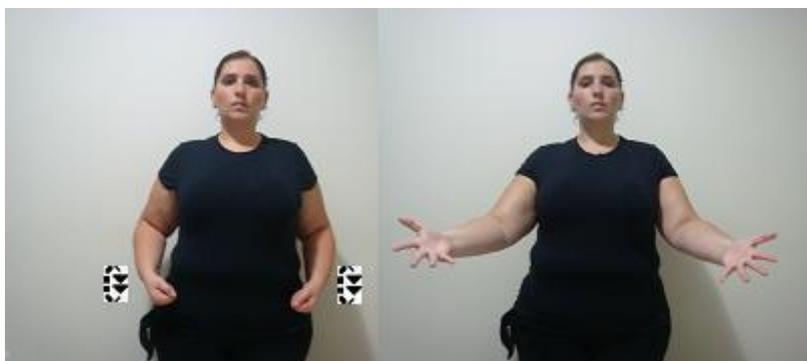


CUIDAR

(cuidar + cuidar + cuidar – movimentos mais lentos)

d) Contínua: ação mostra recorrência sistemática;

(10)

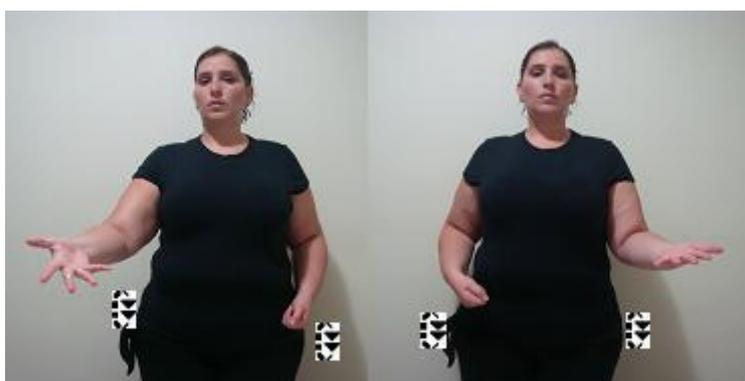


GASTAR

(movimento circular repetitivo maior)

e) Duracional: mostra caráter durativo, permanente;

(11)



GASTAR

(movimento circular repetitivo, com as mãos girando alternadamente)

Um fator importante e que deve ser discutido é o fato de que esses conceitos de flexão de aspecto são apresentados por Quadros & Karnopp (2004) de maneira muito superficial e vaga, como visto nos exemplos e explicações acima citados, sendo necessário um estudo melhor sobre esses dados. Além disso, esses dados não foram encontrados em outras pesquisas.

4.2 Tipos de reduplicação em Libras

Do ponto de vista dos tipos de reduplicação, observamos que muito há em comum entre o que ocorre em Libras e nas outras línguas de sinais e também em línguas orais. Encontramos casos em que percebemos um fenômeno mais flexional ou mais derivacional, conforme os exemplos que apresentaremos mais adiante, desempenhando funções importantes, que serão explicadas posteriormente também. Além disso, observamos a presença de reduplicação tanto na categoria dos nomes quanto dos verbos em Libras.

4.2.1 Flexão

Sinais reduplicados com características mais flexionais foram observados tanto na ocorrência com nomes quanto com verbos, com a função de demonstrar principalmente pluralidade e intensidade e, em menor quantidade, duração, conforme visto em (12a-c).

(12a) Pluralidade



ARGUMENTO



ARGUMENTOS

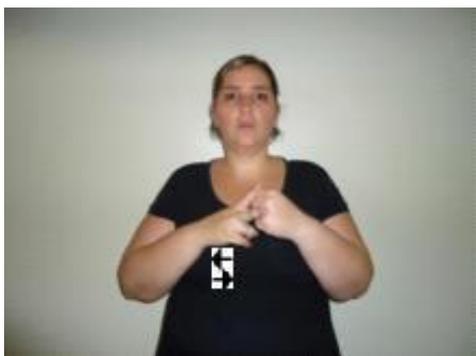


COLOCAR

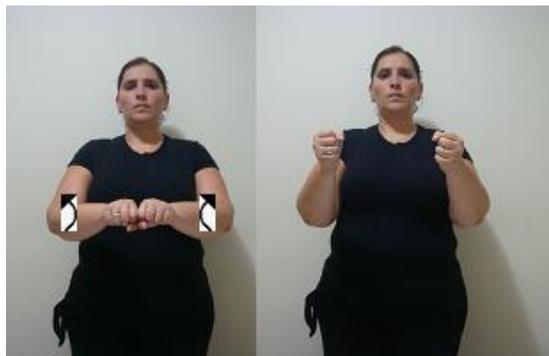


COLOCAR-VÁRIOS

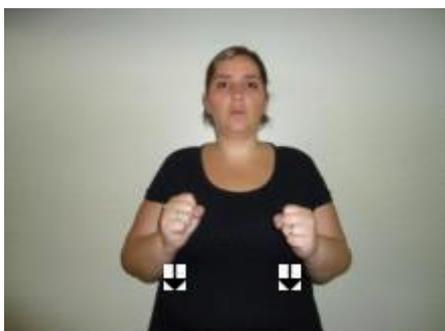
O sinal 'ARGUMENTO', quando reduplicado, forma 'ARGUMENTOS', dando lugar ao plural, passando a noção de que um verbo, de acordo com a gramática, pode ter um argumento ou mais, por exemplo. O mesmo ocorre com o verbo 'COLOCAR', que quando reduplicado transmite ao interlocutor a noção de plural, como colocar várias coisas. Podemos perceber melhor essa pluralidade nas frases abaixo.



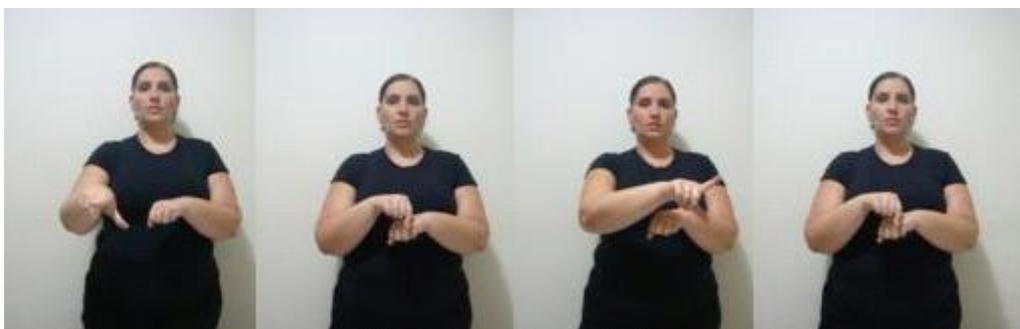
VERBO



QUEBRAR



PODER



DOIS-ARGUMENTOS

Frase em Libras: VERBO QUEBRAR PODER DOIS-ARGUMENTOS

Frase em português: O verbo quebrar tem dois argumentos.



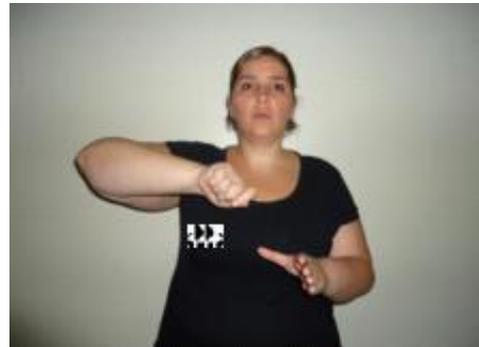
FAZER



BOLO



PRECISAR



MISTURAR



COLOCAR



COISAS

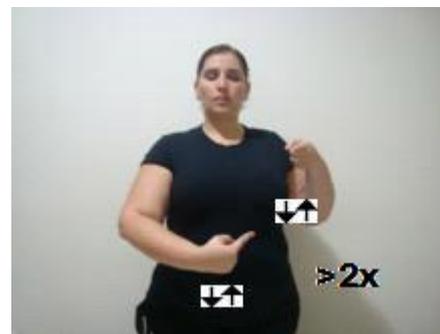
Frase em Libras: FAZER BOLO PRECISAR MISTURAR COLOCAR-VÁRIOS COISAS.

Frase em português: Para fazer o bolo é necessário que se coloquem vários ingredientes.

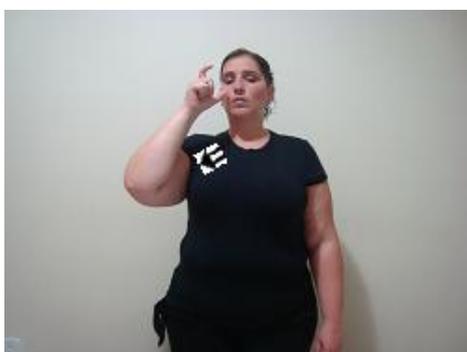
(12b) Intensidade



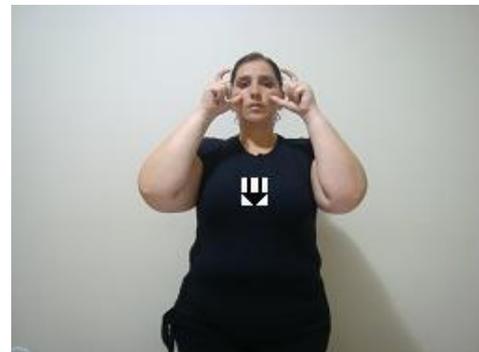
DISCUTIR



DISCUTIR MUITO



INTERESSANTE



MUITO INTERESSANTE

Outro ponto observado na reduplicação nos sinais da Libras é a mudança na intensidade do item lexical. Observamos aqui que ‘DISCUTIR’ já é um sinal intrinsecamente reduplicado, pois seu movimento não é único, porém, quando reduplicamos novamente esse movimento mais de duas vezes, transmitimos ao interlocutor a noção de ‘DISCUTIR MUITO’. Já no caso do sinal ‘INTERESSANTE’, o sinal é realizado com apenas uma das mãos em um movimento único, e em sua forma reduplicada o movimento continua único, porém com as mãos reduplicadas, resultando na expressão ‘MUITO INTERESSANTE’. Em ambos os casos, percebemos uma alteração importante na intensidade.

(12c) Duração



CONSEGUIR



CONSEGUINDO

Por fim, no que tange à flexão na reduplicação em Libras, observamos em (12c) uma mudança na duração do sinal, pois o sinal de ‘CONSEGUIR’ possui um movimento único e pontual, diferentemente de ‘CONSEGUINDO’, que é reduplicada duas ou mais vezes, proporcionando um entendimento de que a ação demonstrada não é pontual, mas sim que tem uma duração de tempo maior do que a forma original.

4.2.2 Derivação

Quanto aos aspectos derivacionais da reduplicação, observamos que esta ocorre, assim como na flexão, com verbos e nomes em Libras, como apresentado em (13a-h), tendo como função a formação de novos itens lexicais ou a mudança da classe gramatical a que pertence a palavra, aumentando assim o vocabulário da língua.

(13a)



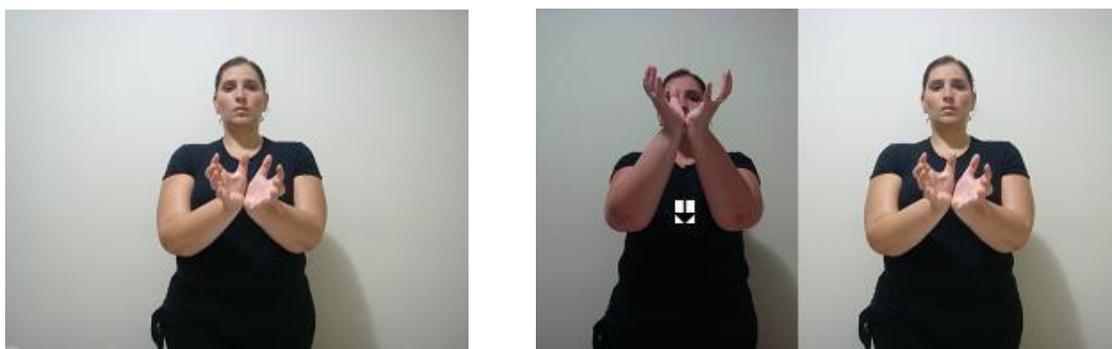
AGORA



HOJE

O sinal ‘AGORA’ possui um movimento único e pontual. Sua reduplicação gera o sinal ‘HOJE’, que apresenta um movimento de vai e vem realizado duas ou três vezes, normalmente.

(13b)



GRUPO

CLASSES

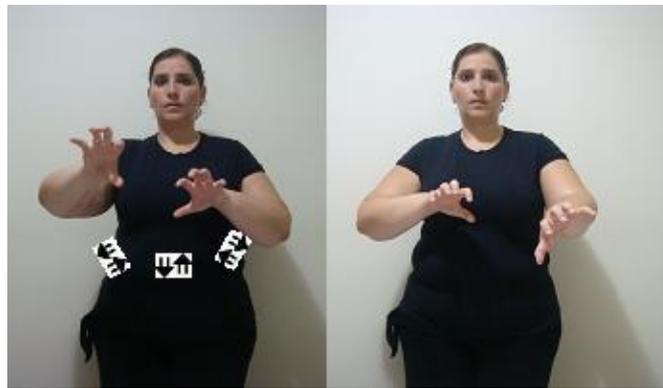
O sinal ‘GRUPO’ é realizado com ambas as mãos em um movimento único e sua reduplicação gera o conceito de ‘CLASSES’, no contexto apresentado no texto, que seria na frase ‘VERBO SER DIFERENTE GRUPOS’, que em português significa ‘o verbo é de uma classe diferente’, continuando ambos na mesma classe gramatical.

O mesmo ocorre com os verbos ‘SEPARAR’ e ‘CATEGORIZAR’, em (13c), como na frase ‘GRUPO ÁREA GRAMÁTICA TRADICIONAL PORTUGUÊS ESTUDAR CATEGORIZAR DEZ GRUPOS’, que em português traduz-se por ‘os teóricos da Gramática Tradicional do português separam em dez categorias’. Ocorre também em ‘ESCOLHER’ e ‘SELECIONAR’, em (13d), como na frase ‘TER UM ESTUDAR BRASIL QUER JUNTAR SELECIONAR TODAS CATEGORIAS JUNTAR UMA SÓ’, que no português quer dizer ‘há um estudioso brasileiro que quer reunir todas essas categorias em um único grupo’, com a diferença que em (12b) tratávamos de substantivos e nos demais os mesmos são verbos.

(13c)



SEPARAR



CATEGORIZAR

(13d)



ESCOLHER

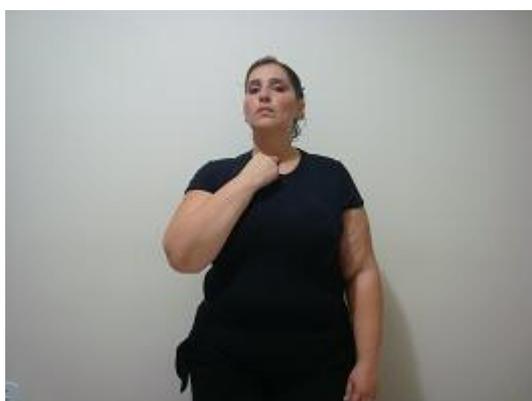


SELECIONAR

Em (13a-d) percebemos que a função da reduplicação é única e exclusivamente a de gerar novos itens lexicais para a língua, no caso a Libras.

Em (13e-h) percebemos uma ocorrência diferenciada, pois além de gerar um novo item lexical, a reduplicação provoca na palavra, ou melhor, no sinal em Libras, uma mudança de categoria gramatical.

(13e)



OCUPADO



NÃO-PODER

Em (13e) verificamos que o adjetivo 'OCUPADO' não possui nenhum movimento, enquanto a sua reduplicação muda a classe gramatical do sinal, ocasionando o termo 'NÃO-PODER', que é um verbo.

(13f)



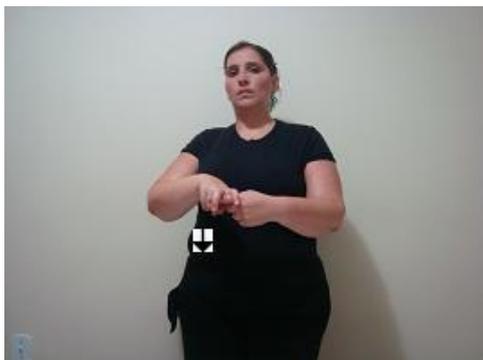
CRIAR



CRIAÇÃO

Em (13f) ocorre de outra maneira, pois o verbo ‘CRIAR’ tem um movimento simples de baixo para cima, sendo que a sua reduplicação gera o conceito e o sinal de ‘CRIAÇÃO’, que é um substantivo, ocorrendo esse mesmo fenômeno em (13g), no qual o verbo ‘SENTAR’, quando reduplicado, gera o sinal ‘CADEIRA’ e em (13h), em que o verbo ‘OBRIGAR’ se transforma em ‘OBRIGATÓRIO’.

(13g)

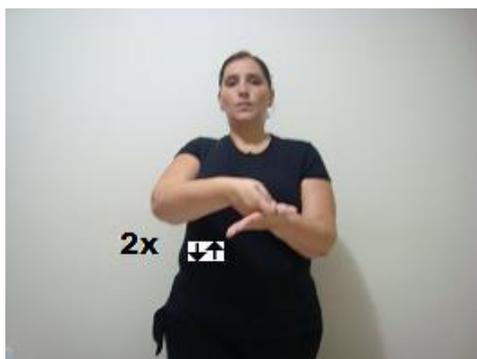


SENTAR



CADEIRA

(13h)



OBRIGAR



OBRIGATÓRIO

Com isso, podemos, então, concluir que, nos casos em que a reduplicação é derivacional, necessariamente há mudança lexical. Vale ressaltar que essa mudança lexical pode ou não acarretar em mudança da classe gramatical.

4.2.3 Reduplicação Intrínseca

Um tipo de reduplicação muito observado e recorrente nas línguas de sinais é aquele no qual não conseguimos identificar na língua sua base não reduplicada. A este tipo de reduplicação daremos o nome de reduplicação Intrínseca, que, como o próprio nome diz, é aquela que está inerente, que faz parte da base daquele sinal.

Exemplos de sinais com reduplicação Intrínseca são apresentados em (14). Muitas vezes, essa reduplicação é vista pelos falantes da língua ou por pesquisadores da área como simples repetições de movimento, sem influência no significado, como sendo parte apenas um dos componentes do sinal, como apresentado por Quadros & Karnopp (2004), Ferreira-Brito (1995) e Strobel & Fernandes (1998).

(14)



ALGUM



CONHECER



ESTUDAR



EXEMPLO

Nos exemplos apresentados, caso o sinal seja executado sem o movimento reduplicado, ou seja, com um movimento pontual, único, o interlocutor não conseguirá compreender a mensagem que está sendo passada.

4.3 Funções da reduplicação em Libras

Assim como citado anteriormente, no discurso e no uso da Libras em seu cotidiano, a reduplicação pode apresentar diversas funções, possuindo papel importante na construção do discurso em Libras, demonstrando duração, pluralidade, intensidade, mudanças de classe e mudanças lexicais.

A seguir, estaremos apresentando e esclarecendo essas funções da reduplicação na Libras, respeitando a classificação dada anteriormente relacionada aos tipos de reduplicação em Libras, sendo primeiro quanto à flexão, podendo ter função de duração, pluralidade e intensidade; posteriormente apresentaremos as funções relacionadas à derivação, sendo elas a mudança lexical e a mudança de classe gramatical.

4.3.1 Duração

Por se tratar de uma ação, a reduplicação com função duracional ocorre em Libras, assim como nas línguas orais, com os verbos, demonstrando neles a condição de um evento ou algo que ocorre em um determinado período, de maneira contínua, ou

seja, mostra uma situação que não é pontual. Vimos aqui que ocorre flexão de aspecto duracional, conforme visto nos sinais ‘CONSEGUIR’ x ‘CONSEGUINDO’ e ‘CANTAR’ x ‘CANTANDO’.

(15a)



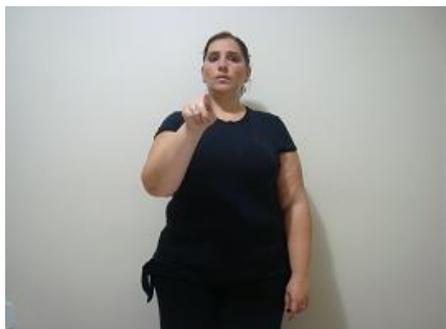
CONSEGUIR



CONSEGUINDO

Em (15a), podemos observar como ocorre a flexão de aspecto duracional em Libras, pois em ‘CONSEGUIR’ o movimento é único, enquanto a sua reduplicação flexiona o verbo dando ao interlocutor a noção de uma duração maior na ação. Já em (15b-c) percebemos com maior clareza a forma durativa do verbo, que passa ao interlocutor exatamente o conceito de um evento que tem uma duração maior.

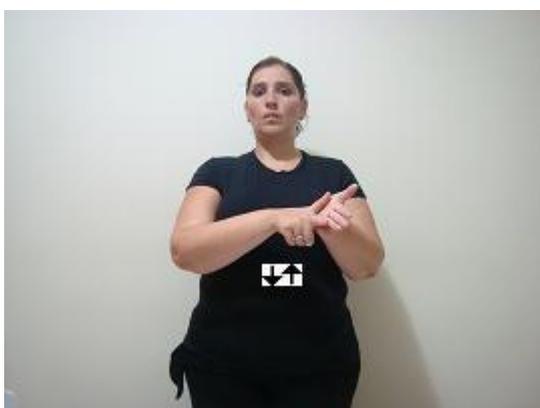
(15b)



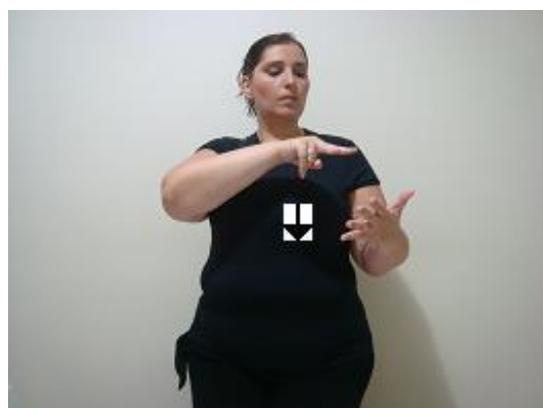
VOCÊ



CONSEGUIR



PAPEL



LER

Frase em Libras: VOCE

CONSEGUIR

PAPEL

LER?

suj.

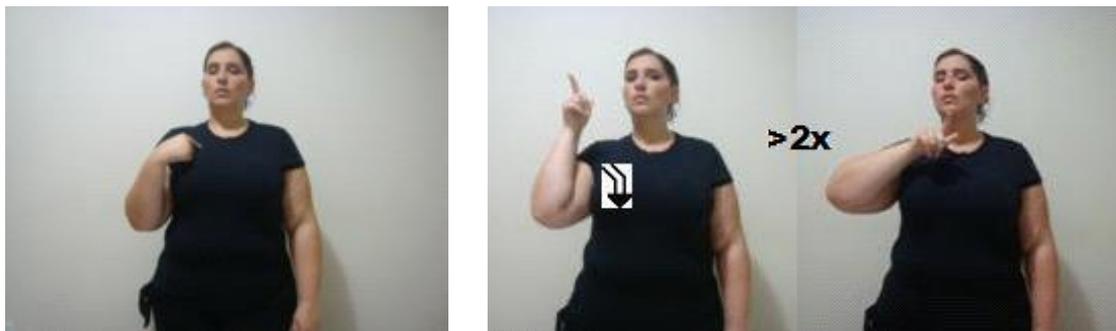
verb.

obj.

verb.compl.

Frase em Português: Você consegue ler este papel?

(15c)



EU

CONSEGUINDO

Frase em Libras: EU CONSEGUINDO.

 subj. verb.compl.RED.

Frase em Português: estou conseguindo.

4.3.2 Pluralidade

No caso da pluralidade, a ocorrência da reduplicação em Libras, é observada nos substantivos. Além disso, é uma das funções mais frequentes neste fenômeno como visto em (16), a seguir:

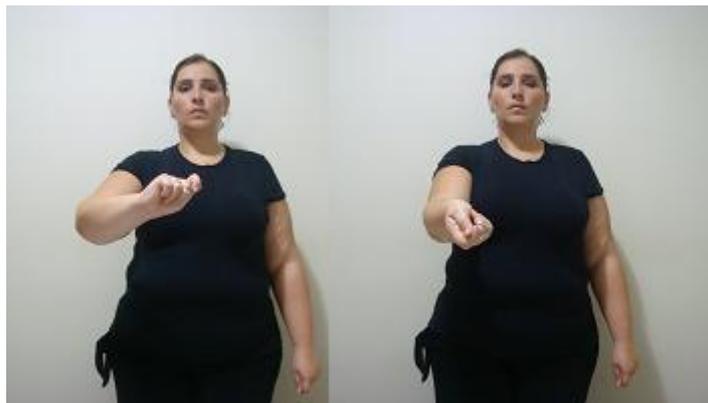
(16)



PALAVRA



PALAVRAS



SINAL



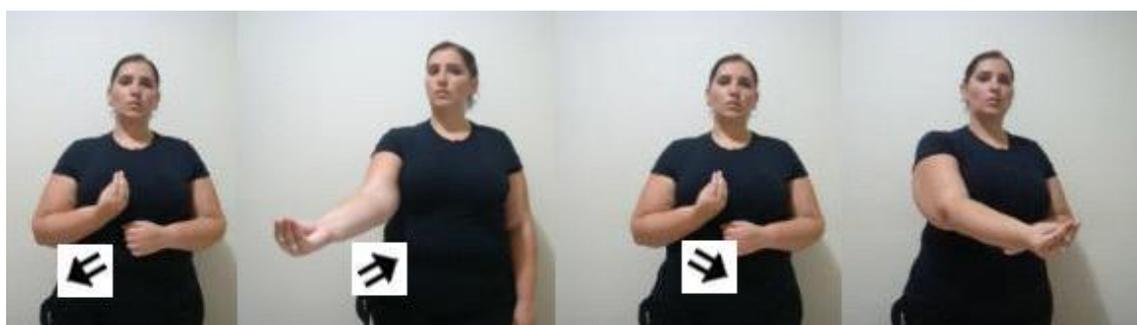
SINAIS

Além de demonstrar o plural geral (“muitos”), através da reduplicação é possível, dependendo do contexto em que ocorre, especificar a quantidade exata, como ocorre com os sinais ‘DAR’, ‘LUGAR’ e ‘LISTA’, apresentados em (17a-c).

(17a)



DAR



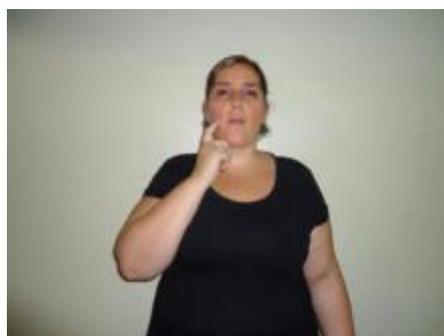
DAR-DUPLO



DAR-TRIAL

Em (17a), observamos que é possível, através do uso do espaço, estabelecer uma quantidade exata de participantes, ou de referentes, no discurso. Com o verbo ‘DAR’, podemos transmitir a noção de dar algo para uma, duas ou três pessoas. Importante aqui ressaltar que, na tradução, o plural não ocorre no verbo, mas sim com o objeto relacionado, como em (17b).

(17b)



BALA



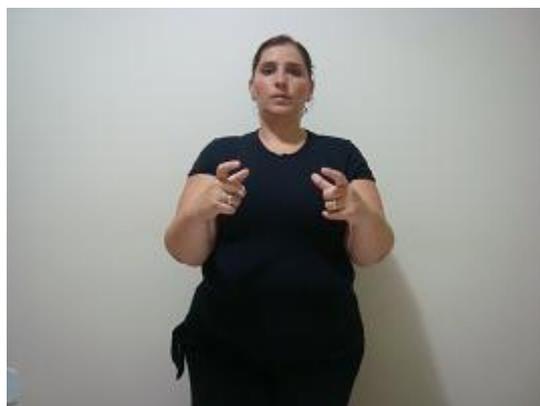
DAR-TRIAL

Frase em Libras: BALA DAR-TRIAL

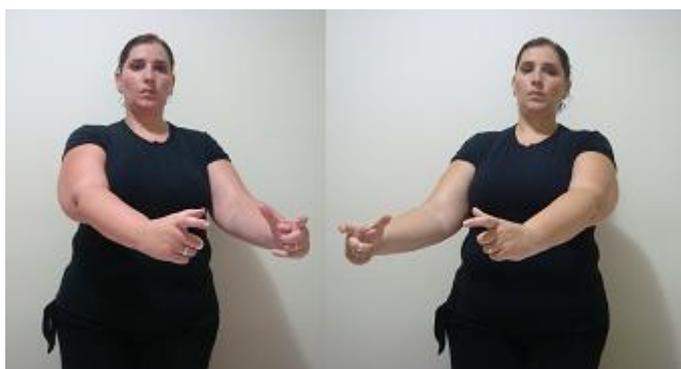
Frase em Português: Dei balas para os (as) três

Em (17c-d) apenas mostramos mais alguns exemplos de reduplicação com função de pluralidade, como nos sinais ‘LUGAR’ e ‘LISTA’.

(17c)



LUGAR



LUGAR-DOIS

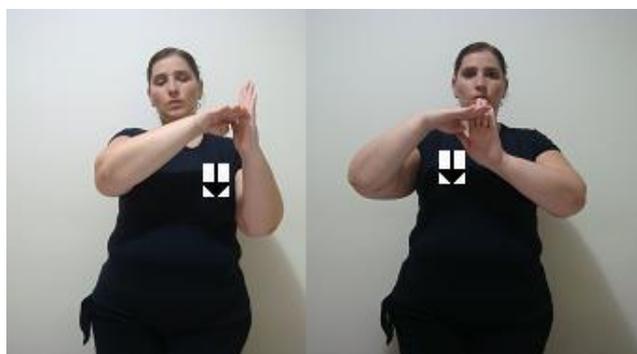


LUGAR-QUATRO

(17d)



LISTA

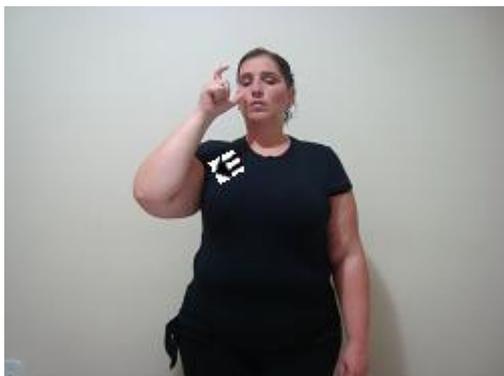


LISTA-DUAS

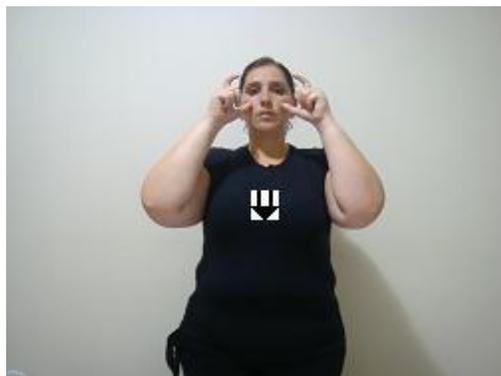
4.3.3 Intensidade

Assim como já apresentado anteriormente por Gomes (2006) e Vialli (2008), a reduplicação como forma de intensificação das noções/ações verbais também está presente na Libras e se mostra de maneira importante no discurso sinalizado. Como exemplo, podemos citar os sinais ‘INTERESSAR’, ‘DISCUTIR’ e ‘TRABALHAR’, apresentados em (18a-c), que, dependendo da quantidade de reduplicações, indicam maior ou menor intensidade.

(18a)



INTERESSAR



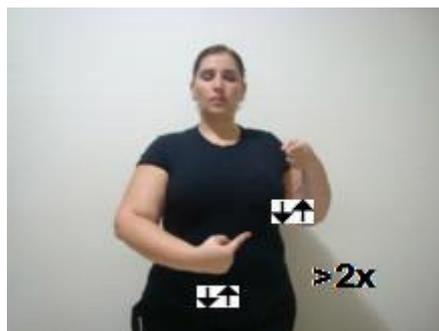
INTERESSAR-MUITO

Em (18a), observamos uma mudança na intensidade do significado do sinal decorrente de uma reduplicação, inicialmente, das mãos, visto que o sinal ‘INTERESSAR’ é realizado apenas com uma das mãos, enquanto ‘INTERESSAR-MUITO’ é feito com ambas as mãos. Logo, percebemos que não é só a configuração de mão que foi reduplicada. Mais adiante, em 4.5 apresentaremos as formas da reduplicação em Libras.

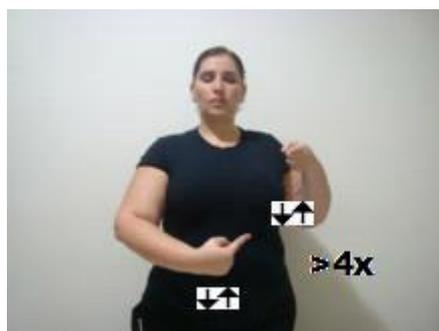
(18b)



DISCUTIR

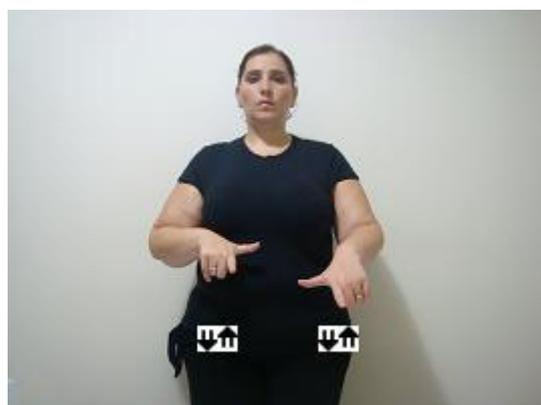


DISCUTIR MUITO

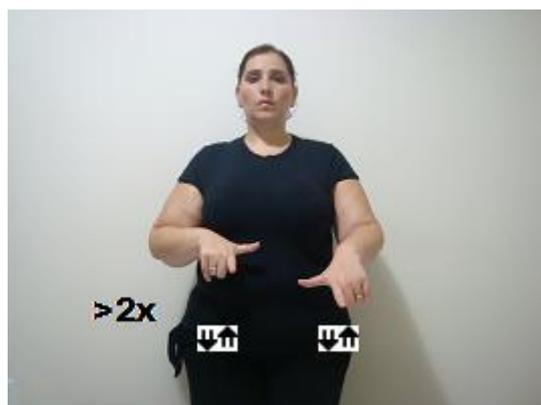


DISCUTIR-BASTANTE

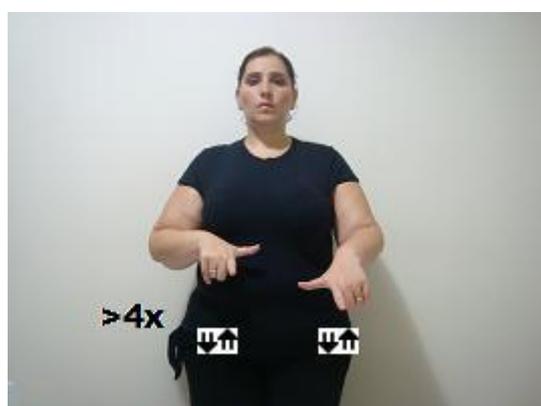
(18c)



TRABALHAR



TRABALHAR MUITO



TRABALHAR-BASTANTE

Em (18b-c), os sinais já possuem em sua base um movimento reduplicado, porém, com sua reduplicação novamente, provoca uma intensificação do verbo, tornando a mensagem passada mais ou menos intensa de acordo com a quantidade de reduplicações. Cabe ressaltar que não há limites sobre a quantidade de reduplicações, pois isso depende da intensão do sinalizante.

4.3.4 Mudança lexical.

No âmbito da derivação, a reduplicação em Libras pode ser utilizada a fim de gerar novos itens lexicais dentro de uma mesma classe gramatical, como observado em (19).

(19a)



COMPREENDER



APRENDER

(19b)



ESCOLHER



SELECIONAR

(19c)



AGORA



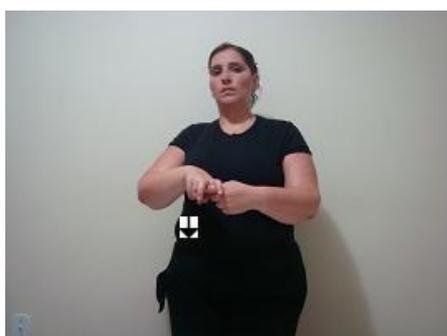
HOJE

Percebemos que os sinais ‘COMPREENDER’, ‘ESCOLHER’ e ‘AGORA’ apresentam um movimento único. A reduplicação desse movimento, em todos os exemplos apresentados, gera um novo item lexical relacionado ao primeiro, mas com significado diferente, como ‘APRENDER’, ‘SELECIONAR’ e ‘HOJE’.

4.3.5 Mudança de classe

Um fato importante observado no estudo da reduplicação e na análise dos dados coletados durante nossa pesquisa foi a presença e o uso da reduplicação como forma de mudar a categoria lexical de um determinado sinal. Durante a nossa pesquisa, constatamos que os casos ocorrem normalmente para a mudança de um verbo para um substantivo, como visto em (20).

(20)



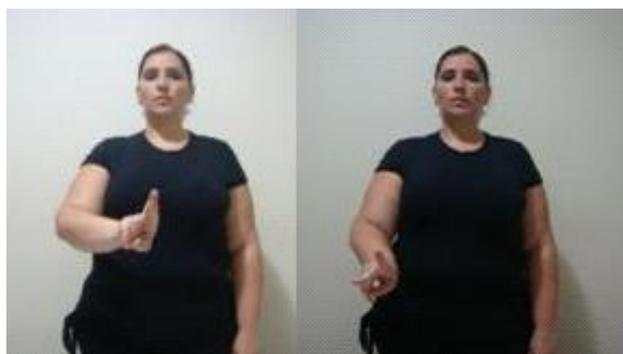
SENTAR



CADEIRA

No vídeo de Morfologia⁹ que analisamos, encontramos também um caso no qual um adjetivo, quando reduplicado, transformou-se em um verbo, e que deve ser levado em conta, como visto em (21).

(21)



DIFERENTE



NÃO-SER

⁹ Vídeo citado na metodologia da pesquisa, na Introdução e no início deste capítulo.

4.4 Formas da reduplicação em Libras

Em todos os casos em que a reduplicação ocorre, a mudança na velocidade de execução do sinal interfere na compreensão da mensagem, influenciando principalmente na noção de tempo utilizado para aquela ação, quando ocorrem em sinais de verbos, ou na noção de quantidade (numeral), no caso dos sinais de nomes.

Mas qual é o componente do sinal ou qual parâmetro é reduplicado nesse fenômeno na Libras? Como ocorre essa reduplicação?

Em uma primeira análise, além das pesquisas e dados existentes sobre a reduplicação em Libras, o parâmetro ou componente tido como reduplicado é o movimento. Ferreira-Brito (2001) deixa isso claro em seus estudos, não fazendo nenhuma referência à reduplicação de qualquer outro componente, assim como Quadros & Karnopp (2004).

Em um primeiro momento pode-se considerar que o único componente reduplicado é realmente o movimento ou que este é o único componente possível de ser reduplicado; porém, nos dados analisados, verificamos que outro componente pode ser reduplicado, com ou sem reduplicação do movimento, interferindo e muito no processo de compreensão e na produção lexical da Libras, sendo ele a Configuração de Mãos. Dizemos isso, pois há sinais que aparentemente não são reduplicados por possuírem um movimento único, porém apresentam diferenças significativas quando realizados com uma ou com ambas as mãos.

(22)



DIFERENTE (1 mão)



DIFERENTES (2 mãos)

Em (22), temos um exemplo no qual é mais evidente a reduplicação da Configuração de Mão. O primeiro sinal é realizado apenas com uma das mãos, enquanto o segundo é realizado com ambas as mãos, demonstrando que a diferença ocorre entre dois objetos diferentes, realçando uma noção de pluralidade. Uma maneira melhor de se entender essa relação é vista em (23a) e (23b).

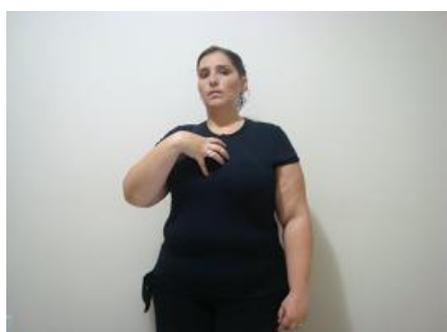
(23a)



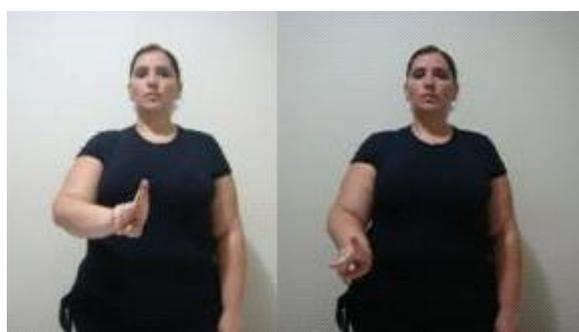
ELA



MULHER



SENTIR



DIFERENTE

Frase em Libras: ELA MULHER SENTIR DIFERENTE
 Pron.. subst.. verb. adj.

Frase em Português: Aquela mulher está diferente.

(23b)



ELA



MULHER



ELAS-DUAS



DIFERENTES

Frase em Libras:	ELA	MULHER	ELAS-DUAS	DIFERENTES
	Pron.	subst..	num.	adj.REDCM.

Frase em Português: Aquelas duas mulheres são diferentes.

Para nós, em consonância com os exemplos acima, em Libras ainda não é possível separar claramente os componentes do sinal, pois, como visto anteriormente nos estudos da Morfologia e da Fonologia da Libras apresentados no capítulo 1, para que um sinal seja formado é necessária a junção dos cinco componentes ou parâmetros, sendo considerada pelos diversos estudiosos já citados anteriormente e por nós, até o

presente momento, impossível a realização isolada deles. Desta forma, sugerimos que o fenômeno da reduplicação em Libras ocorre com o sinal como um todo, ou seja, não é apenas o movimento ou a configuração de mão do sinal que é reduplicado, mas o sinal inteiro, composto de movimento, configuração de mão, localização, orientação de mão e expressões faciais e corporais.

4.5 Caráter icônico da reduplicação em Libras

Um sinal icônico é aquele que demonstra uma semelhança entre a forma linguística e a coisa/conceito representada por ela. Como exemplo de iconicidade, podemos citar as onomatopeias, que representam algo relacionando ao seu som, como ‘au-au’ e ‘tic-tac’, se referindo ao cachorro e ao relógio, respectivamente.

Melo (2007, p.44) afirma que, nas línguas orais, como por exemplo no Português, “a reduplicação é uma das estratégias mais utilizadas para se chegar à iconicidade”.

O princípio da iconicidade de Givón (1990) diz que as formas da língua possuem significados, partindo de três subprincípios:

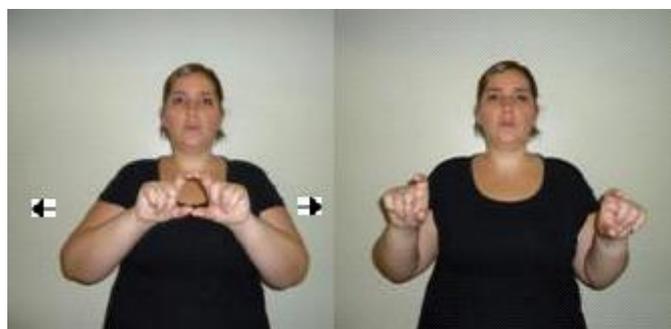
- a) Quantidade: quanto mais informação, maior a quantidade de formas. A complexidade do pensamento se reflete na complexidade da expressão;
- b) Integração: Conteúdos mentalmente próximos tendem a ser colocados mais próximos na estrutura sintática;

- c) Ordenação Linear: A informação mais importante provavelmente é aquela a ocupar o primeiro lugar da cadeia sintática, revelando sua origem e a importância para o falante.

Em Libras, baseado nos dados e nos sinais que analisamos, podemos afirmar que há iconicidade na maioria dos casos de reduplicação, principalmente relacionando esta iconicidade aos casos de flexão.

Nesses casos em que a reduplicação é flexional e apresentam como função pluralidade, duração e intensidade, é facilmente percebida a iconicidade, pois esta reduplicação dos sinais na Libras demonstra certa continuidade ou a quantidade do que está sendo representado. Como exemplo, podemos citar os casos de flexão com função de pluralidade (24), ou de intensidade (25):

(24)



FRASE



TRÊS-FRASES

Em (24), por intermédio da reduplicação, informa-se, de maneira icônica, a quantidade dos elementos demonstrados, ou seja, o sinal 'FRASE' por si só possui um movimento único do centro para as laterais, enquanto a quantidade de reduplicações de seu movimento pode determinar a quantidade de frases, como 'DUAS-FRASES' ou 'TRÊS-FRASES'. Vale ressaltar que essa quantidade é percebida, em Libras, até um limite de três ou quatro 'unidades', pois acima disso a quantidade não será representada pela quantidade de reduplicações, mas sim por uma representação numeral logo após o sinal 'FRASE'.

(25)



COMER



COMER-POUCO



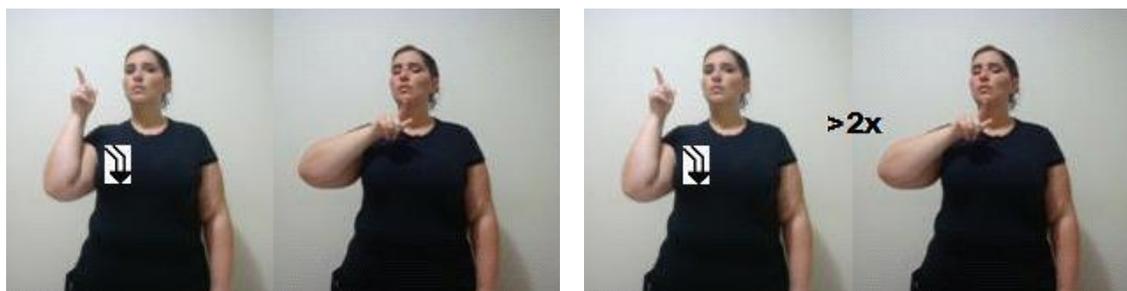
COMER-BASTANTE

Já em (25), percebemos que o sinal 'COMER', já é considerado icônico por seu formato e já é intrinsecamente reduplicado, porém, quando novamente

reduplicado ele demonstra a intensidade da ação, transmitindo ao interlocutor a noção de quantidade não exata, por exemplo, de comida ingerida, ou seja, se foi muito, pouco ou bastante.

Mesmo que um sinal da Libras seja convencionado, como o verbo ‘CONSEGUIR’, quando reduplicado apresenta uma mudança em seu significado, gerando mais duração, demonstrando, de uma maneira icônica que foi um fato que não ocorreu pontualmente, mas sim que teve uma duração maior, ou ainda mostrando a continuidade desta ação, como em (26).

(26)



CONSEGUIR

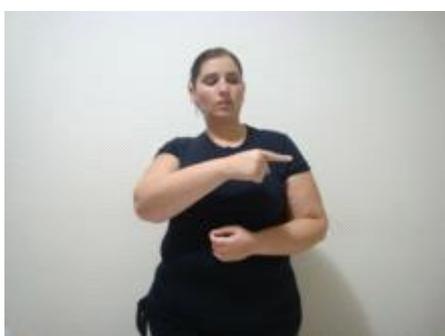
CONSEGUINDO

4.6 Produtividade da reduplicação em Libras

Para Haspelmath (2002), os falantes de uma língua têm a capacidade de criar e os interlocutores de compreender uma quantidade infinita de palavras novas, respeitando as regras daquela língua. Uma dessas regras ou desses padrões é a Produtividade, que permite aos falantes de uma língua a formação de novas formas lexicais de maneira inconsciente e não intencional.

Com isso percebemos que a reduplicação exerce papel importante na produtividade, sendo um dos processos utilizados na formação do léxico e na construção do vocabulário da Libras. A forma de representação de um determinado sinal e de sua reduplicação, quando possível, auxilia na compreensão do contexto e da mensagem que está sendo passada, como ocorre com o verbo ‘ENTREGAR’, em (27a-c)¹⁰.

(27a)



ELE



LIVRO



ENTREGAR

Frase em Libras:	ELE	LIVRO	ENTREGAR
	subj.	obj.RED	verb.RED.vnorm.

Frase em Português: Ele entregou os livros.

¹⁰ Exemplos observados de maneira informal em debates em sala de aula do curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), polo UnB, em uma aula em que era discutida a mudança do significado de um sinal alterando-se o movimento dele.

(27b)



ELE



LIVRO

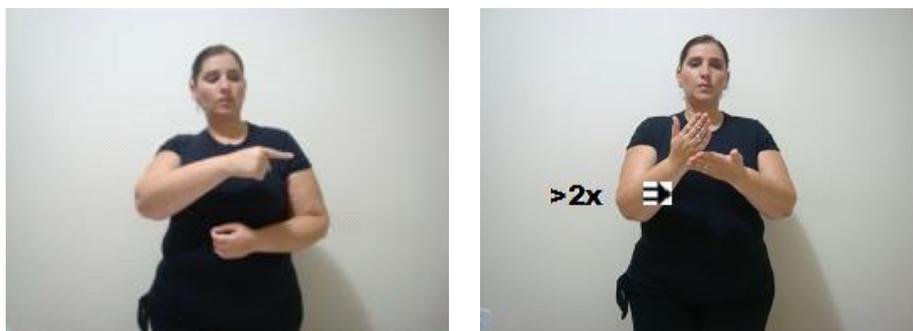


ENTREGAR

Frase em Libras:	ELE	LIVRO	ENTREGAR
	subj.	obj.RED	verb.RED.vrap.

Frase em Português: Ele distribuiu muitos livros.

(27c)



ELE

LIVRO



ENTREGAR

Frase em Libras:	ELE	LIVRO	ENTREGAR
	subj.	obj.RED	verb.RED.vdev.

Frase em Português: Ele ficou entregando livros muito tempo.

Em (27a), a reduplicação foi apresentada no verbo ‘entregar’, em velocidade normal, passando ao interlocutor a noção de pluralidade ao objeto ‘LIVRO’. Vale ressaltar que foi a reduplicação do verbo que gerou o conceito apresentado, e não a do sinal ‘LIVRO’, que é intrinsecamente reduplicado. Já em (27b), o aumento da velocidade em que o sinal é realizado passa a noção de distribuição, realizada de maneira mais ágil e rápida. Em (27c), por fim, o sinal sendo realizado de maneira mais

lenta demonstra que a entrega dos livros ocorreu de maneira mais lenta, utilizando um tempo maior para sua execução e seu término.

4.7 Das categorias estanques à teoria do *continuum*

Em lugar de falarmos em flexão ou derivação, seguiremos a proposta defendida por Haspelmath (2002) e Bybee (1985), que defendem não haver limites que separem flexão e derivação de modo absoluto, pois estas fazem parte de um *continuum*, cujo julgamento não é taxativo. Assim, podemos também dizer que a reduplicação não promove um processo exclusivamente flexional ou derivacional, mas sim processos que podem ter características tanto de flexão quanto de derivação, podendo estar em relevo um mais que o outro em algumas situações.

Pela teoria do *continuum*, os conteúdos podem ser divididos em três tipos de expressões linguísticas: a Expressão Lexical, que incorpora dois ou mais significados em uma única palavra monomorfêmica, como na palavra ‘horível’, que apresenta os conceitos de ‘feio+muito’; a Expressão Flexional, na qual cada elemento tem uma unidade de expressão em uma palavra não-monomorfêmica, como em ‘cantor-a’, representando ‘agente+feminino’; por fim temos a Expressão Sintática, na qual as ideias são expressas em palavras diferentes, como apresentado em ‘ficar pobre’, significando ‘empobrecer’.

Mas e a derivação, como poderia ser identificada nesse processo? Bybee (1985) afirma que a derivação, por um lado, aproxima-se da expressão lexical por possuir elementos com tendências restritas em sua aplicabilidade e idiossincrático na

formação ou no significado. Por outro lado, ela aproxima-se também da expressão flexional, por ser caracterizada pela combinação de conteúdos em uma única palavra que pode ser dividida em pequenas partes com significado.

Haspelmath (2002) afirma que “alguns morfologistas preferem a teoria do *continuum* porque querem evitar fazer uma escolha arbitrária de critérios”¹¹ (conforme critérios apresentados no Capítulo 2, seção 2.2.3). Para ele, se todos os critérios e regras apresentados pelos diversos autores que abordam a flexão e a derivação fossem levados à risca, a teoria do *continuum* torna-se inevitável, pois esses diferentes critérios podem apontar diferentes direcionamentos.

Para simplificar em vários aspectos a teoria do *continuum*, Haspelmath (2002) então apresenta uma tabela, colocada aqui como Quadro 1¹², que mostra essa abordagem de uma maneira mais clara, e que adaptamos à realidade de nossa pesquisa como forma de aplicação dessa teoria. Nela, constam os sinais reduplicados da Libras e as propriedades analisadas nos sinais para apresentarmos essa classificação de mais flexional ou mais derivacional. Entre as propriedades analisadas, temos:

a) Expressão cumulativa

Observa-se a quantidade de morfemas que podem estar contidos em uma palavra. No caso da Libras, podemos considerar a quantidade de reduplicações de um sinal para representar, por exemplo, a pluralidade.

¹¹ Texto original: “the reason why some morphologists prefer the continuum approach is that they want to avoid making an arbitrary choice”

¹² Tabela adaptada de Haspelmath (2002), inserindo os dados da Libras.

b) Uso Ilimitado

Tem a ver com a ocorrência do fenômeno com (quase) todos membros de uma dada classe/categoria. Em sua maioria, os substantivos em Libras podem ser reduplicados para indicar pluralidade (+ flexão).

c) Obrigatoriedade

Essa propriedade é mais sintática, pois se refere à obrigatoriedade de mudanças em toda a estrutura frásica devido a uma alteração, ou melhor, a uma reduplicação ocorrida em apenas um sinal. É vista como importante também na estrutura da Libras, pois mesmo sendo uma língua visual é necessário que se tenha concordância e coerência em seu uso.

d) Mesmo conceito

Como falado no capítulo 2, o processo derivacional obrigatoriamente atribui um novo sentido, enquanto na flexão o sentido é o mesmo. Na reduplicação em Libras, observamos bem a diferença entre esses conceitos quando ocorre a pluralidade, como um processo mais flexional, e a mudança de classe gramatical, um processo mais derivacional.

e) Regularidade semântica

Este critério deve ser analisado em termos de paradigmas, ou seja, deve ser analisada a regularidade semântica da reduplicação nos sinais da Libras. Em formas flexionais, a reduplicação não gera alteração no sentido do sinal, enquanto nas formas derivacionais a reduplicação gera um novo sinal, com significado diferente.

Com esses critérios apresentados por Haspelmath (2002), que apresentaremos agora o Quadro 1, citado acima, sendo os critérios apresentados com os caracteres (+) ou (-), caso estejam ou não presentes. Na primeira coluna, apresentaremos a forma já reduplicada do sinal e consideramos que palavras que têm presentes mais critérios, representadas por (+), são consideradas mais flexionais, e as que têm menos critérios, representadas por (-), são mais derivacionais.

Sinais	Uso Ilimitado	Obrigatoriedade	Mesmo Conceito	Regularidade Semântica	Análise
 <p>NOMES (< NOME)</p>	(+)	(+)	(+)	(+)	+ Flexão
 <p>CONSEGUINDO (< CONSEGUIR)</p>	(+)	(+)	(-)	(+)	+ Flexão

Sinais	Uso Ilimitado	Obrigatoriedade	Mesmo Conceito	Regularidade Semântica	Análise
 <p data-bbox="421 783 763 810">ANALISAR (< PERGUNTAR)</p>	(+)	(-)	(-)	(-)	+ Derivação
 <p data-bbox="450 1294 734 1321">REFERENTES (< ÁREA)</p>	(-)	(-)	(-)	(-)	+ Derivação

Sinais	Uso Ilimitado	Obrigatoriedade	Mesmo Conceito	Regularidade Semântica	Análise
 <p>CADEIRA (< SENTAR)</p>	(-)	(-)	(-)	(-)	+ Derivação

Quadro 1: Teoria do *continuum* na reduplicação em Libras

Com a teoria do *Continuum* podemos classificar então a reduplicação como um processo mais flexional ou mais derivacional, dependendo do contexto em que ocorre e do resultado, ou melhor, da compreensão que é dada ao sinal reduplicado realizado.

No capítulo 3, vimos que o GDR apresenta a reduplicação em línguas de sinais de uma maneira muito generalizada e ampla, demonstrando em sua explicação e seus exemplos uma visão de apenas o movimento do sinal poder ser reduplicado, não levando em conta os outros componentes como configuração de mão, expressão facial e corporal, orientação de mão ou localização. Aqui, diferentemente, percebemos e ressaltamos novamente que o sinal é reduplicado como um todo, com todos os seus componentes, sendo difícil separar e reduplicar apenas um componente, ou parâmetro.

4.8 Resumo do Capítulo

Neste capítulo apresentamos os resultados dos dados analisados sobre a reduplicação na Língua Brasileira de Sinais, enfatizando os seus tipos, suas funções e suas formas, além expor o caráter icônico e a produtividade da reduplicação na Libras, e usar a teoria do *continuum* como classificação dos tipos apresentados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalidade desta pesquisa foi a de apresentar aspectos relevantes sobre o estudo da reduplicação na Língua Brasileira de Sinais (Libras), apontando seus conceitos, tipos e funções. Os dados e suas análises buscaram esclarecer conceitos ainda pouco discutidos e confusos nas teorias linguísticas relacionadas aos estudos da Libras. Nos estudos realizados, destacamos os seguintes pontos:

1. A reduplicação é um fenômeno morfológico;
2. Este fenômeno ocorre na Libras tanto com nomes quanto com verbos e outras classes gramaticais;
3. A reduplicação tem um papel de extrema importância na Libras, estabelecendo conceitos específicos, gerando processos tanto derivacionais quanto flexionais, com funções diversas como pluralidade, processo, intensificação, duração e mudança de classe;
4. Os estudos linguísticos voltados à análise da Libras têm se desenvolvido cada vez mais, porém ainda se necessita de mais pesquisadores interessados que possam aprofundar esses conhecimentos;
5. A reduplicação reforça em muitos casos o caráter icônico da Libras;
6. Através da reduplicação a produtividade na Libras é aumentada, visto que os sinais podem se combinar de maneira infinita a fim de transmitir a mensagem do sinalizante para o seu interlocutor;
7. A teoria do *Continuum* se adapta muito bem à realidade da reduplicação na Libras, não categorizando, mas sim, dependendo do contexto em que o sinal é apresentado, classificando os sinais em mais flexionais ou mais derivacionais.
8. Para o GDR, a reduplicação nas línguas orais e nas línguas de sinais ocorre da mesma maneira, diferenciando-se apenas no modo, que na segunda é viso-

espacial. Para ele, nas línguas de sinais esse fenômeno está relacionado à direção do movimento, sendo classificado como reduplicação simples, com deslocamento ou para trás, levando em consideração também a velocidade e a duração. Na Libras, encontramos com mais evidência apenas dois desses tipos apontados: simples e com deslocamento, gerando processos mais flexionais ou mais derivacionais. Além deles, é evidente também a reduplicação das mãos em alguns casos, o que nos leva a conclusão de que a reduplicação em Libras ocorre no sinal todo, e não em apenas um componente.

9. Para os surdos, o uso da reduplicação tem grande relevância linguística, proporcionando a eles um aumento de vocabulário e possibilidade de criações e combinações entre os sinais da Libras, contribuindo com o desenvolvimento não só da língua, mas também do indivíduo como um todo.

Este trabalho, além de apresentar dados relevantes sobre reduplicação, deixa claro também a importância de estudos mais aprofundados sobre os fenômenos linguísticos presentes na Libras, por meio estudos funcionais-tipológicos, analisando a língua da maneira que ela é de fato utilizada por seus falantes nativos, principalmente os surdos.

REFERÊNCIAS

ALDERETE, J., BECKMAN, J., BENUA, L., GNANADESIKAN, A., MCCARTHY, J. & URBANCZYK, S. *Reduplication with Fixed Segmentism*. Disponível em: <<http://people.umass.edu/jjmccart/fixed.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2010. 12:08.

ARAÚJO, G. *Truncamento e Reduplicação no Português Brasileiro*. Revista Estudos Linguísticos, v. 10, n. 1. Belo Horizonte, 2002.

ARONOFF, M. & FUEDEMAN, K. *What is Morphology?* UK: Blackwell Publishing, 2005.

AZEREDO, E. *Língua Brasileira de Sinais. Uma Conquista Histórica*. Senado Federal. Secretaria Especial de Editoração e Publicações. Brasília, 2006.

BACELAR, L. N. *Gramática da Língua Kanoê: Descrição gramatical de uma língua isolada e ameaçada de extinção, falada ao sul do Estado de Rondônia, Brasil*. Katholieke Universiteit Nijmegen. Nijmegen, Holanda, 2004. Disponível em: <<http://www.bandavisual.org/docs/kanoe/Laercio%20Nora.pdf>>. Acesso em: 21 mai. 2010. 12:10.

BASÍLIO, M. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 1989.

BERGMAN, B. e DAHL, O. *Ideophones in Sign Languages? The Place of Reduplication in the Tense-Aspect System of the Swedish Sign Language*. In BACHE, Carl, BASBOLL, Hans e LINDBERG, Carl-Erik (eds.). *Tense, Aspect and Action: Empirical and Theoretical Constructions to Language Typology*. Berlim, 1994.

BRASIL. *Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 27 jan. 2011. 15:15.

_____. *Lei 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, 24 abr. 2002. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 02 nov. 2010. 14:00.

BRITO, R. H. P. de. *Teoria dos Protótipos: um Princípio Funcionalista*. In: Todas as Letras, n. 1, p. 71-79. São Paulo, 1999. Disponível em <<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&ved=0CE8QFjAC&url=http%3A%2F%2Fwww3.mackenzie.br%2Feditora%2Findex.php%2Ftl%2Farticle%2Fdownload%2F881%2F634&ei=c0oIUNuXFajH6gGjjICoBw&usg=AFQjCNHemuF4o1j1n0DmUkhvJaJR5QdPGw&sig2=uXDjWIJBpfgkUTfDoEDdIA>>. Acesso em 10 ago. 08 2012. 09:00.

BYBEE, J. In: MARONEZE, B. O. *A Nominalização no continuum entre flexão e derivação*. Disponível em:

<www.fflch.usp.br/dl/vi/enapol/trabalhos/MARONEZE.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2012. 15:20.

CASTRO, A. R. de & CARVALHO, I. S. de. *Comunicação por Língua Brasileira de Sinais*. Editora SENAC. Brasília, 2005.

CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. MIT Press. 1995a.

CRYSTAL, D. *A Dictionary of Linguistics and Phonetics*. 6ª edição. Blackwell Publishing. UK, 2008.

DAHL, O. *Ideophones in Sign Language? The place of reduplication in the tense aspect system of Swedish Sign Language*. Disponível em: <http://www.ling.su.se/polopoly_fs/1.20941.1309355152!/menu/standard/file/ideophonessl.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2011. 17:38.

DEFENDI, C. L. *Reduplicação e Gramaticalização: algumas análises*. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slp02/06.pdf>>. Acesso em: 12 mai. 2010. 11:23.

_____. *Repetição, redobro e reduplicação em uma perspectiva histórica*. In: Domínios de Linguagem, Revista Eletrônica de Linguística. Ano I, nº 2, 2º semestre de 2007. Disponível em: <www.dominiosdelinguagem.org.br>. Acesso em: 12 mai. 2010. 11:25.

DIONÍSIO, A. P. *Linguística II*. IESDE Brasil S.A. Curitiba, 2008.

DOWNING, L. J. *Tone (Non-)Transfer in Bantu Verbal Reduplication*. In: Typology of African Prosodic Systems Workshop. Bielefeld University, Germany, 2001. Disponível em: <<http://www.spectrum.uni-bielefeld.de/TAPS/Downing.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2010. 12:03.

DUBOIS, J. et al. *Dicionário de Linguística*. Traduzido pelo Prof. Dr. Izidoro Blikstein da Universidade de São Paulo. Editora CILTRIX. São Paulo, 1973.

ESPERANÇA, J. P. T. *Inventário de fonemas do tétum, um olhar sobre a sílaba e algumas questões sobre reduplicação*. In: Estudos de Linguística Timorense. Associação de Cooperação para o Desenvolvimento. Portugal, 2001. Disponível em: <http://webzoom.freewebs.com/jpesperanca/ling_timor.pdf>. Acesso em: 21 mai. 2010. 11:56.

FALLON, P. D. *Consonant Mutation and Reduplication in Blin Singulars and Plurals*. In: Selected Proceedings of the 35th Annual Conference in African Linguistics: African Languages and Linguistics in Broad Perspectives. Cascadilla Proceedings Project. Somerville, MA, 2006. Disponível em: <<http://www.lingref.com/cpp/acal/35/paper1302.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2010. 12:06.

FELIPE, T. *Libras - Histórico Nacional, retirado de Libras em Contexto*. Disponível em: <http://www.feneis.org.br/page/libras_nacional_integra.asp>. Acesso em: 02 nov. 2010. 16:37.

FELIPE, T. A.. *Os Processos de Formação de Palavras na Libras*. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.200-217, 2006. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/1642/1489>>. Acesso em: 13 jun. 2011. 16:28.

FERREIRA, C. M. de P. *A construção de narrativas de crianças surdas em segunda língua: refletindo o atendimento fonoaudiológico sob a perspectiva sócio histórica*. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/enil/pdf/75_Carolina_MPF.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2011. 15:31.

FERREIRA, R. G. *A hipótese de corporificação da língua: o caso de cabeça*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Letras Vernáculas), Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas, na área de concentração Língua Portuguesa, sob orientação da profa. Maria Lúcia Leitão de Almeida. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em <www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/FerreiraRG.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2012. 09:15.

FERREIRA-BRITO, L. *Estrutura Linguística da Libras*. UFRJ. Rio de Janeiro, 1990.

_____. *Por uma Gramática de Língua de Sinais*: Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.

_____. *Repetição e reduplicação em Língua Brasileira de Sinais*. UFRJ e MEC. Papian. Rio de Janeiro, 2001.

FINAU, R. *Possíveis encontros entre cultura surda, ensino e linguística*. In: Estudos Surdos I. Série pesquisas. Arara Azul. Petrópolis, 2006.

FIORIN, J. L. (org.) *Introdução à linguística* (vol. 2). 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

from *ESCOL* '99, 1999. Disponível em: <<http://mendota.english.wisc.edu/~raimy/papers/raimy1999.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2010. 12:06.

GESSER, A. *Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da Língua de Sinais e da realidade surda*. Parábola Editora. São Paulo, 2009.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 1990.

GOMES, D. M. *Estudo Morfológico e Sintático da língua Mundurukú (Tupi)*. Tese apresentada ao Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernácula da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Linguística. Brasília, 2006.

_____. *Reduplicação verbal em Mundurukú*. In: CABRAL, A. S. A. C; RODRIGUES, A. Línguas e culturas dos povos Tupí. Campinas: Curt Nimuendaju, 2007.

GONÇALVES, C. A. *Usos Morfológicos: Os Processos Marginais de Formação de Palavras em Português*. Revista Gragoatá, p; 219-242. Niterói, 2006. Disponível em: <<http://www.uff.br/revistagragoata/revistas/gragoata21web.pdf>>. Acesso em: 12 mai. 2010. 11:20.

Graz Database on Reduplication. Disponível em: < <http://reduplication.uni-graz.at/>> Acesso entre 15 fev. 2010 e 20 jan. 2012.

HASPELMATH, M. *Understanding morphology*. Londres: OUP, 2002.

HOUAISS. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 3.0. Versão digital*. Objetiva. 2009.

HYMAN, L. M., INKELAS, S. & SIBANDA, G. *Morphosyntactic Correspondence in Bantu Reduplication*. Universidade da Califórnia, 1998. Disponível em: <http://linguistics.berkeley.edu/~hyman/Ndebele_Redup_final_rev.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2010. 12:01.

INKELAS, S. *Morphological Doubling Theory: Evidence for morphological doubling in reduplication*. Disponível em: <<http://linguistics.berkeley.edu/~inkelas/Papers/StudiesOnRedupInkelas2005.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2010. 12:08.

KAPLAN, A. F. *Tonal and Morphological Identity in Reduplication*. Disponível em: <<http://home.utah.edu/~u0698410/files/bls2006.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2010. 12:07.

KATAMBA, F. *Prosodic Morphology. Morphology*. New York: Maxmillian, 1990.

KIMPER, W. *Syntactic Reduplication and the spellout of movement chains*. 2008. Disponível em: <http://people.ucsc.edu/~wkimper/syntactic_reduplication.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2010. 12:07.

KIPARSKY, P. *Reduplication in Stratal OT*. Disponível em: <<http://www.stanford.edu/~kiparsky/Papers/reduplication.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2010. 12:04.

KLIMA, E. & BELLUGI, U. *The Signs of language*. Cambridge, MA: Harvard University, 1979.

KOUL, O. N. *Reduplication in Kashmiri*. Disponível em: <<http://iils.org/pdf/Reduplication.pdf>>. Acesso em: 01 jun. de 2010. 12:01.

LAUCAS, G. *A Interação e a Construção da Linguagem em Rede: Uma análise das ocorrências morfossintáticas do Português no “chat”*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixfelin/trabalhos/pdf/05.pdf>>. Acesso em: 21 mai. 2010. 12:00.

LEE, A. P. *Reduplication and Odor in Four Formosan Languages*. In: *Language and Linguistics* 11.1; 99-126. 2010. Disponível em:

<http://www.ling.sinica.edu.tw/files/publication/j2010_1_04_5684.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2010. 12:05.

_____. *Rightward Reduplication in Formosan Languages Revisited*. In: UCLA Working Papers in Linguistics, n° 12. 2005. Disponível em: <http://www.linguistics.ucla.edu/faciliti/wpl/issues/wpl12/papers/lee_afla12.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2010. 12:08.

LEITE, T. de A. *A segmentação da Língua Brasileira de Sinais (Libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do Título de Doutor em Letras. São Paulo, 2008.

LIMA, C.G.M. de; DUPAS, G.; OLIVEIRA, I de; KAKEHASHI, S. *Pesquisa etnográfica: iniciando sua compreensão*. Rev. Latino-am. enfermagem, Ribeirão Preto, V4, n. 1, p.21-30. Janeiro, 1996.

LOBATO, L. M. P. *Sintaxe gerativa do português: da teoria padrão à regência e ligação*. Virgília. Belo Horizonte, 1986.

LYONS, J. *Linguagem e Linguística: uma introdução*. Guanabara. Rio de Janeiro, 1987.

MELO, H. de F. F. *Ideofones: um estudo no falar paraense*. Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal do Pará, sob orientação da Professora Doutora Regina Célia Fernandes Cruz. Belém, 2007. Disponível em: <pt.scribd.com/doc/59810537/18/Iconicidade>. Acesso em: 09 jan. 2012. 18:00.

MISTICA, M., ANDREWS, A. & ARKA, I. W. *Double Double, Morphology and Trouble: Looking into Reduplication In Indonesian*. Disponível em: <http://www.alta.asn.au/events/alta2009/pdf/ALTA2009_06.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2010. 12:07.

MOREIRA, A. B. *Apostila Básica de Libras. Vol. III*. Disponível em: <<http://www.filestube.com/DIViSuw7gefnO5nvWmjfw/APOSTILA-DE-LIBRAS-III.html>>. Acesso em: 24 jan. 2012. 17:05.

NADARAJAN, S. *A crosslinguistic Study of Reduplication*. In: A Crosslinguistic Study. Arizona Working Papers in SLAT, vol. 13. EUA. Disponível em: <<http://www.coh.arizona.edu/AWP/AWP13/AWP13%5BNadarajan%5D.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2010. 12:01.

OLIVEIRA, C. C. de & CUNHA, K. M. M. B. *Concordância verbal em Língua de Sinais e suas implicações na escrita da segunda língua*. Revista Online de Literatura e Linguística. Revista Eutomia, Ano II, n° 01. Disponível em: <<http://www.revistaeutomia.com.br/volumes/Ano2-Volume1/linguistica-artigos/Concordancia-Verbal-em-Lingua-de-Sinais-e-suas-Implicacoes-na-Escrita-da>>

segunda-Lingua_Christiane-Cunha-de-Oliveira-e-Karina-Miranda-Machado.pdf>.
Acesso em: 21 mai. 2010. 12:00.

PACHECO, J. e ESTRUC, R. *Curso Básico da Libras (Língua Brasileira de Sinais)*. Disponível em: <www.surdo.org.br>. Acesso em: 24 jan. 2012. 17:00.

PASSOS, R. *Aspectos Linguísticos da Surdez*. Disponível em: <http://www.cultura-sorda.eu/resources/Passos_Aspectos-linguisticos_da_surdez_2008.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2010. 11:38.

PETTER, M. *Morfologia*. In.: FIORIN, J. L. (org.) *Introdução à linguística* (vol. 2). 4. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

PFAU, R. e STEINBACH, M. *Pluralization in Sign and in Speech: A Cross-Modal Typological Study*. In *Linguistical Typology*. 2006. Disponível em: <<http://www.deepdyve.com/lp/de-gruyter/pluralization-in-sign-and-in-speech-a-cross-modal-typological-study-0xGqeWym00>>. Acesso em: 14 dez. 2011. 10:00.

QUADROS, R. M. & KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos*. Porto Alegre. Artmed. 2004.

QUADROS, R. M. e PIZZIO, A. L. *Aquisição da Língua de Sinais*. Texto-base da Disciplina de Aquisição da Língua de Sinais utilizado no Curso de Bacharelado em Letras Libras. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.

QUADROS, R. M. et al. *Língua Brasileira de Sinais I, Texto-base*. Florianópolis. UFSC. 2009.

RABELO, A. S. *Libras: Aspectos linguísticos e uso na terapia fonoaudiológica*. Revista Estudos, v. 33, n. 5/6. P. 369-384. Goiânia, 2006.

RAIMY, E. *Strong syllable reduplication in Mokilese*. In: *Proceedings from ESCOL*. 1999.

RAMOS, C. R. *Língua de Sinais e Literatura: uma proposta de trabalho de Tradução Cultural*. Dissertação de Mestrado Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Orientada pela Profa. Dra. Maria Amorim de Alencar. Rio de Janeiro, 1995. Disponível em: <http://www.editora-arara-azul.com.br/cadernoacademico/007_dissertclelia.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2011. 15:30.

REISS, C. & SIMPSON, M. *Reduplication as Projection*. Concordia University, 2009. Disponível em: <<http://0branch.net/linguistics/pdf/projection-paper.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2010. 12:02.

SANTOS, L. *Eliminação dos Segmentos Fonológicos da Língua Suyá*. Disponível em: <<http://www.etnolingustica.org/artigo:santos-2009>>. Acesso em: 12 mai. 2010. 11:40.

SILVA, A. V. T. de & SILVA, A. J. D. *O Processo de Formação de Palavras dos Hipocorísticos derivados de antropônimos*. Revista Ao pé da Letra. 2: 1-7, 2000. Disponível em:

<http://www.revistaopedaleta.net/volumes/vol%202/Alyne_Silva_&_Amanda_Silva--O_processo_de_formacao_de_palavras_dos_hipocoristicos_derivados_de_antroponimos.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2012. 11:41.

SILVA, C. L. *A criatividade na escrita dos alunos de língua materna: uma proposta de teorização e de abordagem pedagógica*. Faculdade de Letras da Universidade de Porto. Porto, 2006.

SILVA, F. J. et al. *Aprendendo Libras como Segunda Língua. Nível Básico. Caderno Pedagógico I*. Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina – CEFET/SC. Núcleo de Pesquisas em Educação de Surdos – NEPES. Santa Catarina, 2007.

_____. *Aprendendo Libras como Segunda Língua. Nível Intermediário. Caderno Pedagógico II*. Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina – CEFET/SC. Núcleo de Pesquisas em Educação de Surdos – NEPES. Santa Catarina, 2007.

SILVA, M. C. F. & SELL, F. F. S. *Algumas notas sobre compostos em Português Brasileiro e em Libras*. Disponível em: <<http://www.linguistica.fflch.usp.br/sites/linguistica.fflch.usp.br/files/FIGUEIREDOSILVA-SELL.pdf>>. Acesso em: 12 mai. 2010. 11:39.

SILVA, M. C. F. *Morfologia, texto base*. Florianópolis. UFSC, 2009.

SKINNER, T. R. *Morphological Optionality in Reduplication: A Lowering Account*. In: Proceedings of the 26th West Coast Conference on Formal Linguistics. Cascadilla Proceedings Project. Somerville, MA, 2008. Disponível em: <<http://www.lingref.com/cpp/wccfl/26/paper1698.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2010. 12:02.

SPENCER, A. *Morphological Theory: An introduction to word structure in generative grammar*. Oxford, Basil Blackwell, 1991.

STOKOE, W. C. *Sign Language structure*. Silver Spring: Linstok Press, 1978.

STROBEL, K. *As imagens do outro sobre a Cultura Surda*. Editora da UFSC. Florianópolis, 2008.

STROBEL, K. L. & FERNANDES, S. *Aspectos Linguísticos da Libras*. Curitiba. SEED/SUED/DEE. 1998.

SUTTON, V. *Um Sistema de Escrita para Língua de Sinais*. Tradução parcial e adaptação do Inglês/ASL para Português/LIBRAS do livro “Lessons in SignWriting”, publicado originalmente pelo Deaf Action Committe for SignWriting – DAC, traduzido por Marianne Rossi Stumpf, com colaboração de Antonio Carlos da Rocha Costa e Ronice Muller de Quadros. Apoio: Projeto SignNet, CNPq/ProTeM – UCPel/PUCRS/ULBRA. Disponível em: <<http://www.signwriting.org/archive/docs5/sw0472-BR-Licoes-SignWriting.pdf>>. Acessado em: 22 mar. 2012. 11:25.

TRAVIS, L. *A syntactician's view of reduplication*. McGill University. In: Proceedings of AFLA VI. Disponível em: <<http://twpl.library.utoronto.ca/index.php/twpl/article/view/6295>>. Acesso em: 01 jun. 2010. 12:04.

URBANCZYK, S. *Double Reduplications in Parallel*. Disponível em: <<http://roa.rutgers.edu/files/73-0000/73-0000-URBANCZYK-0-0.PDF>>. Acesso em: 01 jun. 2010. 12:03.

VIALLI, L. de A. D. *A Reduplicação no Baby Talk: Uma análise pela Morfologia Prosódica*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/VialliLAD.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2011. 15:45.

_____. *A Reduplicação de base verbal no português: uma análise pela Gramática das Construções*. Disponível em: <<http://dc230.4shared.com/doc/887IJJLuq/preview.html>>. Acesso em: 12 dez. 2011. 15:30.

VIOTII, E. *Temática 4: Linguística Geral*. Texto utilizado no Curso de Licenciatura em Letras Libras, na Disciplina de Introdução aos Estudos Linguísticos. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/hiperlab/avalibras/moodle/prelogin/adl/fb/logs/Arquivos/textos/introducao_aos_estudos_linguisticos/4_Linguistica_Geral.pdf>. Acesso em: 21 mai. 2010. 11:50.

WEB. *Aprendendo Libras: uma viagem ao mundo visual e especial*. Disponível em: <<http://aprendolibras.blogspot.com/2009/03/qual-diferenca-entre-alfabeto-manual-e.html>> Acesso em: 01 jan. 2010. 10:45.

XAVIER, A. N. *Descrição Fonético-Fonológica dos Sinais da Língua de Sinais Brasileira (Libras)*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Linguística sob orientação da Profa. Dra. Evani de Carvalho Viotti. São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.cultura-sorda.eu/resources/Tesis_+Xavier_2006.pdf> Acesso em: 14 dez. 2011. 15:30.

_____. *Variação fonológica da Libras: um estudo da alternância no número de articuladores manuais envolvidos na produção de sinais*. Disponível em: <<http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/seta/article/viewFile/1934/1507>>. Acesso em: 14 dez. 2011. 15:30.

YU, A. C. L. *Reduplication in English Homeric Infixation*. Disponível em: <<http://washu.uchicago.edu/pub/nels34.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2010. 12:07.